



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

LUÍS GUSTAVO DAS MERCÊS MUNIZ

**O CONHECIMENTO E SUA APLICAÇÃO NA VIDA PRÁTICA: REFLEXÕES
PARA O ENSINO DE FILOSOFIA SOB A ÓTICA DA ANTROPOLOGIA E DA
PEDAGOGIA KANTIANA**

Recife

2022

LUÍS GUSTAVO DAS MERCÊS MUNIZ

**O CONHECIMENTO E SUA APLICAÇÃO NA VIDA PRÁTICA: REFLEXÕES
PARA O ENSINO DE FILOSOFIA SOB A ÓTICA DA ANTROPOLOGIA E DA
PEDAGOGIA KANTIANA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Licenciatura em Filosofia da
Universidade Federal de Pernambuco, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciatura em Filosofia.

Orientador (a): Suzano de Aquino Guimarães

Recife

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Muniz, Luís Gustavo das Mercês.

O conhecimento e sua aplicação na vida prática: reflexões para o ensino de filosofia sob a ótica da antropologia e da pedagogia kantiana / Luís Gustavo das Mercês Muniz. - Recife, 2022.

80

Orientador(a): Suzano de Aquino Guimarães

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Filosofia - Licenciatura, 2022.

1. Immanuel Kant. 2. Antropologia Pragmática. 3. Conhecimento do Mundo. 4. Ensino de Filosofia. 5. Teleologia. I. Guimarães, Suzano de Aquino. (Orientação). II. Título.

100 CDD (22.ed.)

LUÍS GUSTAVO DAS MERCÊS MUNIZ

**O CONHECIMENTO E SUA APLICAÇÃO NA VIDA PRÁTICA: REFLEXÕES
PARA O ENSINO DE FILOSOFIA SOB A ÓTICA DA ANTROPOLOGIA E DA
PEDAGOGIA KANTIANA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Licenciatura em Filosofia da
Universidade Federal de Pernambuco, como
requisito parcial para obtenção do título de
Licenciatura em Filosofia.

Aprovado em: 24/10/2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Suzano de Aquino Guimarães (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Thiago André Moura de Aquino (Examinador)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Cornélio Matos (Suplente)
Universidade Federal de Pernambuco

*Dedico este trabalho aos meus queridos pais,
por tudo que eles têm feito por mim ...*

AGRADECIMENTOS

Agradeço especialmente à Deus e a minha Família pela força e o apoio em todos os momentos de minha vida. Também agradeço a todos que se envolveram direta e indiretamente com este trabalho, para que o mesmo se realizasse e sua mensagem pudesse fazer parte do mundo.

O que é um homem, se seu mais alto bem e seu uso do tempo é dormir e comer? Um bicho, apenas isso. De certo quem nos deu essa fala tão ampla que olha para o antes e o depois, não nos deu essa destreza toda, essa razão divina para que mofasse em vão. Hamlet, Ato IV, Cena IV (SHAKESPEARE, 2015, p.151)

RESUMO

Este trabalho discute a distinção entre o Conhecimento Escolástico e o Conhecimento do Mundo nas *Lições de Antropologia* de Immanuel Kant e o papel do conhecimento antropológico pragmático na *aplicação* das habilidades e dos conhecimentos aprendidos pelo ser humano em sua atuação no mundo. A discussão sobre a aplicação dos conhecimentos está presente também entre as ideias que Kant tinha de uma educação com aspectos pragmáticos, a qual se volta para o desenvolvimento de suas *disposições naturais*, mas também para o *direcionamento* do homem a fim de que ele use suas capacidades e atue como um *cidadão do mundo*. A presente investigação busca revelar o papel da antropologia pragmática não apenas na orientação das pessoas no uso de suas faculdades, mas também na aplicação que o homem dá aos conhecimentos e habilidades escolásticas tendo em vista o uso destes enquanto meios para a realização dos fins da razão. Outrossim, observa-se ao longo deste trabalho que Kant fez uma importante reflexão sobre o papel da filosofia (a qual compreende também a antropologia), ao ensinar cada pessoa a exercer livremente seu pensamento e a orientar-se no mundo. A pesquisa trata também de alguns aspectos de como o pensamento de Kant lida com a *transmissão da filosofia*, tendo em vista seu uso para a *formação* do ser humano e sua *autonomia*, uso este que se vincula aos fins assumidos por sua razão prática no curso de suas realizações no mundo.

Palavras-chave: Immanuel Kant; Antropologia Pragmática; Conhecimento do Mundo; Teleologia; Educação; Ensino de Filosofia.

Knowledge and its application in practical life: Reflections on the Teaching of Philosophy in light of Kant's Anthropology and Pedagogy

ABSTRACT

This work discusses the distinction between Scholastic Knowledge and Knowledge of the World in Immanuel Kant's *Anthropology Lessons*. It also discusses the role of pragmatic anthropological knowledge in the *application* of skills and knowledge learned by human being in his performance in the world. The discussion about the application of knowledge is also present among the ideas that Kant had of an education with pragmatic aspects, which turns to the development of its *natural dispositions*, for the *guidance* of the human being, so that he uses his abilities and acts as a *citizen of the world*. The present investigation seeks to reveal the role of pragmatic anthropology not only in guiding people in the use of his faculties, but also in the application that they give to scholastic knowledge and skills, having in mind their use as means for the achievement of the ends of reason. Furthermore, it is observed throughout this work that Kant made an important reflection on the role of Philosophy - which also includes anthropology -, in teaching each person to freely exercise him thinking and orient himself in the world. This study also deals with some aspects of how Kant's thinking deals with the *transmission of Philosophy*, in view of its use for the *formation* of the human being and his *autonomy*. Such use is linked to the ends assumed by his practical reason in the course of his accomplishments in the world.

Keywords: Immanuel Kant; Pragmatic Anthropology; Knowledge of the World; Teleology; Education; Teaching of Philosophy.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Anth	Anthropologie in pragmatischer Hinsicht (AA 07) [Antropologia de um ponto de vista pragmático]
Br	Briefe (AA 10-13) [Correspondências]
GMS	Grundlegung zur Metaphysik der Sitten (AA 04) [Fundamentação da Metafísica dos Costumes]
KrV	Kritik der reinen Vernunft (zu zitieren nach Originalpaginierung A/B) [Crítica da Razão Pura]
KU	Kritik der Urteilskraft (AA 05) [Crítica da Faculdade do Juízo]
Log	Logik (AA 09) [Lógica]
MS	Die Metaphysik der Sitten (AA 06) [Metafísica dos Costumes]
NEV	Nachricht von der Einrichtung seiner Vorlesungen in dem Winterhalbenjahre von 1765-1766 (AA 02) [Notícia do Prof. Immanuel Kant sobre a organização de suas preleções no Semestre de Inverno de 1765-1766]
Päd	Pädagogik (AA 09) [Sobre Pedagogia]
PG	Physische Geographie (AA 09) [Geografia Física]
TP	Über den Gemeinspruch: Das mag in der Theorie richtig sein, taugt aber nicht für die Praxis (AA 08) [Sobre a expressão corrente: Isto pode ser correto na teoria, mas nada vale na pratica]
V-Anth/ Busolt	Vorlesungen Wintersemester 1788/1789 Busolt (AA 25) [Lição de Antropologia Busolt]
V-Anth/ Collins	Vorlesungen Wintersemester 1772/1773 Collins (AA 25) [Lição de Antropologia Collins]
V-Anth/Friedl	Vorlesungen Wintersemester 1775/1776 Friedländer (AA 25) [Lição de Antropologia Friedländer]
V-Anth/Mensch	Vorlesungen Wintersemester 1781/1782 Menschenkunde, Petersburg (AA 25) [Lição de Antropologia Menschenkunde]
V-Anth/Mron	Vorlesungen Wintersemester 1784/1785 Mrongovius (AA 25) [Lição de Antropologia Mrongovius]
V-Anth/Pillau	Vorlesungen Wintersemester 1777/1778 Pillau (AA 25) [Lição de Atropologia Pillau]
WA	Beantwortung der Frage: Was ist Aufklärung? (AA 08) [Resposta à pergunta: “O que é o Iluminismo?”]
ZeF	Zum ewigen Frieden (AA 08) [À Paz Pépetua]

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	SOBRE O CONHECIMENTO ESCOLÁSTICO E O CONHECIMENTO DO MUNDO	13
3	SOBRE O USO DO CONHECIMENTO ANTROPOLÓGICO NA APLICAÇÃO DO CONHECIMENTO ESCOLÁSTICO E SEU PAPEL NA EDUCAÇÃO PRÁTICA E NO DIRECIONAMENTO DO HOMEM NO MUNDO	33
4	SOBRE O CONHECIMENTO ANTROPOLÓGICO DAS CAPACIDADES HUMANAS E SUA APLICAÇÃO NO EXERCÍCIO FILOSÓFICO, NO ENSINO DE FILOSOFIA E NA ORIENTAÇÃO DO HOMEM NO MUNDO	51
5	CONCLUSÃO	76
	REFERÊNCIAS	78

1 INTRODUÇÃO

Este breve e singelo trabalho de conclusão de curso dará ao leitor a impressão de que estamos de algum modo a responder algumas perguntas (que muitas vezes fazemos ou que nunca fizemos a nós mesmos) e que soam parecidas com as seguintes: “Por que a educação deveria se preocupar com a aplicação, ao longo da vida e no curso do mundo, das habilidades e dos conhecimentos adquiridos pelos alunos? O que de fato pode orientar o homem na aplicação de sua aprendizagem ao longo vida? Como o ensino de filosofia se compromete na aplicação dos conhecimentos filosóficos e na orientação de outros tipos de conhecimento? Existe algum papel a ser desempenhado pela antropologia (em sentido pragmático) no ensino de filosofia, para um melhor aplicação das habilidades e dos conhecimentos aprendido? Por que os estudantes precisam aprender habilidades, ou ainda, o que justificaria a aquisição de toda aprendizagem filosófica e de outras formas de conhecimento ensinadas pela escola? Além disso, qual das alternativas o ensino de filosofia deveria enfatizar mais: o conteúdo ou o desenvolvimento das capacidades do aluno? Por fim, qual seria o lugar da autonomia do estudante no seu processo de aprendizagem?”

Para todas essas perguntas, que se conectam umas com as outras, entregamos aqui algumas reflexões que pretendem lançar *algumas respostas*, baseadas no pensamento de Immanuel Kant, e que se encontram em alguns de seus textos, esboçadas direta ora indiretamente, às vezes presente de forma implícita ora explícita, mas que parecem de forma geral expalhadas em vários lugares de sua obra, porém não menos articulada e revelando uma questão central. Estas respostas constituem o argumento que respondem a esta questão, a qual é o fio condutor de nossa investigação (e sob a qual todas aquelas perguntas acima estão subsumidas) e que a formulamos assim: *Poderia o conhecimento da natureza humana de um ponto de vista pragmático auxiliar na aplicação (no uso) das habilidades e conhecimentos e, assim, contribuir para a formação do homem, sua orientação no mundo e mesmo para aprender a filosofar e a ensinar a filosofia?* Para essa pergunta central, fio condutor de nossas indagações, levantamos a tese onde defendemos que: *O conhecimento antropológico é fundamental para o direcionamento do homem no mundo, para a aplicação de toda sua aprendizagem sobre si mesmo e sobre os objetos no mundo e, em última instância, pode exercer uma marcante influência até mesmo na forma como se aprende a filosofar e se ensina a filosofia.*

A fim de entendermos melhor os desdobramentos que explicitam os argumentos da defesa da tese acima, dividimos este breve trabalho em três capítulos. No primeiro, discutiremos a distinção entre conhecimento escolástico e o conhecimento do mundo (a partir de algumas

observações extraídas das preleções de antropologia dadas por Kant e anotadas por alguns de seus alunos). Veremos o que é o *conhecimento do mundo*, qual sua relação com a antropologia (pragmática) e qual papel tal forma de conhecimento joga diante das aquisições escolásticas. Em outras palavras, qual o papel da *aplicação* do conhecimento antropológico pragmático diante do conhecimento escolar – técnico, acadêmico, científico. Ademais, discutiremos, de forma breve, qual o propósito da aplicação de todo conhecimento e habilidade do homem tendo em vista seu lugar no mundo. No segundo capítulo, faremos observações sobre o papel da educação na formação do homem, mais especificamente no *direcionamento* deste no decurso de suas ações ao longo de sua existência no mundo. Destacaremos como o conhecimento antropológico é fundamental para formação do homem e para orientar no desenvolvimento das disposições humanas. Além disso, a título de exemplo, veremos de que modo conhecer a natureza humana (de um ponto de vista pragmático) é fundamental para o uso de nossas faculdades e para uma boa aplicação de todos os conhecimentos e, neste sentido, importante também para a forma como se pretende transmitir a filosofia.

Por fim, no terceiro capítulo, ainda na esteira da aplicação dos conhecimentos, discutiremos brevemente a necessidade de um vínculo entre as aquisições escolásticas e a escolha de nossos fins racionais, os quais dão sentido e orientam no mundo o uso daquelas aquisições. Essa relação deveria pois de algum modo atravessar a forma como o ensino de filosofia deveria se realizar. Além disso, discutiremos o papel da autonomia do aluno em seu processo de aprendizagem, especialmente aqui no que diz respeito a filosofia, e porque essa autonomia está relacionada ao próprio uso que ele faz de suas faculdades, bem como à aplicação de suas habilidades e de seus conhecimentos. Tendo em vista a necessidade de se orientar no mundo, veremos porque a aprendizagem da filosofia é importante para o desenvolvimento da razão e, neste sentido, porque para Kant *aprender a filosofar* adquire um sentido vital para o aluno, enquanto este tem como destino assumir seu protagonismo no mundo. Assim, pretendemos de um modo geral com este trabalho não apenas elucidar aspectos do pensamento kantiano, mas trazer reflexões e contribuições que façam luz sobre como o homem pode se orientar bem e fazer um bom uso de seu conhecimento no mundo.

2 O CONHECIMENTO ESCOLÁSTICO E O CONHECIMENTO DO MUNDO

Poucos sabem que ao longo de muitos anos Immanuel Kant lecionou aulas de diferentes matérias, que foram anotadas por seus próprios alunos. Essas aulas revelam não apenas os conteúdos que foram abordados durante suas preleções, mas também algo de sua forma de lecionar. Elas revelam a articulação entre os diferentes assuntos tratados, mas também outras questões não menos relevantes, como a preocupação que ele tinha com relação à aplicação entre seus alunos do conhecimento que era aprendido ao longo das aulas. Desde o chamado período pré-crítico, que antecede o surgimento da *Crítica da Razão Pura*, mas também ao longo do período crítico, Kant ministrou não apenas aulas de Lógica, Metafísica, Filosofia Prática, mas também aulas de Geografia Física, Antropologia, Direito etc. O conteúdo dessas aulas se destinava aos jovens estudantes, que na época eram confiados a um tutor que os conduzissem no caminho da instrução escolástica e pragmática, a fim de que os mesmos pudessem ser preparados para habilmente transitarem pelo mundo na realização de suas empresas (conquistas) e objetivos, fossem estes os mais diferentes fins moralmente permissíveis.

Enquanto *Privatdozent*, Kant cuidava do ensino de alguns alunos que eram confiados a ele por famílias da época, a fim de que cuidasse da educação formal de alguns desses jovens. A atmosfera destas aulas dadas por ele pode ser em alguma medida observada a partir do conjunto das anotações deixadas por seus alunos. Através delas, podemos observar a importância que era conferida não apenas à aprendizagem de determinados conhecimentos e habilidades, mas sobretudo à aplicação que seus alunos deveriam dar a estes conhecimentos aprendidos. Dentre as várias lições [*Vorlesungen*] anotadas por seus alunos, é mais precisamente nas *Lições de Antropologia* que observamos este interesse sobre o tema da aplicação do conhecimento. Para Kant, o homem deveria conhecer não apenas a natureza, os seres vivos, os diferentes aspectos geográficos do mundo, a composição material dos objetos, as leis que regem os fenômenos físicos, mas deveria conhecer essencialmente o próprio homem, interessar-se pela natureza humana.

Este mesmo conhecimento antropológico também fora chamado de conhecimento do mundo [*Weltkenntniß*], pois segundo Kant a aplicação do conhecimento deveria sobretudo se dirigir para o objeto mais importante no mundo, que é o próprio homem. Conforme observamos no prefácio de sua obra *Antropologia de um ponto de vista pragmático*, Kant afirma que “Todos os progressos na civilização, pelos quais o homem se educa têm como fim que os

conhecimentos e habilidades adquiridos sirvam para o uso do mundo [...]” (*Anth*, AA 07: 119). Neste sentido, a educação do homem e os progressos da civilização giram em torno de um eixo fundamental: a aquisição de conhecimentos e habilidades para que estes sejam aplicados e utilizados neste imenso palco chamado *mundo*. Ademais, observemos que ele afirma segundo a mesma citação, que “no mundo o objeto mais importante ao qual o homem pode aplicá-los é o *ser humano*, porque ele é o seu próprio fim último” (*Anth*, AA 9: 119). Se por um lado a educação e os progressos da civilização giram em torno da aquisição de conhecimentos e habilidades, por outro lado a aplicação destes últimos gira em torno de um outro eixo fundamental: a aplicação deles pelo homem ao próprio homem, enquanto este é o objeto mais importante. Não esqueçamos aqui que o homem é seu próprio fim último, e é a ele que se destina a aplicação de tudo que ele aprende, seus conhecimentos e habilidades, enquanto encontra-se sobre aquele imenso palco.

O homem é o objeto mais importante, como fora dito por Kant, e é no mundo que ele deve agir como um ator que conquistará para si ao longo de seus atos suas próprias realizações. Para isso, ele precisará *aplicar* o conhecimento e as habilidades que ele aprende na sua própria vida, o que para isso precisará conhecer sua própria natureza para atuar no mundo. É por esta razão também que o *conhecimento antropológico* foi referido por Kant como o *conhecimento do mundo*, pois no fundo podemos pensar que o conhecimento que o homem aplica sobre si como um ser que age livremente, ele não aplica de forma isolada sem que isso envolva uma relação entre a natureza humana e *suas realizações no mundo*. Neste sentido, ao longo de suas aulas de filosofia, Kant levava para seus alunos uma proposta bastante curiosa acerca da posição que eles deveriam ter com o conhecimento aprendido e suas posições diante do mundo. Além disso, embora ele tivesse discutido tais questões em suas preleções de antropologia, estas mesmas preleções podem ser tidas como que fazendo parte do próprio conteúdo de filosofia, pois as aulas de antropologia eram tidas também como fazendo parte de sua *filosofia pura*.¹

Na realidade, o conhecimento do mundo, ou seja, das coisas que acontecem no mundo não apenas envolvia o conhecimento sobre a natureza do homem, mas também sobre a natureza das coisas, e por esta razão, um outro ramo do conhecimento era tão caro aos propósitos de Kant: a *Geografia Física*. Esta envolvia todo um programa de pesquisa que estudasse as características e a diversidade dos entes presentes na realidade espacial, pois o

¹ “Em minhas atividades de *filosofia pura*, empreendidas inicialmente de maneira livre e mais tarde a mim atribuídas como ensino, tenho ministrado ao longo de uns trinta anos dois cursos *referentes ao conhecimento mundo*, a saber: *antropologia* (no semestre de inverno) e *geografia física* (no de verão) [...]” (*Anth*, AA 07: 122).

homem não podia ser compreendido fora de seu contexto regional, sem levar em conta os mares, os ventos, os solos, a vegetação, os climas, o relevo e todas as condições físicas que cercam e determinam a vida humana, mas também os costumes e as culturas diversas dos diversos povos. A *Antropologia Pragmática* e a *Geografia Física* eram disciplinas consideradas como fazendo parte de sua filosofia pura. Na realidade, como ele mesmo afirma em sua antropologia, a filosofia deve preceder em sua parte geral aquilo que é local, pois como ele mesmo afirma: “Aqui os *conhecimentos gerais* sempre precedem os *conhecimentos locais*, caso tal antropologia deva ser ordenada e dirigida pela filosofia, sem a qual todos os conhecimentos adquiridos não podem proporcionar senão um tatear fragmentário, e não ciência” (*Anth*, AA 07: 120).

Para Kant, a antropologia deveria de algum modo ser ordenada e dirigida pela filosofia, pois o conhecimento antropológico por si só não poderia proporcionar um tal ordenamento de caráter científico à uma ciência antropológica. Neste caso, a antropologia fazia parte de um programa mais amplo orquestrado pela própria filosofia, e é neste sentido, portanto, que ao ensinar antropologia para seus alunos em suas lições, estes estavam de alguma modo numa aula de filosofia, a qual implicava em alguma medida lançar mão da filosofia para tratar de algumas questões, ordená-las e conferir a elas certa unidade. Em suas aulas, Kant defendia junto aos seus alunos que os mesmos deveriam conhecer como lidar com o mundo, o que para isso era preciso conhecer o mundo e receber as habilidades para agir sobre o mesmo. A educação nesta época servia também para que as crianças pudessem receber estas habilidades (como por exemplo, ler e escrever). Ademais, era necessário conhecer o homem e suas circunstâncias culturais e físicas, para que o homem efetivamente realizasse seus propósitos. Kant considerava, que o conhecimento só tinha seu devido valor quando aplicado e não seria possível aplicá-lo propriamente caso o homem não tivesse o conhecimento sobre ele mesmo. Portanto, o conhecimento antropológico, como já podemos observar numa passagem de uma de suas mais antigas lições datadas do inverno de 1772-1773, e baseada nas transcrições de vários alunos, é parte do conhecimento do mundo e seu papel volta-se para a aplicação das demais ciências:

O conhecimento de como aplicar as ciências é propriamente o conhecimento do mundo. O conhecimento do mundo consiste no conhecimento do ser humano, como nós podemos dar a ele o que ele almeja, etc. O conhecimento do mundo previne também a aprendizagem de se transformar num pedantismo. O conhecimento das curiosidades naturais é também contado como conhecimento do mundo. Assim, a geografia física e a antropologia constituem o conhecimento do mundo. O conhecimento do sujeito [do homem] é o fundamento de toda compreensão [cognição]. É a partir da

carência disso [do conhecimento do mundo, do conhecimento do homem] que tantas ciências práticas permanecem infrutíferas. Por exemplo, a filosofia moral [...] (V-Anth / Collins, AA 25: 09)². [tradução nossa]

Primeiramente, devemos observar que esta citação apenas chegou até nós pela própria anotação registrada por um de seus alunos, assim como muitas outras que citaremos aqui. A citação acima já é por si só uma testemunha direta do quanto a atmosfera da aplicação do conhecimento era um problema filosófico (antropológico) que permeava o contexto do ensino de Kant entre seus alunos. Ensinar filosofia era ensinar também que qualquer conteúdo filosófico que fosse discutido deveria se prender aos trilhos da aplicação para a vida humana. De início, observemos que a citação mostra que ele ensinava aos alunos que não basta apenas que as ciências produzam conhecimento, é preciso que alguma coisa mostre ao homem como aplicar estas ciências, pois elas por si só não são capazes de serem aplicáveis. Como observamos, sem o conhecimento do mundo (conhecimento antropológico) não é possível que algum conhecimento tenha algum tipo de aplicação e valor para a existência de um sujeito. Se não conhecermos também o que é o homem, como então saberemos o valor e a importância dos conhecimentos e habilidades oriundos de outras ciências? O conhecimento adquirido por meio destas é para que seja aplicado sobre o ente mais importante no mundo, para seu desenvolvimento, sua manutenção e o bem-estar deste ente: o ser humano. O conhecimento do mundo é o que orientará o uso que deve ser feito das outras formas de saber, pois é preciso conhecer a natureza deste ente conhecedor das coisas, o homem, construtor da própria ciência, a fim de verdadeiramente aplicar os conhecimentos e habilidades, sem o que estes não terão eficácia e serão infrutíferos, mesmo para o cumprimento da própria moralidade.

Notemos, segundo a referida citação extraída das primeiras transcrições das *Lições de Antropologia*, que quando o conhecimento é meramente produzido a fim de ser ostentado sem qualquer utilidade, isso conduz o homem a aquilo que pelo menos desde o século dezoito se denominou de pedantismo. Numa noutra passagem da *Lição de Antropologia*, baseada desta vez nas transcrições intitulada Friedländer, datadas do inverno de 1775-76, Kant afirma o seguinte: “Quem tem muito conhecimento teórico, quem sabe muito, mas não tem habilidade para usá-lo, é instruído para a escola, mas não para o mundo. E essa habilidade chama-se

² Original: “Die Kentniß, die Wissenschaften gehörig anzuwenden, ist die Weltkentniß. Diese Weltkentniß besteht, in der Kentniß des Menschen, wie wir ihnen gefällig werden können etc. Die Weltkentniß verhütet also daß aus Gelehrsamkeit nicht Pedanterey wird. Die Kentniße der Merkwürdigkeiten der Natur, wird auch zur Weltkentniß mitgerechnet. Die physische Geographie und Anthropologie machen also die Weltkentniß aus. Die Kentniß des Subjects ist das Fundament aller Erkenntniße. Aus dem Mangel derselben, sind so viele practische Wissenschaften, unfruchtbar geblieben. zE die Moralphilosophie [...]“ (V-Anth / Collins, AA 25: 09).

pedantismo” (V-Anth /Fried, AA 25: 469) [tradução nossa].³ Em outras palavras, ter conhecimento teórico, conhecer sobre muitas coisas oriundas da escola (também da universidade), mas não saber como aplicar em seu próprio proveito ao longo de sua trajetória no mundo, isso significa apenas pedantismo.⁴ A origem desta palavra fora mencionada por Kant numa lição baseada nas transcrições de suas aulas, lição intitulada Mrongovius, desta vez no semestre de inverno de 1784-85, onde Kant afirma que a palavra vem do latim, e era usada para se referir a certos tutores domésticos, *magistri pedanei*. Ocorre que a palavra italiana *pedanto* surgiu daí de modo que o termo *magistris* foi deixado de lado. *Pedanei* fora modificado para *pendanto* e assimilado pela língua alemã para o termo *Pedant*. Para sermos mais precisos, em algumas das linhas transcritas por Mrongovius, observamos Kant fazer as seguintes declarações sobre o termo “pedante”:

Essas pessoas supostamente não deveriam ser recebidas fora de suas salas de estudo; elas, portanto, apenas aplicavam seus conhecimentos escolásticos quando estavam em relações sociais e, portanto, deram às pessoas a ocasião de chamar uma pessoa que não sabia como se conduzir a si mesma com outros seres humanos um “pedante”. Um pedante pode apenas fazer um uso escolástico de seu conhecimento porque ele não sabe como aplicar melhor e não conhece outro uso para ele. A escola é a *aquisição* de conhecimento que se deve aplicar no mundo, pois a escola nos ensina a habilidade de adquirir conhecimento, mas não de fazer uso dele para o mundo (V-Anth / Mron, AA 25: 1209)⁵. [tradução nossa]

Como percebemos de acordo com as passagens citadas, adquirir conhecimento não é tudo. É possível aprender muitas coisas sobre o mundo, mas não saber como aplicá-las de modo adequado às circunstâncias. Dessa forma, um sujeito pode ser bastante instruído, mas não saber lidar com os objetos, com as pessoas, com as adversidades da vida, com a conquista de seus objetivos, embora seja dotado de um extraordinário cabedal de conhecimento. Segundo

³ Original: “Wer viel theoretische Kenntniße hat, der viel weiß, aber keine Geschicklichkeit hat, davon einen Gebrauch zu machen, der ist gelehrt für die Schule nicht aber für die Welt. Und diese Geschicklichkeit ist die Pedanterie“ (V-Anth /Fried, AA 25: 469).

⁴ Na Lógica editada por Gottlob Benjamin Jäsche, Kant escreve o seguinte sobre o pedante: “Ou bem o pedante é, enquanto erudito, o oposto do homem do mundo e, nesta medida, é o erudito enfatado e sem conhecimento do mundo, isto é, que não sabe transmitir sua ciência; ou bem deve ser considerado, é verdade, como um homem dotado de uma habilidade geral, mas apenas em *coisas formais*, não segundo a essência e o fim. Neste último sentido, ele não passa de um *maníaco de formalidades*; limitado quanto ao âmago das coisas, ele olha apenas para a roupagem e a casca” (Log, AA 09: 46).

⁵ Original: “Diese Leute waren denn vermuthlich aus ihren Studierstuben nicht heraus zu bekommen, brachten daher wenn sie im Umgange waren nur ihre Schulkentniße an und gaben daher Gelegenheit daß man einen ieden, der nicht im Umgange mit Menschen sich zu schicken wußte einen Pedanten nante. Ein Pedant kann von seinen Kentnißen nur einen Schul Gebrauch machen, weil er sie nicht besser anzuwenden weiß und keinen andern Gebrauch kennt. Schule ist die *Erwerbung* der Erkenntniß die man in der Welt anwenden muß, denn die Schule zeigt uns die Geschicklichkeit Kentniße zu erwerben aber keinen Gebrauch für die Welt von demselben zu machen“ (V-Anth / Mron, AA 25: 1209).

Kant, a escola ainda não nos ensina a como lidar com o mundo, pois é só no mundo que propriamente aprendemos a lidar com ele.⁶ A escola aqui, ou o mero conhecimento escolástico, não ensina como fazer uso dos conhecimentos para seu próprio proveito, pois não é da competência da escola ensinar os alunos a lidar com a aplicação dos conhecimentos e das habilidades nos mais diferentes contextos, e a como jogar com aqueles conhecimentos a seu favor. A escola descreve o mundo, fornece um conhecimento técnico, um *know how* em relação à produção de alguma coisa, mas ela não é capaz por si só de dar o *discernimento da aplicação* desta coisa num dado contexto e principalmente sobre os homens (que são dotados de liberdade, diferentemente dos outros seres).⁷ Ela não nos fornece este exercício de aplicação, o qual devemos buscar fora dela ou alhures.

A fim de poder aplicar seu conhecimento, o homem deve se orientar pelo conhecimento do mundo, o qual implica saber sobre a natureza humana e como o homem pode agir sobre a mesma. Para que o homem alcance o que ele almeja – uma vez que ele é dotado da capacidade de desejar e de dar fins a si mesmo⁸, condição esta marcadamente humana e

⁶ Não devemos entender que Kant está a ofender a escola, tal como entendemos a palavra escola hoje. Pelo contrário, alguém poderia pensar, dentro de uma determinada analogia, que o mundo é a verdadeira escola (quando pensamos escola como um espaço de aprendizagem). Nossa relação com mundo nos ensina muito mais que tudo o que aprendemos na escola, afinal a escola está contida no mundo, e não o inverso. A escola é uma parte do todo, ela traz apenas um pequeno recorte do mundo, embora para muitos a escola enquanto instituição (a universidade aqui também) seja o lugar central da aquisição dos meios de como melhor lidar com o mundo, no lugar desta posição ser naturalmente o próprio mundo e tudo o que este comporta. Esta observação não deve diminuir a importância da escola, mas lembrar que não é razoável superestimá-la.

⁷ Observemos, que o juízo e tudo que está relacionado ao discernimento é necessário para que o homem possa se relacionar bem em seu curso no mundo e aplicar convenientemente seu conhecimento. Diferentemente do homem do mundo é o homem que não consegue aplicar seu aprendizado, o pedante, aquele que apenas usa seu conhecimento escolástico sem discernir o contexto. Ainda na esteira da diferença entre conhecimento do mundo e conhecimento escolástico, vejamos o que esta passagem das *Lições de Antropologia Menschenkunde* diz sobre a falta da *capacidade de discernimento*: “Aquele que faz um uso escolástico de seu conhecimento é um pedante. Ele sabe apenas designar seus conceitos com as expressões técnicas da escola e se comunica meramente com expressões eruditas. Ele faz um uso meramente escolástico de seu conhecimento no mundo; mas aqui, a fim de entender também o outro, deve-se sempre aplicar apenas seu conhecimento popular, e não unicamente a erudição do conhecimento profissional. Ri-se, quando os pedantes trazem seus conhecimentos assim de forma inadequada, que eles façam um uso escolástico deles no mundo; pois não há nada mais engraçado do que quando alguém não mostra capacidade de discernimento (*judicium discretivum*) e não vê o que é apropriado às circunstâncias (V-Anth / Mensch, AA 25: 853). [tradução nossa]. Original: “Derjenige, der von seinen Kenntnissen einen scholastischen Gebrauch macht, ist ein Pedant, er weiß seine Begriffe bloß mit den technischen Ausdrücken der Schule zu bezeichnen und spricht bloß in gelehrten Redensarten; er macht einen Gebrauch in der Welt von bloß scholastischen Erkenntnissen, aber hier muß man seine Kenntnisse immer nur populär anzuwenden verstehen, damit auch Andere, nicht bloß Gelehrte von Profession, uns verstehen. Man lacht, wenn Pedanten ihre Kenntnisse so unschicklich anbringen, daß sie in der Welt von denselben einen scholastischen Gebrauch machen; denn man lacht über nichts mehr, als wenn einer keine Unterscheidungskraft (*judicium discretivum*) zeigt, und nicht sieht, was sich für die Umstände schickt“ (V-Anth / Mensch, AA 25: 853).

⁸ Lembremos aqui as palavras de Kant, sobre o que ele entende por fim [*Zweck*] no sentido prático de dar um fim a si mesmo: “Fim é um objecto do arbítrio (de um ser racional), mediante a representação do qual o arbítrio é determinado a uma acção dirigida a produzir este objecto. – Pois bem, eu posso, decerto, ser obrigado por outros a praticar acções que estão, como meios, dirigidas para um fim, mas nunca ser obrigado a propor-me um fim, sendo que, pelo contrário, só eu posso fazer de algo um fim (MS, AA 06: 381) [...] **Fim** é um objeto do livre arbítrio, cuja representação determina o livre arbítrio a uma acção (mediante a qual se produz aquele objeto). Toda

inalienável a outro ser humano – ele precisa saber seus limites e possibilidades, conhecer suas capacidades, para então lançar mão dos objetos e recursos que estão no mundo. Os objetos no mundo passam a fazer sentido e encontram um propósito para o homem quando ele começa a conhecer que efeitos tais objetos podem exercer sobre ele, sobre sua natureza, suas faculdades, quando revelam que impacto eles têm para o seu desenvolvimento e sua existência. Isso só é possível da forma *mais própria* quando o homem investiga sua própria *natureza pragmática*, a qual é distinta de sua *natureza fisiológica*. Conhecendo a si mesmo, enquanto ser que age livremente, o homem pode saber melhor o que fazer com o que ele conhece do mundo, com o que ele descobre no mundo, com o que ele investiga e inventa.

Segundo Kant, a investigação antropológica referida por ele é capaz de guiar as outras ciências não teria o caráter de uma investigação fisiológica, mas sim uma investigação de caráter pragmático, pois cuidaria em investigar o homem naquilo que ele pode fazer de si mesmo enquanto um ser que atua segundo sua liberdade para agir. Na *Anth*, por exemplo, ele afirma que “Uma doutrina do conhecimento do ser humano sistematicamente composta (antropologia) pode ser tal do ponto de vista *fisiológico* ou *pragmático*. – O conhecimento fisiológico do ser humano trata de investigar o que a *natureza* faz do homem; o pragmático, o que *ele* faz de si mesmo, ou pode e deve fazer como ser que age livremente (*Anth*, AA 07: 119). O que esta passagem tão significativa quer nos dizer é que a natureza determina o homem, determina seu corpo, todo um conjunto de fenômenos fisiológicos inalteráveis. Ela dotou o homem com seus limites e sua funcionalidade segundo princípios próprios, assim como fez isso com os outros seres vivos.

Contudo, a natureza fisiológica do homem não está com suas portas radicalmente fechadas para possíveis alterações e transformações, para possíveis intervenções que causem grande impacto no comportamento humano. Neste sentido, o homem ainda pode agir sobre si próprio e seu ambiente, a fim de se desenvolver, ampliar suas faculdades e obter vantagens com tudo isso. Sabemos, que não está dentro das possibilidades do homem, por exemplo, que ele voe como assim fazem os pássaros. A natureza não determinou que o homem tivesse asas. Contudo, para voar, o próprio homem não espera pela natureza, ele “pode cortar o caminho” e agir sobre si próprio (suas próprias capacidades e faculdades) sem ter que esperar que apenas a natureza seja a única coisa a agir sobre ele (determinando-o). Pelo contrário, ele pode se autodeterminar e descobrir um sem número de possibilidades ocultas no universo, que faculte

a acção tem, portanto, um fim e, dado que ninguém pode ter um fim sem se propor a si mesmo como fim o objeto do seu arbítrio, ter um fim para as ações é uma acto da liberdade do sujeito agente e não um efeito da natureza (MS, AA 06: 385).

ele criar, por exemplo, máquinas e foguetes para voar. Além disso, ele também pode encontrar tesouros ocultos nas entranhas de sua própria natureza biológica, de modo a poder manejá-los. Kant nos oferece um exemplo disso, no prefácio de sua *Anth*, tornando mais compreensível a distinção entre uma antropologia fisiológica e a sua antropologia pragmática, discorrendo as seguintes observações:

- O conhecimento fisiológico do ser humano trata de investigar o que a *natureza* faz do homem; o pragmático, que *ele* faz de si mesmo, ou pode e deve fazer como ser que age livremente. - Quem medita sobre as causas naturais em que, por exemplo, a faculdade de recordar pode se basear, pode argumentar com sutilezas (seguindo Descartes) sobre os traços deixados no cérebro pelas impressões das sensações sofridas, mas tem de confessar que é mero espectador nesse jogo de suas representações, e que tem de deixar a natureza agir, porque não conhece as fibras e nervos cefálicos, nem sabe manejá-los para seu propósito, ou seja, tem de confessar que nada se ganha com todo raciocínio teórico sobre esse assunto. - - Mas se para ampliar a memória ou torná-la ágil, ele utiliza as percepções sobre o que considerou prejudicial ou favorável a ela, e para tanto precisa do conhecimento do ser humano, isso constitui uma parte da antropologia de um ponto de vista *pragmático*, e precisamente desta nos ocupamos aqui (*Anth*, AA 07: 119,120).

Como podemos perceber, as causas da memória são um objeto de uma ciência específica que estuda o homem de um ponto de vista fisiológico. O conhecimento escolástico buscará descrever o que se passa em nosso sistema nervoso e mostrará os princípios que regulam nosso cérebro, estudando as impressões que afetam o mesmo. Neste caso, o homem observará a si mesmo, prestará atenção em suas representações, suas lembranças e tentará entender como estas estão de algum modo relacionadas as fibras e nervos cefálicos. Assim, quem até então conhece bem todo este processo apenas será considerado apenas um *espectador* da natureza humana, porque entendeu mais ou menos bem o funcionamento de um fenômeno que lhe ocorre. Embora o ato de conhecer seja um ato ativo, um ato de construção de conclusões e de compreensão das relações entre as causas e os efeitos, ainda assim um cientista ao pesquisar é passivo, e isto, porque ao olhar para o conhecimento adquirido ele é apenas um espectador de suas conclusões acerca de sua pesquisa. Quem investiga o mundo e contempla seu conhecimento, muitas vezes (ou quase sempre) passível de revisão, se comporta no palco do mundo enquanto um espectador, pois apenas se serve do conhecimento escolástico acerca do homem. Aqui, um tal pesquisador se encontra no campo da antropologia fisiológica, no lugar de uma antropologia pragmática.

Esta posição de espectador ainda não confere ao homem a capacidade de manejar aquele ou este conhecimento e habilidade. Contudo, quando o homem conhece como ele pode

ampliar sua memória, quando ele age sobre aquilo que pode favorecê-la ou descobre o que em sua natureza pode ampliar esta sua capacidade e torná-la ágil, então o homem passa a assumir um papel ativo em seu destino perante o conhecimento e a habilidade que conquistou. Neste sentido, o homem não está mais no campo do conhecimento escolástico, mas sim no âmbito do conhecimento do mundo, no campo de uma antropologia pragmática. Se o homem reúne o conjunto das percepções e representações (resultantes de sua experiência) que podem prejudicar e favorecer sua memória, se ele pode utilizar tais representações para manejar a mesma, segundo sua liberdade, e isto, a fim de melhor aplicar sua memória para certos propósitos e evitar a perda dela em situações desfavoráveis, então é neste sentido que o homem passa a usar seu *conhecimento escolástico* sob a orientação do *conhecimento do mundo*.

Notemos que em seu prefácio, Kant afirma o seguinte: “uma tal antropologia, considerada como *conhecimento do mundo* que deve seguir à escola não é ainda propriamente denominada *pragmática* se contém um amplo conhecimento das *coisas* no mundo” (*Anth*, AA 07: 120). O que devemos depreender desta passagem é que o homem deve adquirir primeiro habilidade e conhecimentos sobre as coisas do mundo, o que para isso desde séculos ele frequenta espaços como os mosteiros, as escolas, as universidades e outros meios. No entanto, após a aquisição destes conhecimentos, o homem deveria na sequência aprender a como lidar com o mundo, e isto, a fim de melhor saber *como* tirar maior proveito do uso de seu *conhecimento escolástico*. Ele nos conta em seu prefácio, que podemos reconhecer uma antropologia como pragmática, enquanto conhecimento do mundo, se nela encontramos um conhecimento do ser humano como *cidadão do mundo*.⁹ Este conhecimento sobre este cidadão não é um conhecimento teórico sobre os homens, mas o conhecimento pragmático sobre a atuação dos homens no mundo.

Esta forma específica de conhecimento é justamente aquilo que torna o homem um *cidadão do mundo*, lembrando que esta noção significa para Kant entre outras coisas igualdade entre os homens e uma posição cosmopolita garantida segundo o direito entre os povos.¹⁰

⁹ “Uma tal antropologia, considerada como *conhecimento do mundo* que deve seguir à escola não é ainda propriamente denominada *pragmática* se contém um amplo conhecimento das *coisas* no mundo, por exemplo, os animais, as plantas e os minerais dos diversos países e climas, mas se contém um conhecimento do ser humano como *cidadão do mundo*” (*Anth*, AA 07: 120).

¹⁰ Embora não seja nosso objetivo central discutir a noção de cidadão em Kant neste trabalho, gostaríamos apenas de indicar que na sua concepção este termo significa ser um membro de uma sociedade que goza do status de igualdade perante todos os outros homens. Portanto, importa aqui destacar algumas passagens a fim de levar o leitor a uma compreensão deste termo, ainda que mínima. Por exemplo, ele diz o seguinte em *À Paz Perpétua*: “A Constituição civil em cada Estado deve ser republicana. A constituição fundada, primeiro, segundo os princípios da liberdade dos membros de uma sociedade (enquanto homens); em segundo lugar, em conformidade com os princípios da dependência de todos em relação a uma única legislação comum (enquanto súbditos); e, em terceiro lugar, segundo a lei da igualdade dos mesmos (enquanto cidadãos), é a única que deriva da ideia do

Assim, para entender porque o conhecimento do mundo é importante para que o homem se torne um cidadão, basta por exemplo refletir a seguinte distinção que ele faz em sua *Antropologia Pragmática*: “Também as expressões “conhecer o mundo” e “possuir o mundo” diferem bastante uma da outra em sua significação, pois enquanto um indivíduo só *entende* o jogo a que assistiu, o outro *tomou parte dele*” (Anth, AA 07: 120). Neste sentido, cidadão do mundo é aquele que toma parte no jogo do mundo, e tomar parte no jogo é conquistar seu espaço nele, onde cada sujeito realizará seus fins pessoais, os quais não devem conflitar com os princípios da legalidade e nem com os da moralidade. Não basta que os homens sejam iguais para serem cidadãos, é preciso que eles efetivamente tomem parte no mundo, o que para isso é necessário aplicar os recursos que eles dispõem. Se conhecer o mundo é estar no interior de uma postura contemplativa, por outro lado *possuir* ou *ter* o mundo é conhecer-se como agindo de modo a provocar estados de coisas que possibilitem a realização de seus próprios fins racionais no mundo.

É neste sentido que devemos também entender o termo pragmático em Kant, em oposição ao termo fisiológico, pois o homem busca agir sobre objetos do mundo e, assim, alterar os estados de coisas de modo a exercer algum tipo de efeito, em última instância, sobre si mesmo (sua segurança, sua saúde, seu bem-estar, etc.). Neste sentido, conhecer o homem pragmaticamente é entender em que medida o homem através de sua liberdade, e não do determinismo da natureza, pode destravar as portas de suas capacidades e colocar-se numa posição de conduzir sua destinação em oposição aos obstáculos postos pela natureza. Apesar da grande aquisição de conhecimento e habilidade sobre as coisas do mundo, Kant ressaltava em suas lições que o homem deve aprender um outro tipo de conhecimento, sem o qual não estará apto a usar o conhecimento escolástico, como podemos observar conforme esta passagem da *Lição de Antropologia* Mrongovius, datada do semestre de inverno de 1984-1985¹¹:

contrato originário, em que se deve fundar toda a legislação jurídica de um povo – é a constituição republicana” (ZeF, AA 08:350). Ao mesmo tempo, ao falar de um cidadão do mundo, Kant tem em mente um cidadão cuja sociedade é todo o mundo. Para isso ele pensa numa: “[...] *sociedade civil mundial* (cosmopolitismus), idéia inalcançável em si que, no entanto, não é um princípio constitutivo, (da expectativa de uma paz que se mantenha em meio à mais viva ação e reação dos homens), mas apenas um princípio regulador: o de persegui-la aplicadamente como a destinação da espécie humana, não sem a fundada suposição de uma tendência natural para ela” (Anth, AA 07:331). Esta sociedade civil mundial não seria concebida fora de qualquer direito, o ser humano como cidadão gozaria de um direito específico que para ele é delineado em a Paz Perpétua da seguinte maneira: “Uma constituição segundo o direito cosmopolita (Weltbürgerrecht), enquanto importa considerar os homens e os Estados, na sua relação externa de influência recíproca, como cidadãos de um estado universal da humanidade (*ius cosmopoliticum*). Esta divisão não é arbitrária, mas necessária em relação à ideia da paz perpétua. Pois, se um destes Estados numa relação de influência física com os outros estivesse em estado da natureza, isso implicaria o estado de guerra, de que é justamente nosso propósito libertar-se.” (ZeF, AA 08:349).

¹¹ Devemos ressaltar, que não são apenas as *Lições de Antropologia* datadas do período pré-crítico, ao longo da década de 70, que revelam a discussão e a distinção feita por Kant entre o *conhecimento do mundo* e o *conhecimento escolástico* (o conhecimento das demais ciências). Pelo contrário, as três *Lições de Antropologia*,

A fim de fazer uso de sua habilidade para o mundo, é necessário ainda um conhecimento, que na maioria das vezes se aprende a usar por meio do relacionamento social e da experiência. Este conhecimento é chamado de conhecimento do mundo. Não o conhecimento de toda a natureza, mas do ser humano. Pois toda ciência certamente se refere ao ser humano, e se reunirmos todos os nossos propósitos, eles certamente se resumem ao ser humano (V-Anth/ Mron, AA 25: 1210)¹². [tradução nossa]

Como notamos através desta citação, em suas aulas Kant insistia que não bastava apenas ter conhecimento e habilidade para serem usados no mundo, é necessário também uma outra forma de conhecimento que oriente a aplicação das habilidades e conhecimentos apreendidos na escola. Lembremos que ele afirmava isso em suas aulas de antropologia, que na verdade eram parte de um esquema maior de ensino o qual ele chamava de filosofia pura, conforme ele menciona numa nota de sua *Anth*, como anteriormente explicamos. Para ele, aquilo que pode orientar a aplicação do conhecimento não pode ser aprendido de uma forma meramente teórica em sala de aula, ou ao menos, *apenas* na sala de aula. Embora pudesse ser discutido ao longo de suas aulas, ao longo de suas lições de antropologia, o conteúdo desta forma especial de conhecimento era retirado da observação da vida prática, da experiência cotidiana, das ações e conflitos humanos, pois o que estava em jogo era o homem e suas ações, que acabam por transformar a si próprio e todo o meio a sua volta. Como podemos compreender a partir das suas preleções, não há aplicação de qualquer conhecimento que não passe pelo crivo da questão: *Que é o homem?* Pois seja qual for o conhecimento estudado ou o objeto a ser investigado este terá que cruzar direta ou indiretamente com a natureza humana.

Toda ciência tem que se referir ao homem, tem que se referir aos propósitos e anseios humanos, sem isso a ciência é apenas num grande banco de dados, sem qualquer utilização. Como podemos depreender da posição de Kant, todos os nossos propósitos tem em sua base o ser humano. Por esta razão, conhecer o funcionamento das coisas, a relação entre causa e efeito entre os fenômenos ainda não é tudo, se não sabemos o que fazer com estes conhecimentos, se não sabemos como atrelar estes conhecimentos aos propósitos de nossa espécie. Se todos eles devem se voltar para os propósitos humanos, então não há como saber

intituladas *Menschenkunde*, *Mrongovius* e *Busolt*, todas datadas da década de 80 e se prolongando até o ano de 1789, também mencionam a discussão e a distinção entre o conhecimento do mundo e o escolástico, assim como esta distinção se faz presente no prefácio da *Antropologia de um ponto de vista pragmático*.

¹² Original: “[...] Um so seiner Geschicklichkeit Gebrauch für die Welt zu machen dazu ist noch eine Kentniß nöthig welche man mehrentheils durch den Umgang und durch Erfahrung zu gebrauchen lernt Diese Kentniß heißt WeltKenntniß nicht die Kentniß der ganzen Natur sondern des Menschen. Denn auf den Menschen bezieht sich doch iede Wissenschaft und wenn man alle unsre Zwecke zusammennimmt so laufen sie doch auf den Menschen hinaus“ (V-Anth/ Mron, AA 25: 1210).

quais são os propósitos humanos se não conhecermos o que é o ser humano: eis porque o conhecimento do mundo (a antropologia pragmática) era essencial para Kant. Não basta apenas ter um conhecimento sobre as coisas, principalmente as coisas que não são dotadas de vontade. Não adianta simplesmente conhecer várias descrições do que acontece no mundo, como por exemplo, as guerras. Em uma de suas *Lições de Antropologia* ele ressalta a *História da Inglaterra* de Hume, como um exemplo de como se faz o conhecimento do mundo, de modo que encontramos transcrita a seguinte passagem:

Ninguém ainda escreveu uma história mundial, que foi ao mesmo tempo uma história da humanidade, mas apenas do estado de coisas e da mudança nos reinos, que como uma parte é realmente importante, mas considerada no todo, é uma ninharia. Todas as histórias de guerras significam a mesma coisa, no sentido de que não contêm nada mais do que descrições de batalhas. Mas se uma batalha foi mais ou menos ganha não faz diferença no todo. Mais atenção, entretanto, deve ser dada à humanidade. Em sua história da Inglaterra, Hume forneceu um prova disso (V-Anth / Fried, AA 25: 472).¹³ [tradução nossa]

Kant parece lamentar, diante de seu alunos, a existência dos manuais de história de sua época que apenas fazem descrições de fatos e não parecem se comprometer com a investigação sobre o homem, pois não se dedicam a extrair algum conhecimento pragmático da experiência de tais eventos. Descrever o resultado das batalhas, no todo isso não ensina o homem a lidar com o próprio homem. Aprender os detalhes sobre as guerras é simplesmente estar na posse de um conhecimento escolástico, sem qualquer finalidade de aplicação. O foco de Kant é uma história que se volte para a humanidade, que investigue os desdobramentos ocorridos no próprio homem ao longo do tempo e no curso dos acontecimentos. O que a humanidade fez ao longo dos séculos enquanto uma espécie de sujeito coletivo em meio aos conflitos e aos antagonismos de seus interesses, o que ela buscou implementar para a vida social e cultural (religião, ciência, artes, costumes, economia), para seu desenvolvimento técnico a fim de se proteger das adversidades e enfrentar os desafios impostos pela natureza, tudo isso está relacionado a história das realizações da humanidade enquanto esta é dotada de uma razão teórica e prática, mas também enquanto um ser que busca alcançar sua destinação.

¹³ Original: “Es hat noch keiner eine Wekthistorie geschrieben, wo zugleich eine Geschichte der Menschenheit war, sondern nur den Zusatand und die Veränderung der Reiche, welche zwar als ein Theil was großes, aber im ganzen genommen, ist es eine Kleinigkeit. Alle Geschichte der Kriege kommen auf eins heraus, idem sie nichts mehr als die Beschreibungen der Bataillen in sich enthalten. Ob nun eine Schlacht mehr oder weniger *gewonnen*, das macht im Ganzen nichts aus. Es sollte aber dabey mehr auf die Menschheit gesehen werden. Hume gab durch seine Geschichte von Engelland einen Beweis davon“ (V-Anth / Fried, AA 25: 472).

Sem entrar em detalhes sobre a *História da Inglaterra*, nesta obra Hume conta o percurso do povo inglês por sua liberdade através de conflitos e processos políticos que atravessaram séculos. Esse percurso do povo inglês revela o traço distintivo do ser humano de usar sua liberdade para solucionar conflitos e garantir uma vida mais autônoma. Para Kant, importa conhecer o homem enquanto aquilo que ele faz de si mesmo em meio às próprias resistências naturais, tal como a paixão de dominação existente entre os homens. Investigar o que o homem faz dele mesmo diante do que as forças naturais determinam sobre sua conduta é uma diretriz pragmática capaz de orientar a aplicação de outras formas de conhecimento. Enquanto o conhecimento escolástico investiga fatos e estados de coisas visíveis, o conhecimento do mundo prescreve as intenções dos agentes, seus desejos, inclinações e paixões. Diante de seus alunos, ao longo de suas aulas de antropologia, para Kant era importante ressaltar que qualquer habilidade teria que ser aplicada mediante o conhecimento do mundo, tal como a transcrição de Friedländer nos mostra, ao dizer por exemplo que: “No final das contas, toda habilidade que alguém possui requer [o] conhecimento da maneira como devemos fazer uso dela. O conhecimento básico para a aplicação é chamado de conhecimento do mundo. O conhecimento do mundo é o conhecimento do estágio no qual podemos aplicar todas as habilidades” (V-Anth/ Fried, AA 25: 469) [tradução nossa].¹⁴ Mesmo a *Lição de Antropologia* intitulada *Menschenkunde*¹⁵, datada do semestre de inverno de 1781-1782, revela-se a preocupação de Kant diante de seus alunos ao mostrar dois tipos de estudo, como a seguinte passagem revela:

É preciso distinguir dois tipos de estudo: existem ciências mediatas que não têm utilidade para o ser humano, e antes havia filósofos chamados escolásticos, cuja ciência consistia em superar uns aos outros em astúcia [*Scharfsinn*]; sua arte [*Kunst*] era ciência para a escola, mas não se podia obter nenhum esclarecimento para a vida comum a partir dela. Um deles pode ser um grande homem, mas apenas para a escola e sem que o mundo tenha utilidade de seu conhecimento. Um segundo tipo de estudo consiste não apenas em obter a auto-estima dos membros da escola, mas também em estender o conhecimento para além da escola e tentar expandir o conhecimento para a utilidade universal: este é o estudo para o mundo [*Studium für die Welt*] (V-Anth / Mensch, AA 25: 853).¹⁶ [tradução nossa]

¹⁴ Original: “Alle Geschicklichkeit, die man besitzt, erfordert am Ende eine Kenntnis von der Art, wie wir davon Gebrauch machen sollen. Die Kenntnis die in der Anwendung zum Grunde liegt, heißt die Kenntnis der Welt. Die Kenntnis der Welt ist eine Kenntnis des Schauplatzes, auf dem wir alle Geschicklichkeit anwenden können ” (V-Anth/ Fried, AA 25: 469).

¹⁵ Lições editadas por Friedrich Christian Starke.

¹⁶ Original: “Zwei Arten des Studirens muß man unterscheiden: es giebt grüblerische Wissenschaften, die dem Menschen nichts nutzen, und es gab ehemals Philosophen, deren ganze Wissenschaft darin bestand, einander an Scharfsinn zu übertreffen, diese hießen Scholastici; ihre Kunst war Wissenschaft für die Schule, man konnte aber keine Aufklärung fürs gemeine Leben daraus gewinnen. Es kann Einer ein großer Mann seyn, aber nur für die

De acordo com Kant, não fazia nenhum sentido, isso ele enfatizava diante de seu alunos, que alguém fosse versado em muitos assuntos, mas não soubesse como colocar em prática este conhecimento para seu próprio proveito. Para ele, haviam as ciências mediativas e, podemos também acrescentar, professores mediativos. Professores e disciplinas que são em algum sentido “inúteis” para auxiliar o aluno a se conduzir em circunstâncias fora da escola. Assim, notemos que Kant chamava a atenção para a inutilidade, num certo sentido, de certas ciências em plena aula de filosofia. A arte desses professores escolásticos não auxiliava em absolutamente nada sobre como o homem deveria se conduzir na vida. Neste sentido, clara é a crítica de Kant a todo conhecimento desconectado com a realidade dos homens, com suas necessidades e aspirações. Enquanto professor, ao ensinar filosofia e transmitir uma variedade de conteúdos em suas preleções, era uma preocupação marcadamente acentuada o problema de como alguém pode aplicar certo conhecimento e habilidade em sua própria vida. Para Kant importava claramente que o conhecimento se estendesse para além da escola e tivesse uma utilidade universal, que ele fosse um *Studium für die Welt*, ou seja, um estudo para o mundo, para uma utilidade prática no palco do mundo.

Este estudo representa a busca por uma compreensão de como lidar com os seres humanos nas mais diferentes circunstâncias, culturas e lugares. Sem conhecer a natureza humana, a aplicação dos conhecimentos escolares e acadêmicos tem pouca valia para lidar com os mais diferentes contextos apresentados no mundo. A antropologia pragmática proposta por Kant havia de servir como uma bússola nos diferentes âmbitos da vida. Numa outra *Lição de Antropologia*, transcrita no semestre de inverno de 1788-1789 e intitulada Busolt, podemos ler o seguinte sobre a antropologia: “O que mais nos interessa no mundo, o que põe em movimento nossas inclinações, nossos desejos e nossa vontade, é o ser humano. O conhecimento do mundo é, portanto, exatamente o mesmo que o conhecimento do ser humano. Quando esta observação do ser humano (antropografia) é trazida para uma ciência, chama-se ‘antropologia’, alcança-se esta ciência [...]” (V-Anth / Busolt, AA 25: 1435) [tradução nossa].¹⁷ Notamos assim, que diante de seus alunos, as preleções kantianas tinham como objetivo conhecer a natureza humana, mas

Schule und ohne daß die Welt Nutzen von seiner Kenntniß hat. Eine zweite Art des Studirens besteht darinnen, daß man sich nicht bloß für die Zunftgenossen der Schule ein Ansehen verschafft, sondern daß sich auch das Wissen über die Schule hinaus erstreckt und man seine Kenntnisse zum allgemeinen Nutzen auszubreiten sucht: dies ist das Studium für die Welt“ (V-Anth / Mensch, AA 25: 853).

¹⁷ Original: “Das was uns in der Welt am mehresten beschäftigt was unsere Neigungen, unsere Begirden, und Unsern Willen, am mehresten in Bewegung setzt ist der Mensch. Weltkenntniß ist also eben soviel als Menschenkenntniß. Wenn nun diese Beobachtung der Menschen (*Anthropographie*) zu einer Wissenschaft gebraucht wird so heißt sie Antropologie, diese Wissenschaft erlangt man“ (V- Anth/ Busolt, AA 25: 1435).

isso não por mero capricho, por simples curiosidade, mas sim porque somente conhecendo a natureza é que o homem pode aplicar o restante de seus conhecimentos da melhor maneira possível. Um exemplo disso, podemos notar ainda em Busolt quando observamos a utilidade do conhecimento histórico, para se agir de uma forma cautelosa e prudente:

Desse modo, uma história é de grande utilidade e uma fonte da antropologia, se for tratada de forma pragmática, de modo que, a saber, eu possa tirar da história uma doutrina de prudência que me torne prudente e cuidadoso na escolha das minhas ações, porque me torno cada vez mais familiarizado com a constituição do ser humano. Essa antropologia pragmática é agora o nosso fim (V-Anth / Busolt, AA 25: 1436)¹⁸. [tradução nossa]

Como a passagem afirma, a história quando tratada de forma pragmática (tal como a história escrita por David Hume) pode contribuir para o conhecimento do mundo, para conhecer em outras palavras os seres humanos. Assim, uma vez que a antropologia conhece em alguma medida a natureza humana, ela pode ser útil para que os alunos apliquem o conhecimento e a habilidade adquiridos através das ciências, mas também adquiridos através de práticas, habilidades e experiências aprendidas ao longo da vida, de modo que os sujeitos possam tomar decisões corretas, lidar melhor com seus problemas e realizar seus propósitos de forma mais acertada em suas vidas. Segundo Kant, importa que o conhecimento tivesse uma aplicação pragmática, que ele trouxesse um benefício, um proveito, uma utilidade. Não é por acaso que encontramos uma passagem, dessa vez transcrita por outro aluno, Pillau, a qual é datada do semestre de inverno de 1777-78, onde é feita a distinção entre dois tipos de conhecimento, e que diz o seguinte:

“Podemos considerar esse conhecimento do ser humano de duas maneiras: (1) Como um conhecimento especulativo. Aí alguém se satisfaz na mera investigação do desejo de conhecimento do entendimento. (2) Como um conhecimento pragmático que não leva a um conhecimento posterior, desde que nós extraiamos disso uma utilidade estabelecida. Se for tratado de forma pragmática, então é o conhecimento do mundo e forma [*bildet*] um homem do mundo [*Weltmann*]” (V-Anth / Pillau, AA 25:733)¹⁹. [tradução nossa]

¹⁸ Original: “So ist eine Geschichte von grossem Nutzen und eine Quelle zur Anthropologie, wenn sie Pragmatisch behandelt wird daß ich mir nähmlich aus der Geschichte eine Klugheitslehre ausziehe, die *mich* Klug und Vorsichtig in Ansehung der Wahl meiner Handlungen macht, in dem ich immer mehr die Beschaffenheit der Menschen kennen lerne. Eine solche pragmatische Anthropologie ist nun unser Zweck“ (V-Anth, Busolt / AA, 25: 1436).

¹⁹ Original: “Wir können diese Erkenntniß des Menschen auf eine zweifache Art betrachten. 1) Als eine Speculative. Da man blos in der Nachforschung der Wisbegierde dem Verstande ein Gnüge thut: 2) Als eine pragmatische die nicht auf weitere Erkenntniß geht, als in so fern wir davon einen ausgemachten Nutzen ziehen. Wenn sie pragmatisch abgehandelt wird; so ist sie eine Weltkenntniß und bildet einen Weltmann“. (V-Anth / Pillau, AA 25:733).

No conhecimento especulativo, o homem conhece algo e sua satisfação está apenas no desejo em conhecer. Uma satisfação em saber como as coisas são, em compreender a realidade, tal como um prazer contemplativo que pode sempre deslizar para um outro objeto e assim sucessivamente. Mas é no conhecimento pragmático, na sua aplicação que o homem adquire uma satisfação mediante a utilidade ou o benefício que aquele saber tem para o sujeito em sua aplicação. Neste sentido, o conhecimento pragmático, como podemos observar, é o conhecimento que orienta o homem, que tem um papel na sua formação enquanto um ser que exerce seu protagonismo no mundo, enquanto é capaz de transformar todo seu entorno e realizar seus objetivos. O conhecimento pragmático é aquele com o qual o homem lida com as adversidades colocadas pelo mundo. Este tipo de conhecimento não é apenas um mero saber sobre como as coisas são, que gera uma satisfação e que remete o homem sempre a novas questões e a outras investigações. Diversamente, ele é o caminho, o meio como o homem pode lidar consigo e com os outros homens no mundo.

Portanto, tendo em vista esta distinção, podemos notar que era uma preocupação constante de Kant ensinar aos seus alunos, que em matéria de conhecimento podemos conhecer de duas formas. Por um lado, escolasticamente, ou seja, especulativamente (o que as coisas são); por outro, pragmaticamente, ou seja, de modo a conhecer como aplicamos toda habilidade e conhecimentos a nós mesmos, o que para tanto era fundamental conhecer a natureza humana. Ensinar filosofia para os alunos significava para Kant chamar a atenção para aquela distinção e para o fato de que importa ao ensino de filosofia instruir o aluno de que ele é um homem do mundo [*Weltmann*], e que por esta razão ele deve ser ensinado a colocar todos os conhecimentos e habilidades a seu serviço, para que seja um protagonista e exerça sua posição de *cidadão do mundo*.

Devemos ressaltar, ao falar da distinção entre conhecimento escolástico e pragmático, que o termo *pragmático*, usado por Kant em várias obras e lições, guarda significados bem diferentes. Assim, nem sempre este termo está associado à moralidade, embora em algumas situações esteja. O termo pragmático pode se referir à cultura e pode assim ser *apenas uma parte* do que Kant entende por prático, por uma filosofia prática.²⁰ Na realidade, este termo pode se opor, como vimos anteriormente, ao termo *fisiológico* e significar tudo aquilo no homem que esteja em oposição a este último termo. Ademais, o termo *pragmático*

²⁰ Na obra *Sobre a Pedagogia*, Kant diz o seguinte sobre o termo *pragmático*: “É preciso distinguir a formação física da formação prática, sendo esta *pragmática* ou *moral*. Nesta última, temos a *moralização* e não a *cultura*” (*Päd*, AA 09: 470). Aqui percebemos, como em outras partes da mesma obra um dos usos que Kant faz do termo pragmático.

pode estar associado ao bem-estar, a habilidade e a prudência; além de nomear umas das três disposições mencionadas na *Antropologia Pragmática*, a disposição *pragmática*.²¹ De todo modo, quando o termo remete à *Antropologia Pragmática*, não devemos esquecer que Kant está com este termo se opondo a tudo o que a natureza faz do homem (objeto de uma antropologia fisiológica) e ressaltando o que o homem faz de si mesmo, enquanto *age livremente* e é capaz de desenvolver suas disposições técnicas, pragmáticas e, inclusive, suas *disposições morais*.

Neste sentido, não poderíamos deixar de ressaltar que o termo *pragmático* guarda na antropologia kantiana uma relação também com a moralidade, com o desenvolvimento moral do homem, de modo que sua *Antropologia Pragmática* é uma investigação que encontra sua razão de ser na formação do homem, a qual implica uma luta para que o homem se afaste da rudeza de sua natureza e seja digno de sua humanidade. Assim, o termo *pragmático*, uma vez relacionado ao aspecto da formação [*Ausbildung*] do homem, pode ser compreendido também à luz da destinação do homem e, portanto, ao fato dele estar destinado a se cultivar, civilizar e *moralizar*.²² Por essa razão, a aplicação do conhecimento escolástico e sua orientação pelo conhecimento antropológico *pragmático* é para que em última instância o uso de todo o conhecimento escolástico ou antropológico tenha uma aplicação voltada para a destinação do homem e, mais precisamente, tendo em vista sua destinação moral.

Por esta razão, o propósito final de aplicarmos o conhecimento no mundo não é em virtude de uma determinação meramente cega ou mecânica, não é apenas por uma questão de adaptação e de sobrevivência, nem muito menos por uma questão simplesmente associada à felicidade do homem neste mundo (ainda que a mesma seja um fim determinado pela natureza). Nosso lugar no mundo, nossa posição como protagonistas deve ser compreendida também partir de um ponto de vista teleológico, o qual confere um sentido a aplicação de todo nosso conhecimento e habilidade e que diz respeito a nossa razão de existir. Sob a luz da *Crítica do*

²¹ Na *Antropologia Pragmática*, Kant escreve o seguinte sobre os três tipos de disposições: “Entre os *habitantes vivos da terra*, o ser humano é notoriamente diferente de todos os demais seres naturais por sua disposição *técnica* (mecânica, vinculada à consciência) para o manejo das coisas, por sua disposição *pragmática* (de utilizar habilmente outros homens em prol de suas intenções) e pela disposição *moral* em seu ser (de agir consigo mesmo e com os demais segundo o princípio da liberdade sob leis), e por si só cada um desses três níveis já pode diferenciar caracteristicamente o ser humano dos demais habitantes da terra” (*Anth*, AA 07: 322).

²² Notemos que na *Antropologia Pragmática*, Kant diz que: “O resultado final da antropologia pragmática em relação à destinação do ser humano e à característica de seu aprimoramento [*Charakteristik seiner Ausbildung*] consiste no seguinte. O ser humano está destinado, por sua razão, a estar numa sociedade com seres humanos e a se *cultivar, civilizar e moralizar* nela por meio das artes e das ciências [...]” (*Anth*, AA 07: 322), portanto, a formação [*Ausbildung*] do ser humano depende do uso de determinados meios como a arte e a ciência, embora estes não sejam os únicos, depende assim da aplicação dos conhecimentos e das técnicas adquiridos na sociedade onde ele está inserido.

Faculdade de Julgar, Kant escreve que o homem é o fim terminal [*Endzweck*] de toda “criação”, em outras palavras, o homem é o ente no qual toda a cadeia de fins subordinados encontra seu fundamento. Quando considerado como sujeito da moralidade, o homem é pensado como sendo seu fim mais elevado, pois é nele que se manifesta princípios de valor absoluto e uma ação causal incondicionada.²³ Enquanto a natureza se regula por um determinismo mecanicista, por sua vez e por oposição aquela, irrompe no homem uma forma de causalidade que se manifesta no mundo através de atos que se autodeterminam por si mesmos. Estas ações alcançam seus fins (e, neste sentido, seus efeitos) na natureza de tal modo que a mesma pode ser ajuizada como fazendo parte de um sistema complexo de fins que se subordinam a um *fim terminal*, isto é, ao ser humano.

Conhecer e aplicar o conhecimento são também ações que podem expressar a liberdade do homem. A razão de ser de suas diferentes disposições é para que ele atue sobre as mesmas, para que ele possa cultivá-las, e isto, a fim de continuamente manifestar sua liberdade e realizar as determinações colocadas pelos imperativos da própria razão. É o fato de agir livremente o que confere valor e sentido a existência do homem no mundo. Ao agir e aplicar nossas habilidades e conhecimentos, segundo as leis da liberdade, conferimos valor a nossa existência e aos nossos fins. No fundo, nossas ações têm um significado oriundo de nossa liberdade e, por esta razão, um valor incondicional. Tudo o que fazemos através de nossas ações fazemos tendo em vista que somos o *fim terminal* de tudo que existe. Além disso, podemos perguntar: o que confere sentido a existência do mundo para que estejamos atuando sobre ele? Numa passagem da *Crítica da Faculdade de Julgar*, Kant fornece a seguinte observação sobre esta questão:

É que (assim julga toda a gente) se o mundo fosse constituído por seres sem vida ou então em parte por seres vivos, mas privados de razão, a sua existência não teria absolutamente nenhum valor, porque nele nenhum ser existiria que tivesse o mínimo conceito de um valor. Pelo contrário, se também existissem seres racionais, cuja razão porém tivesse condições para colocar o valor da existência das coisas somente na relação da natureza com eles (com o seu bem-estar), mas não para originalmente (na liberdade) conseguir para si mesmos esse valor, nesse caso existiriam na verdade fins (relativos) no

²³ Na *Crítica da Faculdade de Julgar*, Kant afirma o seguinte sobre o sentido da existência do homem: “Mas sobre o homem (assim como qualquer ser racional no mundo) enquanto ser moral não é possível continuar a perguntar: para que (*quem in finem*) existe ele? A sua existência possui nele próprio o fim mais elevado, ao qual - tanto quanto lhe for possível - pode submeter toda a natureza, perante o qual ao menos ele não pode considerar-se submetido a nenhuma influência da natureza” (*KU*, AA 05: 398). Desse modo, não faz sentido buscar outro *sentido* para a *liberdade* a não ser nela mesma, não faz sentido o homem encontrar a finalidade de sua existência além dele mesmo. O incondicionado não encontra sua razão de ser numa coisa condicionada, mas pelo contrário, a razão de ser da natureza e das coisas presentes nela encontra sua finalidade última no ser humano, no ser moral que este é e na liberdade possivelmente pensada nas leis incondicionais que regem suas ações.

mundo, mas nenhum (absoluto) fim terminal, já que então a existência de tais seres racionais seria sempre privada de fim. Mas as leis morais têm como características peculiar o fato de prescreverem incondicionalmente à razão algo como fim, por conseguinte precisamente como é exigido pelo conceito de um fim. Por isso a existência de uma tal razão, que na relação final consigo mesma pode ser a lei suprema - por outras palavras, a existência de seres racionais sob leis morais -, pode por isso ser pensada unicamente como fim terminal da existência de um mundo. (KU, AA 05: 422)

Notemos nesta passagem, a conexão feita por Kant entre a existência do mundo e a esfera da atuação da razão prática, sendo esta última a única coisa capaz de conferir um sentido a existência do mundo. É a razão prática, a sua existência nos seres racionais, que Kant afirma ser o fundamento que atribui valor a existência do mundo. Na verdade, o mundo não pode conferir valor a si mesmo sem uma razão que possa ligar a existência de todos os seres a um fim terminal absoluto. A partir dos argumentos desenvolvidos por Kant na terceira crítica, o mundo perde todo seu sentido caso a finalidade de sua existência seja pensada sem o homem (enquanto este é considerado o *fim terminal* para onde todos os fins e todas as coisas confluem). Não só a existência da razão numa relação consigo mesma, mas a existência de seres racionais subordinados às leis morais é o que confere valor absoluto à existência do mundo. Em outras palavras, é a existência do homem (pois a razão está nele) e da lei moral, que prescreve incondicionalmente suas ações e, neste sentido, a aplicação de tudo que é determinado e orientado pela razão (o que também inclui suas habilidades e seus conhecimentos), o que confere valor às ações e valor ao mundo onde essas ações se concretizam. Neste aspecto, o *caráter pragmático* do conhecimento antropológico pensado por Kant não se confunde com um pragmatismo fincado meramente na utilidade, nos resultados práticos e nas consequências das coisas.

Pelo contrário, entendemos que o caráter pragmático da antropologia kantiana está bem além de tudo isso e lida com nuances teleológicas e morais, as quais fundamentam o conhecimento antropológico e justificam seu uso não apenas segundo necessidades empíricas, mas também segundo necessidades que se fundamentam além da própria experiência. Portanto, embora o termo pragmático esteja relacionado à habilidade e, portanto, também relacionado a relação entre meios e fins, o tema da aplicação do *conhecimento escolástico* e da orientação deste pela via da aplicação e do uso do *conhecimento do mundo* (o que inclui o conhecimento antropológico) segue um caminho orientado em última instância pela natureza moral do homem e, neste sentido, pelo tipo de causalidade incondicionada que está em jogo no decurso de suas ações no mundo. Assim, poder-se-ia dizer que o mundo é habitado pela liberdade, a qual está “encarnada” no ser humano, e que a mesma se manifesta no homem por meio da aplicação de

seus conhecimentos, suas habilidades e de suas faculdades que se dirigem para fins e valores incondicionais. Por esta razão, a relação entre o homem (sua natureza pragmática) e o mundo jamais deve ser perdida de vista e nem colocada de lado quando se tem em conta a tarefa de educá-lo e de ensinar qualquer coisa que ele possa aplicar no mundo e sobre si mesmo, seja qual for seu conhecimento, mesmo que este seja o próprio conhecimento filosófico.

3 SOBRE O USO DO CONHECIMENTO ANTROPOLÓGICO NA APLICAÇÃO DO CONHECIMENTO ESCOLÁSTICO E SEU PAPEL NA EDUCAÇÃO PRÁTICA E NO DIRECIONAMENTO DO HOMEM NO MUNDO

A preocupação de Kant com a atuação do homem no mundo assim como seu constante interesse pelo protagonismo pragmático também podem ser observados em seu texto *Über Pädagogik*. Em sua essência, esta obra volta-se para a temática da educação, ou ainda, para a formação [*Bildung*] do homem. As ideias de Kant neste livro não ignoram uma abordagem antropológica, a qual é capaz de ajudar o gênero humano a contornar os obstáculos que limitam sua liberdade, e nem muito menos deixa de lado o aspecto pragmático da natureza humana, com o qual o homem desenvolve suas disposições e conquista o mundo através dos objetivos que ele dá a si mesmo enquanto um ser que age livremente. Numa passagem de sua pedagogia seu autor diz: “A espécie humana é obrigada a extrair de si mesma pouco a pouco, com suas próprias forças, todas as qualidades naturais, que pertencem à humanidade. Uma geração educa a outra” (*Päd*, AA 09: 441). Assim, ele afirma que todas as qualidades humanas estão já presentes no homem, competindo então extrair as qualidades que constituem a humanidade dele, o que para este efeito o homem só poderá contar com suas próprias forças. Neste sentido, desde o início da história, os homens dependem deles mesmos para extrair essas qualidades. Desde sua origem, o gênero humano trabalha e está a mercê de si mesmo para atingir a excelência de sua humanidade. Portanto, o alcance desta última sempre necessitou do uso de forças, do próprio trabalho que lapida e que, assim, possibilita que o homem não se reduza apenas à sua animalidade. De acordo com Kant, aquele trabalho de cuidar da educação do homem ao longo das gerações consiste numa parte positiva e numa negativa. A primeira, segundo ele, é a *disciplina*, ao passo que a segunda é a *instrução*. Para ele, por exemplo, a criança precisa ser disciplinada, sentir os efeitos do limite de sua liberdade (liberdade aqui enquanto uma vontade empiricamente determinada e que se move sem obstáculos), coisa que naturalmente ela (a criança) não conhece, a menos que sinta a resistência aplicada aos seus caprichos. Por exemplo, Kant faz a seguinte observação em seu livro *Sobre a Pedagogia* sobre a natureza humana:

Quando se deixou o homem seguir plenamente a sua vontade durante toda a sua juventude e não se lhe resistiu nada, ele conserva uma certa selvageria por toda a vida. Tampouco uma afeição materna exagerada é útil aos jovens, uma vez que mais tarde lhes surgirão obstáculos de todas as partes e receberão golpes de todos os lados, logo que tomarem parte nos afazeres do mundo (*Päd*, AA 09: 442).

Observemos, de acordo com a passagem, que desde cedo o homem não pode plenamente seguir sua vontade. A criança precisa já em tenra idade conformar sua vontade com a de seu próprio meio social, sob a pena de se assim não o fizer sofrer duros golpes. A vontade humana inicialmente não conhece limites e quer unicamente ser sempre satisfeita. Por esta razão, as primeiras etapas da educação têm o caráter disciplinador, que visa preparar o homem para o mundo, para a convivência, pois ele precisa se harmonizar com os interesses do mundo. Kant afirma que por todos os lados surgirão obstáculos caso o homem não adapte sua vontade, em outras palavras, ele poderá sofrer os golpes necessários para conformar sua vontade a todas as demais. O homem, enquanto um ser essencialmente mundano, precisa aprender a dominar seus impulsos e dirigir os mesmos para seus objetivos, os quais devem em algum grau estar em consonância com os dos membros de seu meio social. Esse controle de sua vontade se dará na medida em que ele se envolver cada vez mais com os afazeres do mundo [*Geschäfte der Welt*]. Afinal, é em meio a estes que ele sentirá os golpes [*Stöße*], caso sua vontade relute em não se conformar com uma ordem geral, pois como Kant diz: “A disciplina submete o homem às leis da humanidade [*Gesetzen der Menschheit*] (*Päd*, AA 09: 442).

Neste sentido, é importante observar a estreita relação que há entre as leis da humanidade e os afazeres do mundo colocada por Kant, assim como também é importante perguntarmos o que tudo isso tem a ver com o estudo e a investigação da natureza humana, a antropologia. Todas essas coisas estão interconectadas e refletem uma preocupação de caráter pragmático, que diz respeito a natureza humana, pois importa que o homem conduza a si mesmo pelos caminhos da liberdade (não determinada empiricamente) sem colidir com as leis da razão, as leis da humanidade, de modo que ele não se oponha ao mundo, mas possa atuar sobre este tal como um ator que atua livremente sobre seu palco. É para isto que a educação deve se voltar, para a formação do homem, a fim de que ele lide com as suas ocupações no mundo, se servindo tanto da parte negativa da educação quanto de sua parte positiva. Ressaltemos, que tanto a primeira quanto a segunda parte que compõe a educação serve ao propósito de que os homens desenvolvam suas disposições (os germes depositados pela natureza), um ponto essencial no plano antropológico e pedagógico kantiano, pois ele afirma o seguinte em seu texto:

Uma boa educação é justamente a fonte de todo bem neste mundo. Os germes [*die Keime*] que são depositados no homem devem ser desenvolvidos sempre mais. Na verdade, não há nenhum princípio do mal nas disposições naturais do ser humano. A única causa do mal consiste em não submeter a natureza a normas. No homem não há germes, senão para o bem (*Päd*, AA 09: 448).

Esta passagem mostra tanto aspectos de sua antropologia pragmática quanto dos propósitos que uma boa educação deve buscar alcançar no homem. Kant revela uma concepção antropológica de que o homem nasce com uma extraordinária herança deixada pela natureza. Esta herança são as disposições naturais [*Naturanlagen des Menschen*] que constituem o homem e sobre as quais ele, de um ponto de vista moral, isto é, do dever, precisa então cultivar, a fim de desenvolver capacidades e talentos. Compete somente aos seres humanos desenvolver as qualidades associadas a tais disposições, ou ainda, submeter as mesmas às regras e leis dadas pela razão e conhecidas também por meio da experiência. Ademais, observemos que na mesma citação a importância da educação para o desenvolvimento dessas disposições no mundo é enfatizada tendo em vista o bem, isto é, conformar o agir humano às normas, que não seriam outras que as leis de uma razão prática pura. Para Kant, o homem precisa da educação para conformar suas ações as leis do mundo e para direcionar o desenvolvimento das disposições com as quais lidará com os afazeres do mundo. Outrossim, lembremos que o mundo é o palco de atuação e de protagonismo do gênero humano, o lugar onde o homem joga como ator e realiza seus fins, os quais devem estar em consonância com o bem moral que deve ser produzido no mundo. Neste sentido, por consequência, a educação do homem segundo Kant nem está dissociada das disposições naturais herdadas, nem muito menos de seus projetos e afazeres mundanos. Não podemos esquecer de que por si só tais disposições naturais nem são boas nem são más, mas, para serem boas, elas dependem de um ordenamento, de se submeterem a certos princípios. Numa outra passagem de sua obra *Sobre a Pedagogia*, Kant escreve o seguinte sobre o papel da educação em relação às disposições do homem:

A educação é uma arte, cuja prática necessita ser aperfeiçoada por várias gerações. Cada geração, de posse dos conhecimentos das gerações precedentes, está sempre melhor aparelhada para exercer uma educação que desenvolva todas as disposições naturais na justa proporção e de conformidade com a finalidade daquelas, e, assim, guie toda a humana espécie a seu destino. (*Päd*, AA 09: 446).

Notemos também que as disposições naturais tem suas finalidades. Elas são desenvolvidas em *conformidade a fins* [*zweckmäßig*], ou seja, a natureza assim quis que o homem fosse dotado de certas capacidades para que servissem a algum tipo de propósito o qual não sabemos *a priori*. Além disso, notamos também que a própria educação não é considerada uma arte pronta, mas deve ser aperfeiçoada. O aperfeiçoamento da educação implica um trabalho de gerações cujo objetivo é desenvolver as disposições [*Naturanlagen des Menschen*] para que o homem se aproxime cada vez mais de sua destinação [*Bestimmung*]. O conhecimento

sobre como educar não é um conhecimento pronto, acabado, definitivo; pelo contrário, ele depende da experiência e dos resultados que cada geração pode alcançar. No entanto, esses resultados estão relacionados a capacidade que os meios de educar exercem no desenvolvimento das disposições naturais, assim como tais resultados dependem do poder que o homem tem de atuar sobre sua própria natureza e despertar o potencial guardado nela. Podemos assim observar, que a educação é tida por Kant como algo profundamente entrelaçado com uma concepção antropológica pragmática, a qual investiga aquilo que o homem pode fazer de si mesmo enquanto capaz de agir livremente. Esta concepção (de caráter pragmático) atravessa o que ele entendia por educação, mas também permeia o que ele entendia pela forma de educar do professor (tutor, educador, etc), bem como o modo como os alunos (crianças, adolescentes e jovens) deveriam aplicar as aquisições de sua aprendizagem, ou seja, seus conhecimentos e suas habilidades, sobre eles mesmos. Além disso, ele escreve o seguinte em sua obra *Sobre a Pedagogia*, quando se refere a tarefa de extrair de sua natureza as disposições que lhe facultaram agir sobre o mundo:

A providência quis que o homem extraísse de si mesmo o bem e, por assim dizer, desse modo lhe fala: “Entra no mundo. Coloquei em ti toda espécie de disposições para o bem. Agora compete somente a ti desenvolvê-las e a tua felicidade ou tua infelicidade depende de ti”. O homem deve, antes de tudo, desenvolver as suas disposições, para o bem; a Providência não as colocou nele prontas; são simples disposições, sem a marca distintiva da moral (*Päd*, AA 09: 446).

Educar para Kant consiste entre outras coisas em auxiliar o homem a extrair de si mesmo aquelas disposições naturais. Alguém poderia se servir, no lugar do verbo *extrair*, simplesmente do verbo *atualizar*, para dizer que o homem atualiza aquilo que se encontra em estado de potência nele. Além disso, uma das coisas que mais nos chama a atenção é a ideia de uma Providência [*Schöpfer*] em seu argumento, a qual impele o homem a trabalhar pelo seu próprio desenvolvimento.²⁴ Tudo parece se dar como se o homem tivesse dentro de um plano

²⁴ Na obra *À Paz Perpétua*, na parte do *Suplemento Primeiro*, Kant faz algumas considerações sobre o termo Providência, fazendo assim algumas indicações de seu significado: “Chama-se, por isso, também *destino*, enquanto compulsão de uma causa necessária dos efeitos segundo leis que nos são desconhecidas, e *Providência* em referência à finalidade que existe no curso do mundo, enquanto sabedoria profunda de uma causa mais elevada que tem vista o fim último objetivo do gênero humano e predetermina o devir do mundo, causa essa que não podemos realmente *reconhecer* nos artificios da natureza nem sequer *inferir* a partir delas, mas (como em *toda* a relação da forma das coisas com os fins em geral) só podemos e devemos pensar, para assim formarmos para nós um conceito da sua possibilidade [...] (ZeF, AA 08:361), além dessas observação sobre o conceito de Providência, Kant afirma numa nota de rodapé na mesma obra o seguinte: “No mecanismo da natureza, a que o homem (como ser sensível) pertence, manifesta-se uma forma que já subjaz à sua existência e que não podemos conceber de nenhum outro modo a não ser supondo-lhe um fim de um Autor do mundo, que a predetermina; a esta determinação prévia chamamos providência (divina) em geral [...] apesar de podermos explicar muito bem as causas físico-

divino (embora apenas de um ponto de vista teleológico), de modo que o homem não é responsável por sua constituição, mas por atualizar sua constituição. Assim, ao homem apenas é dado a tarefa de fazer com que suas qualidades floresçam e que ele exerça sua liberdade no curso da execução de seus fins no mundo. Nada está imediatamente dado e pronto no homem, e por isso compete a educação cuidar da orientação das disposições para o bem, para fins que sejam dignos de um ponto de vista moral.

Além disso, observamos que a providência lança os homens no mundo, coloca-os dentro desse palco para que eles possam agir e atuar em conformidade com suas capacidades e seus fins pessoais, os quais se conectam com sua destinação. O mundo é o grande cenário de atuação onde o homem disporá das qualidades naturais herdadas, a fim de trabalhar no desenvolvimento das mesmas e exercer efeitos com os quais transformará não apenas sua existência pessoal, mas também toda a existência coletiva, toda a realidade global. Em resumo, o mundo é o lugar, mas também o contexto onde se desdobram os efeitos das disposições naturais que o homem atualiza em suas ações. Quando falamos que o conhecimento e as habilidades podem ter um caráter pragmático, devemos ter em mente que o homem foi colocado no mundo não apenas para conhecer o quê as coisas são, não somente para obter conhecimento escolástico, mas também para se envolver com os afazeres do mundo [*Geschäfte der Welt*], pois parafraseando a citação de Kant, a providência imperativamente diz: “Entra no mundo [*Gehe in die Welt*]”, desenvolve tuas disposições e cuida da tua felicidade. Neste sentido, a posição do homem não é a de um mero espectador [*Zuschauer*] em relação ao mundo. O gênero humano é responsável por sua felicidade (entendida esta como condicionada pela lei moral) e a realização dela se deve em grande parte ao seu protagonismo. Na concepção de Kant o homem não é um ser passivo e indolente, mas pelo contrário, empreende todos os esforços possíveis para conquistar sua felicidade no mundo. A providência não permite ao homem uma posição passiva; mas sim, pelo contrário, uma posição constantemente ativa ao longo de todas as gerações, o que não significa que a natureza não tenha colocado elementos contrários e antagônicos para o bem do desenvolvimento humano, exatamente para provocar este desenvolvimento. O homem se encontra no mundo para desenvolver suas disposições em meio as grandes dificuldades. Ele navega em meio a uma tempestade de tribulações, mas tudo isso ocorre para no fim extrair de

mecânicas dos fenômenos [...] apesar de tudo, não devemos descurar também a causa teleológica, que se refere à previsão de uma Sabedoria que preside à natureza (*ZeF*, AA 08:362). Para Kant, os fenômenos da natureza podem ser pensados como uma multiplicidade de fenômenos relacionados que obedecem a fins pré-estabelecidos. Pensando a natureza assim, Kant também está pensando o homem e sua natureza humana igualmente dentro de um plano traçado por uma Sabedoria que projeta esse homem no mundo, de modo que os fins da natureza não são totalmente contrários aos fins do homem, mas antes se harmonizam com suas disposições naturais.

sua natureza suas disposições, para fazer uso delas e conquistar os fins que ele (sua razão) dá a si mesmo enquanto capaz de se autodeterminar.

Neste sentido, de acordo com Kant, deve existir uma relação estreita e indissolúvel entre mundo e educação (relação esta que podemos estender a um terceiro elemento, a Providência). Essa relação diz que pensar a posição do homem no mundo é pensar também a tarefa de o educar, porque a ele foi dado pelas mãos da providência (e não por mero acaso ou acidente) disposições para serem trabalhadas e, além disso, a própria responsabilidade para alcançar sua felicidade neste mundo. Sem educação o homem não faria propriamente uso de suas disposições no mundo e desse modo perderia seu protagonismo. Assinalemos também, que entre estas disposições encontramos o cultivo de todas as suas faculdades superiores – o entendimento, o juízo e a razão. Assim, a educação é uma condição para o desenvolvimento de suas qualidades e para a realização de seus fins racionais no mundo. Desse modo, pensar a finalidade da educação é pensar que a mesma não faria sentido caso não se voltasse para o mundo, se ela não se aplicasse ao mundo, a fim de auxiliar o homem na sua atuação e no curso de suas ações sobre o mesmo. Por esta razão, qualquer forma de ensino, qualquer entendimento que se tenha por educação, ou ainda, qualquer transmissão ou aquisição de saberes, trabalho de caráter pedagógico, tentativa de instrução ou de se conquistar uma habilidade, em síntese, qualquer aprendizagem adquirida, todas essas coisas deveriam ter alguma relação com o mundo, algum uso no mundo, e, neste aspecto, uma aplicabilidade sobre o próprio homem, sem o que tais aquisições não passariam de um mero conhecimento, um simples capricho, por mais interessante que fossem todas as suas aquisições. Além disso, não devemos esquecer, que na primeira linha do prefácio da *Antropologia de um ponto de vista Pragmático*, Kant escreve o seguinte:

Todos os progressos na civilização, pelos quais o homem se educa, têm como fim que os conhecimentos e habilidades adquiridos sirvam para o uso do mundo, mas no mundo o objeto mais importante ao qual o homem pode aplicá-los é o *ser humano*, porque ele é seu próprio fim último. – Conhecer, pois, o ser humano segundo sua espécie, como ser terreno dotado de razão, merece particularmente ser chamado de *conhecimento do mundo*, ainda que só constitua uma parte das criaturas terrenas (*Anth*, AA 07: 119).

Notemos que o *conhecimento do homem* é para Kant um *conhecimento do mundo*, mesmo que o mundo seja constituído por uma infinidade de coisas. Entendemos que o conhecimento do mundo equivale a ser o do homem por duas razões: a primeira porque o homem é o objeto mais importante no mundo para se aplicar os conhecimentos e as habilidades; segundo, porque apenas o homem se educa, e somente ele percebe a aplicabilidade no mundo

de tais conhecimentos e habilidades. Nenhum outro ser no mundo se educa, nenhum outro enxerga a aplicabilidade que as habilidades e os conhecimentos adquiridos têm e que se encaixam com os estados de coisa do mundo que ele pretende alcançar. Em resumo, o homem é o único ser que se educa, que enxerga aplicabilidade nas coisas, pois adquire conhecimento e habilidade exatamente para isto, para aplicá-los; além disso, o homem reconhece que o principal objeto em que deve aplicar seus conhecimentos e habilidades é ele mesmo. Assim, todo ser humano ao cuidar de sua formação está educando-se para exercer seu aprendizado em sua própria vida, ao aplicar o que ele sabe no curso de suas ações no mundo.

Ainda em sua pedagogia, Kant afirma que o homem, além de passar por uma parte destinada a disciplina, precisa de uma outra parte da educação (a segunda parte), que consiste em torná-lo culto, de modo que assim ele afirma: “A cultura abrange a instrução e vários conhecimentos. A cultura é a criação da habilidade e esta é a posse de uma capacidade condizente com todos os fins que almejamos. Ela, portanto, determina por si mesma nenhum fim, mas deixa esse cuidado às circunstâncias” (*Päd*, AA 09: 446). De acordo com esta passagem, independente dos fins ou objetivos (desde que sejam moralmente aceitáveis) que adotemos na vida, fins estes que serão colocados de acordo com as circunstâncias, devemos estar pelo menos com os meios necessários à mão, a fim de realizarmos aquilo que as circunstâncias nos apresentam. Quando Kant compreende que a educação deve abranger a cultura, ele considera que precisamos estar na posse das capacidades [*der Besitz eines Vermögens*] que sejam “condizentes com os fins que almejamos” [*welches zu allen beliebigen Zwecken zureichend ist*] e, acrescentamos aqui, mesmo que não tenhamos clareza suficiente ainda de todos os fins escolhidos. Naturalmente as circunstâncias e os afazeres do mundo apontarão os fins que pretendemos alcançar, mas não podemos esperar de braços cruzados estes fins, sem buscar pelas capacidades adequadas para atingí-los. A educação do homem para Kant não envolve apenas sua disciplina (sua parte negativa), a fim de que não lhe surjam obstáculos de todas as partes e de que não tome os golpes vindos de todas as direções. Mas ela deve envolver também uma parte positiva, a instrução, que garantirá aos homens capacidades para executar seus fins.

A preocupação com os meios, com as capacidades, com a aquisição de habilidades e conhecimentos e, conseqüentemente, com a aplicabilidade destes voltada para o mundo constituem uma constante na obra de Kant e mesmo em seu ensino junto aos seus alunos. A propósito, lembremos que a obra *Sobre a Pedagogia* foi anotada por um de seus alunos, Theodor Rink, e que, além disso, Kant tinha ministrado *Lições de Pedagogia* em vários semestres de inverno. Como afirma Fontanelle (1996), no prefácio de sua tradução daquela

obra: “Os professores de Filosofia da Universidade de Königsberg deviam regularmente ministrar cursos de Pedagogia aos estudantes, revezando-se”.²⁵ Neste sentido, como filósofo e professor, Kant não apenas se preocupava com o ensino de suas matérias, e aqui devemos ressaltar o ensino e a transmissão da filosofia, mas se preocupava também com questões e temáticas educacionais e, dentro da transmissão dessas, com a questão da aquisição de conhecimentos e de sua aplicabilidade no mundo. Segundo ele, em matéria de instrução, e aqui a filosofia também se inclui dentro desta, não deve existir apenas uma parte especulativa, um conhecimento escolástico, mas a filosofia deve envolver também uma parte prática (pragmática) que se volta para o homem e deve ser aplicada em seu curso no mundo. Isso nos faz pensar que Kant problematizou um aspecto formal do ensino de filosofia, já que a filosofia está dentro dessa esfera de instrução, a saber: o professor de filosofia ao ensinar filosofia deve preocupar-se em refletir junto com seus alunos como é possível a aplicação do conhecimento filosófico para que eles possam ser protagonistas, e não apenas meros espectadores ou mesmo aquilo que ele chamava de pedante.

Neste sentido, qualquer instrução, mesmo aquela que envolva assuntos filosóficos, não deveria simplesmente servir ao acúmulo de conhecimentos, mas em algum aspecto deveria estar a serviço da formação do homem do mundo [*Weltmann*] e, assim, uma tal instrução deveria se preocupar com a questão sobre como o homem pode manejar o conhecimento do mundo [*Weltkenntnis*] para melhor aplicar sobre si mesmo. Este aspecto formal é muito mais um direcionamento. Ele não diz exatamente como podemos aplicar os conhecimentos, mas propõe que o conhecimento oriundo da instrução sirva a um fim, a um propósito que não devesse ser perdido de vista, o qual o estudante devesse se concentrar e fixar nele um ponto referencial. É uma questão importante sabermos como fazer uso do conhecimento da escola (escolástico, instrucional) no mundo, como fazer uso dos meios que aprendemos na vida. Alguns desses meios tem um uso bastante geral, e outros podem ser bem restritos a depender da finalidade, como mostra Kant, ao dizer que: “Algumas formas de habilidade são úteis em todas os casos, por exemplo, o ler e o escrever; outras são boas só em relação a certos fins, por exemplo, a música, para nos tornar queridos. A habilidade é de certo modo infinita, graças aos muitos fins” (*Päd*, AA 09:449). Importa notar aqui, a relação traçada por ele entre os meios e os fins, entre as habilidades e os propósitos de cada sujeito. O que ele quer dizer, é que ao instruir as crianças, ao transmitir informações e ensiná-las a ter algum tipo de habilidade, elas devem mirar o universo infinito de fins que elas podem dar a si mesmas.

²⁵ Segundo o prefácio da tradução de *Sobre a Pedagogia*, feita por Francisco Cock Fontanella, o mesmo diz que de acordo com M. Crampe-Casnapet, Kant havia ministrado *Lições de Pedagogia* em 1776/77, 1783/84 e 1786/87.

Além disso, ao discutir sobre a parte *positiva* da educação, notamos que Kant divide esta parte em outras duas, a instrução [*Unterweisung*] e o direcionamento [*Anführung*], divisão esta bastante importante para a nossa discussão, pois como podemos ver: “O *direcionamento* é a condução daquilo que foi ensinado. Daqui nasce a diferença entre o professor – que é simplesmente um mestre – e o *governante*, o qual é um guia. O primeiro ministra a educação da escola; o segundo, a da vida” (*Päd*, AA 09:452). A preocupação de uma educação que fosse um guia para vida, que não ministrasse apenas conhecimentos, mas que orientasse no curso do mundo foi sem dúvida um tema pedagógico de extrema relevância ao longo das preleções dadas por Kant. Pois não adianta passar *apenas* pela escola, passar por um professor e ser instruído por este, sem ter uma orientação de como aplicar na vida as aquisições que foram ensinadas. Como o próprio texto diz: “o *direcionamento* é uma condução na prática daquilo que foi ensinado”. Por esta razão, não adianta apenas aprender, é preciso saber como se conduzir na vida, como se orientar no mundo. Kant entendia que este papel era diferente do de apenas ensinar alguma teoria. A educação envolve entre outras coisas ensinar aos homens desde a infância a noção de que eles devem ser responsáveis por sua manutenção e autonomia. Numa citação de sua pedagogia, ele afirma que as regras com as quais a criança deve ser educada

[...] tem por finalidade ensinar a usar bem sua liberdade, que a educamos para que possa ser livre um dia, isto é, dispensar os cuidados de outrem. Esse pensamento é o mais tardio, porque as crianças nos primeiros anos não imaginam que deverão um dia providenciar por si mesmas sua própria manutenção. Elas acreditam que mais tarde acontecerá como no lar paterno, onde elas têm o que comer e beber sem preocupação (*Päd*, AA 09: 454).

Esta passagem mostra a preocupação que a educação deve ter em suscitar nas crianças uma consciência da necessidade de ter os meios para que elas possam usar e gerenciar segundo seu arbítrio, a fim de seguir seu próprio curso no mundo da melhor forma possível. Sabemos que cada ser humano precisa se manter e se conduzir na vida, que na sociedade cada um busca conquistar seu espaço, tanto para se manter como para realizar suas aspirações. Essa é uma preocupação de ordem pragmática, bem como na mesma passagem temos uma observação antropológica pragmática de que a espécie humana tão logo adquira maturidade, diferentemente de outras espécies, terá que viver mediante regras e conquistar o necessário para viver numa sociedade antagônica, ou seja, de que ela não estará livre dos limites e das oposições impostas por ela mesma. Adquirir certa autonomia é uma tarefa para cada ser humano que lhe exige o uso de suas capacidades e habilidades. Uma educação meramente escolástica não é capaz por

si só de ajudar na conquista de algum grau de autonomia; pelo contrário, esta educação deve ser apenas uma parte de um todo que Kant chamou de *educação prática*, a qual em sua definição diz o seguinte:

A educação *prática* ou *moral* (chama-se prático tudo o que se refere à liberdade) é aquela que diz respeito à construção (cultura) do homem, para que possa viver como ser livre. Está última é a educação que tem em vista a personalidade, educação de um ser livre, o qual pode bastar-se a si mesmo, constituir-se membro da sociedade e ter por si mesmo um valor instrínseco. Portanto, a educação consiste: 1. Na cultura *escolástica* ou mecânica, a qual diz respeito à habilidade: é portanto didática (informativo); 2. Na formação *pragmática*, a qual se refere à prudência; 3. Na cultura *moral*, tendo em vista a moralidade. (*Päd*, AA 09: 455).

Como podemos observar, a educação prática envolve uma cultura técnica da habilidade e do conhecimento, mas também se preocupa em tornar o homem um ser prudente, bem como a despertar e desenvolver a moralidade presente nele. Todas essas três partes têm desdobramentos na vida prática do homem, pois uma tal forma de educação abre o caminho para sua autonomia em diferentes áreas. Ao ensinar o homem uma cultura da prudência, tal educação permite que ele conquiste seu espaço e lide bem com as demandas da sociedade; ao fornecer técnicas e habilidades, ela possibilita que o homem encontre possíveis soluções para os problemas e desafios ligados a sua sobrevivência e adaptação. Além disso, ao educar o homem numa cultura moral, ela faculta ao homem reconhecer os imperativos da razão, sua dignidade e os valores incondicionais. A educação prática prepara o homem para que ele aja como um cidadão do mundo, para que ele atue livremente segundo o poder de suas faculdades e seja influente em seu meio. Tudo isso está relacionado ao poder que o homem tem de lançar mão de suas aquisições (conhecimentos e habilidades) para realizar seus próprios objetivos. Neste sentido, para que o aluno conquiste sua autonomia, seu agir deve estar associado inevitavelmente às possibilidades de aplicação de seus meios em sua própria existência. A partir das leituras dos textos de Kant, entendemos que o mesmo defende que essa aplicação pode ser bem sucedida sempre que o ser humano tiver ao seu alcance o conhecimento pragmático para guiar o escolástico.

Para dar apenas um exemplo de um conhecimento antropológico pragmático, útil na orientação de nossas habilidades e instruções, observemos a parte da *Antropologia Pragmática* intitulada *Comparação antropológica das três faculdades de conhecer superiores entre si*. Seguindo a perspectiva da antropologia pragmática, quando se trata de aplicar o conhecimento adquirido, precisamos destacar o papel das capacidades cognitivas superiores humanas – entendimento, juízo e razão – e ressaltar o exercício delas, a fim de que possam ser

úteis no curso das realizações humanas. Por exemplo, o estudante tem que ter a capacidade de usar seu próprio entendimento [*Verstand*] a fim de criar regras que orientem a aplicação de suas aquisições intelectuais. Assim, para entendermos melhor o que Kant entende por entendimento e qual o papel que esta faculdade tem para com a elaboração de nossas regras, observemos então esta sua definição em sua *Antropologia Pragmática*:

Se com a palavra entendimento se quer dizer a faculdade de conhecimento de regras em geral (e isso por conceitos), de modo que compreende em si toda a faculdade de conhecer *superior*, então não se tem de entender por ela aquelas regras segundo as quais a natureza guia o ser humano em seu procedimento, como ocorre nos animais impelidos pelo instinto natural, mas só as que *ele mesmo faz*. O que ele meramente aprende e confia à memória é executado apenas mecanicamente (conforme as leis da imaginação reprodutiva) e sem o entendimento (*Anth*, AA 07:197).

Notemos através desta citação, que mesmo os animais são guiados por regras, mas não por regras que eles mesmos criaram, mas sim por aquelas criadas pela natureza. Contudo, de acordo com Kant, observemos que importa ao homem que ele se guie apenas pelas regras criadas por ele mesmo. Não é suficiente que o homem apenas aprenda regras, em outras palavras, que ele domine conceito e conhecimentos teóricos, que aprenda sobre muitas coisas e até mesmo memorize muitas informações e, no fim, ele mesmo seja incapaz de elaborar regras gerais. Ensinar qualquer coisa, e mesmo filosofia, deve envolver o ensino de conhecimentos, mas também deve sobretudo despertar no estudante a capacidade de elaborar conceitos e regras gerais que possam ter um papel em sua própria vida prática. Não basta acumular informações, é preciso extrair delas princípios que permitam ser aplicados no dia a dia do estudante. O verdadeiro entendimento é ativo, ele transforma o que é assimilado em alguma forma de conhecimento capaz de ser utilizado de forma prática para os interesses da vida. Sobre o uso do entendimento, Kant dá um exemplo, onde podemos estabelecer uma paralelo com a situação de ensino-aprendizagem entre o professor e o aluno, ele assim diz:

Um criado que tem de fazer simplesmente um cumprimento segundo uma determinada fórmula, não precisa do entendimento, isto é, não necessita pensar por si mesmo, mas dele precisa quando, na ausência do seu senhor, tem de cuidar dos afazeres domésticos deste, onde são necessárias várias regras de conduta que não podem ser literalmente prescritas (*Anth*, AA 07:197).

Neste singela ilustração, percebe-se que o criado ao agir segundo regras, ele segue aquelas (regras) já estabelecidas por outrem. Ele segue uma fórmula pronta, determinações que não foram pensadas por ele mesmo. Como Kant mesmo escreve, o criado não precisa usar

seu entendimento, pois teve o de seu senhor na elaboração das regras sobre as tarefas que precisa executar. Enquanto aquele, o criado, usa as regras de uma forma mecânica, recorrendo a memória e a imaginação reprodutiva; este, o senhor, produz de forma espontânea as regras necessárias para a execução das tarefas. Poder-se-ia dizer que o criado pensa com o entendimento de seu senhor. Este último sim, reconhece as necessidades domésticas que lhe dizem respeito e, por esta razão, formula aquilo sobre o que precisa cuidar, em outras palavras, reconhece diretamente suas demandas e cria as regras de conduta para executar aquilo que lhe apraz. Contudo, como afirma Kant, o criado em um situação completamente nova precisa recorrer ao seu próprio entendimento, tão logo seu senhor se torne ausente, pois ele precisa agora de sua própria capacidade para estabelecer regras de conduta, que não podem ser prescritas de forma literal. A fim de executar sua tarefa, ele precisa então obter regras através de seu próprio entendimento, pois na ausência de seu senhor não há nenhuma formula a ser seguida.

Tomando este exemplo de empréstimo, podemos pensar que algo semelhante acontece na relação professor-aluno na escola. Muitas vezes o ensino escólastico, aquele que meramente instrui, e não o pragmático (aquele que guia), fornece apenas o conhecimento já elaborado e acabado, informações prontas sem o que não é preciso o aluno exercer ativamente o seu próprio entendimento. No modo de ensinar escolástico, ao aluno é dado apenas a instrução para apenas memorizar o conteúdo.²⁶ Neste sentido, não lhe é estimulado a elaborar regras a partir do que lhe é ensinado, nem a refletir e a pensar sobre os princípios gerais. O aluno pode até saber para que serve o seu conhecimento, mas só saberá enquanto estiver na presença do professor, o qual guia sua conduta (tal como o senhor que orienta seu criado) e lhe prescreve de antemão como aplicar aquele conhecimento na realidade. Na ausência do professor, o aluno terá dificuldades em encontrar utilidade e aplicação para todo seu conhecimento, pois este usa o mesmo apenas de forma mecânica, conforme as leis da imaginação reprodutiva (quando meramente reproduz o conhecimento no exame escolar), por esta razão, terá que começar a fazer uso de seu entendimento a fim de transformar e efetivar sua aprendizagem em regras práticas para a vida. Neste sentido, entendemos que a atuação do professor, sua prática de

²⁶ É importante ressaltar que Kant não vê a memorização como algo negativo. Contudo, apenas usar a memória em detrimento do entendimento pode ser prejudicial. Em sua *Pedagogia* ele diz o seguinte: “A principal regra é esta: não desenvolver separadamente uma potência por si mesma, mas desenvolver cada uma, tendo em vista as outras, como a imaginação a serviço da inteligência. As potências inferiores não têm, por si mesmas, nenhum valor, por exemplo: que adianta, que um homem tenha grande memória, mas pouco discernimento?” (*Päd* AA 09: 472). [...] Deve-se cultivar desde logo a memória, procurando cultivar na mesma medida a inteligência. (*Päd* AA 09: 474).

ensino, deve contemplar aquele *direcionamento* que Kant afirma ser fundamental para guiar o aluno na vida, algo que começa *quando provocamos no aluno o uso de suas faculdades*.

O modo de lidar com o conhecimento de forma escolástica está para o uso passivo das capacidades superiores do entendimento assim como o modo de lidar com o conhecimento pragmático está para o exercício e o uso ativo de tais capacidades. É também por meio do uso de regras criadas pelos próprios sujeitos que estes se tornam protagonistas, no lugar de esperar por fórmulas prontas e agir apenas como espectadores. Assim, sem o treinamento do entendimento, sem a aplicação deste às situações diversas da vida, o homem não conquista a autonomia necessária para realizar seus propósitos. É formulando regras sobre sua própria natureza e sobre as coisas no mundo que o homem é capaz de transformar sua realidade. Quando ele deixa de formular suas próprias regras e segue *apenas* as regras alheias, ele perde de vista o caminho de atingir aquilo que propriamente lhe interessa. Por esta razão, o homem deve estar apto a responder às dificuldades e aos desafios que o mundo lhe impõe, o que para isso deve necessariamente conhecer os princípios que regem a sociedade, às relações humanas e o próprio espaço natural que habita. Reconhecer estes princípios é o que lhe faculta atuar como um cidadão do mundo, capaz de exercer sua liberdade e agir moralmente superando os obstáculos externos e internos que limitam sua personalidade e que lhe impele para a animalidade.

Lembremos, como escreve Kant, que a providência confiou ao homem a tarefa de conquistar sua própria felicidade, de trabalhar suas disposições para através delas conquistar os fins que ele dá si mesmo. A conquista de sua felicidade está diretamente associado ao que cada um faz do conhecimento que lhe é ensinado, ao que ele faz das habilidades que aprende, o que para isso, o homem precisa ter liberdade para pensar e fazer uso de suas capacidades. No mundo, o homem não pode depender apenas de outro entendimento, ele deve buscar ser livre e ser capaz de se servir de seu próprio entendimento e de todas as suas outras forças intelectuais. Diante de seus alunos, Kant apontava a preocupação de que os mesmos pudessem se conduzir através de suas próprias balizas, sem o uso de fórmulas prontas, sem depender exclusivamente do entendimento de outrem, mas que fossem capazes de originalmente pensar segundo suas próprias referências.

Mas para além do entendimento, e seguindo ainda nosso exemplo, precisamos usar também o juízo [*Urteiskraft*], esta outra capacidade cognitiva superior, sem a qual nenhuma aplicação de qualquer regra é bem sucedida. Mas o que seria o juízo? Numa definição breve, Kant afirma que “o entendimento é a faculdade das regras, e o juízo, a faculdade de descobrir o particular como um caso dessas regras” (*Anth* AA 07: 199). O juízo é a faculdade por meio do qual descobrimos um caso particular de uma regra que nos foi dada ou elaborada por nós

mesmos (pelo nosso próprio entendimento).²⁷ Assim, por meio do julgamento podemos agir de uma maneira ou de outra conforme a situação mais adequada, antes de tudo porque discernimos que uma dada situação ou circunstância exige uma ação particular e não alguma outra. Além disso, Kant chega a dizer o seguinte sobre a relação entre o juízo e o entendimento:

“Mediante instrução, o entendimento natural pode ser ainda enriquecido de muitos conceitos e dotado de regras; porém a segunda faculdade intelectual, a saber, a de discernir se algo é uma caso da regra ou não, o *juízo*, (*iudicium*), não pode ser ensinada mas só exercitada; daí seu crescimento se chamar *maturidade*, entendimento que só vem com os anos” (*Anth AA 07: 199*).

Ao definir o juízo em paralelo com o entendimento, observamos que Kant ressalta o papel da instrução no enriquecimento desta última faculdade. Obter novos dados e informações sobre os objetos do mundo sem dúvida enriquece as regras gerais que formulamos sobre eles. Como já foi dito, compete ao professor estimular e provocar o entendimento dos alunos para que o mesmo possa ativamente criar regras a partir da aprendizagem dos conteúdos transmitidos (sejam estes quais forem, até mesmo os de filosofia), e isto, a fim de que com elas (as regras) os alunos possam se servir na orientação e no plano de suas ações. Ocorre que a simples instrução já não exerce o mesmo efeito quando se trata de enriquecer ou de cultivar a capacidade de julgar dos estudantes. Esta capacidade não pode ser ensinada, de acordo com Kant, mas apenas exercitada. Podemos aprender, mesmo mecanicamente algumas regras, podemos até mesmo memorizar e reproduzi-las por meio da imaginação, todavia tudo isso não é o caso quando se trata de exercer algum julgamento.

Alguém pode ser muito bom em memorizar informações e conhecer profundamente sobre determinados assuntos, mas não saberá o que fazer com eles, quando uma situação lhe ocorrer e precisar tomar uma decisão, pois a mesma só será acertada se seu julgamento for pertinente. Ações mecânicas e amplo repertório de informação por si só não garantem a tomada de decisões certas, agir de forma correta, usar os meios mais adequados e identificar os

²⁷ É importante ressaltar aqui o papel da faculdade de julgar na relação entre a teoria e a prática. Tal faculdade é tida por Kant como um elo que permite o vínculo entre uma coisa e outra. Em seu texto *Sobre a expressão corrente: Isto pode ser correto na teoria, mas nada vale na prática* (1793), Kant escreve o seguinte: “É evidente que entre a teoria e a prática se requer ainda um elemento intermediário de ligação e da transição de uma para a outra, por mais completa que a teoria possa também ser; ao conceito de entendimento, que contém a regra, deve efetivamente acrescentar-se um acto da faculdade de julgar, mediante o qual o prático distingue se algo é, ou não, um caso da regra [...]” (*TP, AA 08: 275*). Neste sentido, não é suficiente conhecer a teoria (as regras) apenas. Também não é suficiente ter alguma experiência prática ou deixar-se conduzir por qualquer experiência sem o auxílio de alguma teoria. É preciso que a experiência prática se sirva da faculdade de julgar a fim de saber qual regra aplicar a um caso específico. Não basta apenas ter uma boa teoria e um bom entendimento, nem muito menos se deixar guiar pela mera experiência e pelas percepções. O juízo é o que possibilitará a aplicação do conhecimento no caso adequado. Daí ser interessante que o homem possa conhecer este aspecto de sua natureza para dar um bom destino a tudo aquilo que ele aprende.

verdadeiros fins não constituem por si uma correta aplicação. O julgamento não é um exercício de generalização, mas de saber a qual regra pertence um dado caso particular ou em que caso se aplica uma dada regra. Aquilo que é o caso ou o particular tem uma ligação com a experiência, com o factual e por essa razão julga melhor quem melhor exerce diariamente o juízo adquirindo assim experiência sobre como aplicá-lo. Aqui, por experiência, não precisamos entender sempre uma experiência necessariamente empírica e factual, pois o matemático ao longo da vida também adquire experiência no julgamento com os números e com os assuntos matemáticos, mas sua experiência não é de natureza empírica. Isso nos convida a pensar, que o professor que melhor ajuda seus alunos a exercer o juízo é aquele que relaciona seu conhecimento teórico também ao exercício de uma aplicação empírica ou de uma aplicação *a priori*. Em outras palavras, é aquele professor que trabalha com situações concretas e abstratas, analisa exemplos, realiza estudos de caso, faz experimentos mentais, confronta a realidade com a própria teoria, pois pensamos que seja também nesta esfera de coisas que o aluno pode melhor exercitar sua capacidade de julgar.

Para Kant, não há outra forma de desenvolver o juízo sem o constante exercício do mesmo. Se o professor não pode ensinar a faculdade de julgar ao seu aluno, é pelo menos sensato que ele não obstrua os caminhos criativos e originais através dos quais os alunos exercitarão por conta própria seu juízo. Em algumas passagens, observamos Kant se referir ao juízo como um dom, em outras a mesma faculdade se apresenta como uma capacidade que se conquista com a maturidade, portanto, através de um longo tempo, bem como o juízo pode ser visto como algo que se desenvolve através do uso de exemplos. De todo modo, ter um bom juízo não é como alcançar um bom entendimento e o uso da capacidade de julgar é essencial para se aplicar qualquer regra. Na realidade, ambas as faculdades de conhecer tem um vínculo estreito em sua atuação no mundo, pois não se exercita uma de forma separada da outra; porém, o que se observa antropologicamente é que a capacidade de julgar diferentemente do entendimento não se aprende na escola durante o curso da instrução, de modo que assim Kant escreve na *Crítica da Razão Pura*:

Eis porque ela [a faculdade de julgar] é o cunho específico do chamado bom senso, cuja falta nenhuma escola pode suprir. Porque, embora a escola possa preencher um entendimento acanhado e como que nele enxertar regras provenientes de um saber alheio, é necessária ao aprendiz a capacidade de se servir delas corretamente e nenhuma regra, que se lhe possa dar para esse efeito, está livre de má aplicação, se faltar tal dom da natureza (A 133, B 172).

Se não é possível ensinar a julgar corretamente, tal como é possível ensinar as regras de uma língua, deve-se então pelo menos em qualquer lugar, dentro da escola ou fora dela, promover o caminho para que os sujeitos encontre suas próprias condições de desenvolver este “dom natural”. Como podemos notar, o juízo está estreitamente voltado para o bom senso, e este não é passível de ser ensinado, tal como é possível ensinar gramática, geometria e história. De acordo com Kant, importa que nossas regras sejam aplicadas, o que para tal efeito é necessário saber julgar aquilo que é o caso para uma determinada regra. Assim, não basta receber as regras de um entendimento alheio, é preciso também formular as próprias regras e, além disso, é fundamental aplicá-las corretamente segundo o próprio juízo. Numa passagem da *Crítica da Razão Pura*, ele comenta sobre as dificuldades de aplicar num caso *in concreto* as regras concebidas pelo entendimento e, ainda ressalta, a importância dos exemplos como um instrumento para aguçar a faculdade de julgar, assim ele diz:

Assim, um médico, um juiz, um estadista podem ter na cabeça excelentes regras patológicas, jurídicas ou políticas, a ponto de serem sábios professores nessas matérias e todavia errar facilmente na sua aplicação, ou porque lhes falte o juízo natural (embora lhes não falte o entendimento) e, compreendendo o geral *in abstracto*, não sejam capazes de discernir se nele se inclui um caso *in concreto* ou então também por se não prepararem suficientemente para esses juízos com exemplos e tarefas concretas. Aguçar a faculdade de julgar, tal é a grande e única utilidade dos exemplos. [...] Assim, os exemplos são as muletas da faculdade de julgar de que nunca poderá prescindir quem careça desse dom natural (A 134 B173).

Ao ler esta passagem, observamos o quão importante para a execução de determinadas tarefas é o uso do julgamento. Notamos aí também a preocupação pragmática com a capacidade de julgar para se utilizar as regras que cada atividade prática exige. Não basta unicamente estar na posse de uma boa teoria se não há como fazer uma aplicação concreta e correta na prática. O médico, o político e o juiz só atuam efetivamente e são protagonistas no mundo, se de fato aplicam suas regras aos casos concretos com os quais se deparam. É preciso atentar para o fato, de que muitos homens são bons conhecedores de suas matérias, embora isso não seja o suficiente para serem bons aplicadores ou executores delas. Mas aqui é importante lembrar que todos os homens deveriam encontrar na escola, não apenas os meios de instrução, mas especialmente de afiar o seu julgamento. Assim, compete ao professor estimular no aluno o exercício do julgamento, sem o que toda instrução não passará de simples informação. Ao homem está dada a tarefa de saber como aplicar desde cedo aquilo que ele conhece, e isto, ele não fará sem considerar o desenvolvimento da capacidade de julgar, a qual embora não possa ser ensinada, pode pelo menos ser aguçada, conforme Kant, por meio de exemplos. Como já

fora dito, não basta ter apenas instrução, é preciso ter *direcionamento* para se conduzir na vida e, neste caso, para fazer um bom julgamento das coisas. Tendo em vista isso, é importante que em toda forma de ensino, e aqui em especial no ensino de filosofia, não se perca o contato com o conhecimento pragmático, com a aplicação (de forma orientada) do que se sabe e se aprendeu dentro e fora da escola. O professor deve trabalhar em seus alunos este direcionamento, que fatalmente não se fará sem o uso de um bom julgamento.

Por fim, ainda explorando as características antropológicas do homem, destaquemos por último a razão [*Vernunft*], essa outra capacidade cognitiva a qual precisamos conhecer, caso desejamos fazer um bom uso ou aplicação do conhecimento escolástico no mundo. Numa definição de sua *Antropologia Pragmática*, Kant escreve que “a razão é a faculdade de deduzir, do universal, o particular e de representar este último como necessário e segundo princípios” (*Anth* AA 07: 199). Por sua vez, em sua obra *Sobre a Pedagogia*, ele define da seguinte forma a razão, “O entendimento é o conhecimento do geral. O juízo é a aplicação do geral ao particular. A razão é a faculdade de discernir a ligação entre o geral e o particular” (*Päd*, AA 09: 472). Na verdade, o conceito de razão em Kant é muito mais amplo que essas simples definições, mas nos limitemos a elas a título de trabalho para nossa tarefa aqui. Na realidade, a razão é definida aqui como capacidade de fazer inferências e concluir novos conhecimentos a partir dos elementos trabalhados pelo entendimento e pelo juízo, a capacidade de estabelecer uma ligação entre as regras do entendimento e o discernimento do juízo em relação ao particular.

De acordo com essas observações, a razão é, portanto, a capacidade que amplia os conhecimentos a partir de outros que foram dados previamente. Ela garante a necessidade do particular mediante os princípios universais, bem como previne o erro oriundo das deduções e inferências equívocas. Ademais, ela se articula com o conhecimento pragmático, entre outros motivos, porque ela permite que se possa extrair conclusões corretas a partir das informações (escolásticas) já adquiridas. Neste sentido, a disciplina de lógica tem desde então desenvolvido o importante papel no ensino da estrutura formal da argumentação, investigando aspectos sobre a verdade e a validade dos argumentos. Na realidade, a razão e seus princípios fornecem condições para que a razão (aqui em sentido geral) não cometa excessos. Devemos considerar que existe uma tendência natural do homem a tirar conclusões que extrapolam suas premissas, uma tendência a cair em sofismas e a se valer de falácias, como se estas coisas tratassem de um conhecimento verdadeiro e destituído de erros.

O papel da razão (em sentido aqui específico) é corrigir a falha na qual incorre o raciocínio, é lembrar, por exemplo, que *o que é possível* jamais deve se fundamentar na

superstição, mas em princípios sólidos da experiência ou da razão. Neste sentido, o cultivo da razão [*Vernunft*], o conhecimento desta capacidade, a qual faz parte da natureza humana, é de fundamental importância para a *aplicação das aprendizagens* na vida prática dos sujeitos. Assim, tendo em vista estas três capacidades superiores e uma compreensão antropológica do papel delas, podemos abstrair então que *ao ensinar filosofia, o professor deveria sempre aproximar o conteúdo de seu ensino (da sua aula) cada vez mais aos aspectos da natureza humana*. Ele deveria articular o conteúdo que está ensinando a diferentes características que compõem a natureza do homem, portanto, a algum conhecimento antropológico pragmático tal como, por exemplo, aquele sobre as capacidades superiores – entendimento, juízo e razão – e isto, *a fim de que o aluno, ao conhecer melhor sua própria natureza, pudesse melhor aplicar o conteúdo que está sendo aprendido*. Isso deve valer não só para a filosofia, mas para toda e qualquer outra disciplina ou conteúdo que for ensinado. Assim, o professor precisaria elaborar junto ao aluno uma visão antropológica do próprio homem; saber, por exemplo, que o gênero humano conhece os objetos através de seu entendimento, de seu juízo e de sua razão, assim como ao lidar com o mundo o ser humano é atravessado por outras tantas características e disposições sociais, afetivas e volitivas que interferem em seu comportamento. O professor deveria discutir todas essas nuances da natureza humana junto ao aluno, a fim de que ele pudesse fazer um melhor uso daquilo que lhe fosse transmitido.

Faz-se mister, portanto, que o professor organize sua aula tendo em vista os variados traços antropológicos de sua natureza pragmática, para que os alunos adquiram maiores possibilidades de aplicar efetiva e acertadamente em suas vidas a instrução que eles recebem. Torna-se necessário, por exemplo, que o próprio aluno conheça melhor e exercite as possibilidades de seu próprio julgamento, que ele aguçe tal faculdade através de exemplos e aplique seu juízo mediante sua própria experiência. É fundamental que o próprio aluno crie regras e conceitos segundo o seu entendimento e que, além disso, articule suas informações de forma válida extraindo conclusões lógicas, a partir dos conteúdos que são ensinados nos diferentes espaços de aprendizagem ao longo da vida. O aluno conquista sua autonomia quando se vale do conhecimento pragmático para orientá-lo no uso de suas aquisições escolásticas. Neste sentido, o exemplo aqui discutido, das capacidades superiores, é apenas um entre tantos exemplos que atestam a importância de uma articulação entre o conhecimento antropológico pragmático e a educação do homem, e isto, a fim de conferir à esfera de sua atuação prática uma efetiva aplicação e uso de todo seu aprendizado. Acreditamos que é sob uma tal articulação, que cada indivíduo melhor atuará como protagonista no mundo.

4 SOBRE O CONHECIMENTO ANTROPOLÓGICO DAS CAPACIDADES HUMANAS E SUA APLICAÇÃO NO EXERCÍCIO FILOSÓFICO, NO ENSINO DE FILOSOFIA E NA ORIENTAÇÃO DO HOMEM NO MUNDO

A educação tem o propósito de conduzir o homem no desenvolvimento de suas disposições naturais, de modo que compete a ele conhecer melhor estas disposições através de uma investigação sobre sua própria natureza. A utilização de suas disposições somado ao conhecimento de sua natureza possibilitará ao homem condições para gerenciar seus fins e alcançar os mesmos ao longo da vida. Tudo isto configura uma espécie de conquista que não se dará sem que o homem tenha os meios necessários. Por isso, podemos pensar, que saber educar significa também educar para os meios, sem perder de vista os valores que devem estar presentes nos fins escolhidos. Kant entendia a relação entre os meios e fins como importante para pensar a realização de uma vida autônoma entre os homens. Não é por acaso que ele ressalta, em algumas partes de sua obra, o papel da prudência, considerando esta uma parte importante da *Educação Prática*. Na verdade, a avaliação dos fins e dos meios ao longo da vida atravessa diferentes fases ao longo do desenvolvimento do homem. Este processo de amadurecimento se dá de forma gradual não apenas biologicamente, mas também tendo em vista sua razão e o uso que ele faz desta. Em uma curiosa observação antropológica, Kant escreve o seguinte sobre desenvolvimento do uso da razão:

A idade em que o homem chega ao pleno uso de sua razão poderá ser fixada, em vista de sua *habilidade*, <*Geschicklichkeit*> (a faculdade de atuar com arte em qualquer propósito), por volta dos vinte anos; vista da *prudência* <*Klugheit*> (de utilizar outros homens para os seus fins), dos quarenta; finalmente, em vista da sabedoria <*Weisheit*> por volta dos sessenta; nesta última época, porém, ela é mais *negativa*, para compreender todas as tolices das duas primeiras, quando se pode dizer: “É pena ter de morrer quando enfim se aprendeu como se poderia viver bem” [...] (*Anth*, AA 07: 201).

Na realidade, esta é uma observação muito breve feita por Kant, a qual aponta algumas fases do ser humano conforme a aplicação que este faz de sua razão. O desenvolvimento do ser humano se dá pela vida inteira, mas no que tange ao uso da razão no curso de sua existência, passamos primeiramente pela conquista de algumas habilidades para muito depois chegar a fase da sabedoria, a qual é mais *negativa*, ou seja, nos diz muito mais o que deveríamos não ter feito do que propriamente que escolhas na vida devemos tomar. Ao longo das fases iniciais de nossa formação [*Bildung*], a sabedoria não é algo tão presente quanto por volta da idade mais adiantada e assinalada por Kant. Nas primeiras fases da vida o homem não só carece de sabedoria como também de prudência. Ambas as formas racionais

de lidar com a própria existência lidam com as escolhas dos fins práticos que adotamos, mas também com a escolhas dos meios de como realizá-los. A sabedoria, que nem se conquista na escola e nem nos primeiros anos de vida, mas sim ao longo da travessia desta, permite avaliar com outros olhos os fins escolhidos, o valor destes, e, neste sentido, permite que possamos fazer melhores escolhas.

Kant entende que no período inicial da formação humana (por volta dos vinte anos) as pessoas devem aprender várias habilidades e a instrução necessária para atuar no mundo. Assim, segundo ele, compete a educação (de responsabilidade dos pais e do Estado) fornecer instrução técnica adequada para o ser humano, de modo a poder dominar instrumentos e meios para atingir seus propósitos. Contudo, ter os meios ainda não é estar na posse segura dos fins. É preciso conhecer bem o valor dos fins que adotamos, algo que não se dará afastando-se do cultivo da razão, isto é: da prudência e da sabedoria. Por isso, seguindo os passos do que estamos a defender aqui: acreditamos que é fundamental conhecer a natureza humana para decidirmos melhor sobre quais fins adotar ao longo da vida. Isso não nos levará fatalmente a uma vida perfeita, mas nos redimirá de muitas escolhas infrutíferas e negativas. Não nos colocará diante da perfeição, contudo mais próximo possível de uma vida digna e feliz do que podemos nos aproximar. É neste sentido, que a educação deve jogar um papel importante ao ensinar os homens a aplicar da melhor forma seus recursos e conhecimentos. Podemos até pensar que as pessoas mais sábias, também mais avançadas na idade, por conhecerem melhor a si próprias, i.e., sua própria natureza humana, possam em virtude de sua experiência usar melhor seus meios e escolher melhor seus fins. Neste sentido, a preocupação da educação é possibilitar que os mais novos, ainda distante da fase apontada por Kant como referida à sabedoria, possam agir de forma sábia e acertada desde o início da vida.

Segundo Kant, a educação deve ser concebida desde cedo não apenas para conhecer os objetos do mundo, mas para desde cedo saber como nos servir deles da maneira mais adequada e correta. Não apenas para conhecer o que as coisas são de um ponto de vista teórico e manejá-las com certa habilidade, mas para saber escolher os fins e os meios corretos diante das inúmeras contingências da vida. Em seu texto *Sobre a Pedagogia*, por exemplo, existe uma preocupação de Kant com a educação moral das crianças, um tipo de educação que se compromete desde cedo com a sabedoria (a qual está relacionada com a escolha dos fins).²⁸

²⁸ Por exemplo, em *Sobre a Pedagogia*, Kant prescreve o seguinte na educação das crianças: “É preciso, por fim, orientá-los sobre a necessidade, de todo dia, examinar a sua conduta, para que possam fazer uma apreciação do valor da vida, ao seu término” (*Päd*, AA 09: 499). Este tipo de orientação tem um aspecto moral, mas também envolve o uso da sabedoria, a qual lança uma avaliação sobre os fins da vida, ou seja, avalia também que valor nossos propósitos pessoais realmente possuem perante a vida.

Por sua vez, numa passagem da *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, Kant faz a seguinte observação sobre a relação entre meios e fins implicada na educação que os pais dão aos filhos:

Visto que na primeira juventude não se sabe que fins podem se nos deparar na vida, os pais procuram sobretudo fazer com que os filhos aprendam as mais *variadas* coisas e cuidam da *habilidade* no uso dos meios para toda a sorte de fins ao *bel-prazer*, de nenhum dos quais pode determinar se acaso não poderia vir a ser no futuro efetivamente uma intenção de seu pupilo, dos quais, no entanto, é possível, “admitir” que ele queira tê-los algum dia, e esse cuidado é tão grande que, por causa dele, descuidam comumente de formar e corrigir-lhes o juízo sobre o valor das coisas que eles talvez pudessem vir a se propor como fins (GMS, AA 04: 415).

De acordo com Kant, é importante que a educação atinja seu objetivo que é permitir ao homem fazer as escolhas certas, adotar fins que tenham valores importantes para realização do desenvolvimento do indivíduo, para que ele saiba o que fazer com os meios e os recursos que são disponibilizados na escola e em outros espaços. Esta passagem mostra o quão é importante dominar a instrução técnica (os meios), aquilo que ele chamava de conhecimento escolástico, embora apenas com isto o homem ainda não se torne um protagonista, um cidadão do mundo. Além da instrução, o homem precisa ter uma visão do valor das coisas, para dar a si mesmo os fins que são verdadeiros, que são morais e dignos de sua humanidade.²⁹ Na passagem, Kant aponta aquilo que seria uma falha da educação dos pais, ou seja, preocupar-se em cumprir com a parte instrucional da educação, sem levar em conta os propósitos a que devem servir os recursos escolásticos. Em outras palavras, não basta adquirir um conhecimento teórico sobre o mundo, mas é *preciso saber quais fins adotar ao longo da trajetória no mundo*. Kant chega a falar em corrigir os juízos incorretos das crianças sobre o valor das coisas, uma intervenção pedagógica importante quando se trata de ponderar que valores dirigirão o sujeito no curso de suas escolhas durante a vida. Quando dizemos que é *preciso saber* queremos apontar o papel que a própria antropologia pragmática põe na educação como uma forma de sabermos como nos conduzir. É imperioso promover uma educação onde as crianças percebam desde cedo o papel que jogam no mundo, o valor de suas ações e dos propósitos que buscarão alcançar ao longo da vida.

²⁹ Em *Sobre a Pedagogia*, Kant escreve o seguinte sobre a relação entre fim e educação: “Os pais cuidam da casa, os príncipes, do Estado. Uns e outros deixam de se propor como fim último o bem geral e a perfeição a que está destinada a humanidade e para a qual esta tem as disposições. O estabelecimento de um projeto educativo deve ser executado de modo cosmopolita. Mas, o bem geral é uma Idéia que pode tornar-se prejudicial ao nosso bem particular? Nunca! Pois, ainda que pareça que lhe devamos sacrificar alguma coisa, na verdade trabalhamos deste modo melhor para o nosso estado presente. E, então, quantas consequências nobres se seguem! Uma boa educação é justamente a fonte de todo bem neste mundo (*Päd*, AA 09: 448).

Quando Kant escreve, em sua *Antropologia Pragmática*, que a sabedoria é negativa no sentido de compreender os erros e as tolices cometidas, este ponto de vista pragmático de alguma maneira atravessa aqui a questão de sabermos qual *direcionamento* é certo para nossas vidas. Isto explica, em alguma medida, porque Kant afirma que a parte positiva da educação não deveria ter apenas um professor, mas também um *guia* para orientar nos assuntos relativos a vida. A tarefa da educação não se resume apenas a questão da instrução, mas deve essencialmente considerar como o ser humano deve se orientar em suas relações com as demais pessoas e lidar com os eventos ao longo de sua existência. Segundo Kant, a resposta para *como* podemos em grande parte lidar bem com o que fazemos no mundo está naquilo que ele denominou de *conhecimento do mundo*. Tal conhecimento nos conduz a pensar que qualquer ensino, de qualquer disciplina e não importando o assunto, se ele quiser ser bem sucedido naquilo que ele pode propor como útil na vida do ser humano, ele precisa ser orientado pelo que compreendemos sobre nossa natureza, a partir de um ponto de vista pragmático.

A questão de obter um *direcionamento* é importante não apenas a fim de aprendermos a conhecer bem as coisas, mas também no que diz respeito aos outros aspectos do caráter humano. Para Kant, é importante que as crianças sejam bem conduzidas e orientadas desde cedo por boas mãos, afinal a educação quando forma o ser humano deve ser conduzida pelas mãos de um mestre. Uma referência sobre esta posição está numa carta sua dirigida a Christian Heinrich Wolke (1741-1823), quem dirigiu o Instituto *Philantrophin* de Dessau, fundado por Basedow (1724-1790). Em sua carta, datada da década de 70, Kant expressa a intenção de encaminhar para esta instituição uma criança, filho de um amigo, que ainda completará 6 anos. Ao notar o desenvolvimento da criança em relação às aptidões naturais [*Naturfähigkeit*] e ao impulso para as atividades [*Antriebe zur Thätigkeit*] como que adiantado em relação à sua idade, Kant escreve o seguinte ao diretor: “É precisamente por causa desse impulso que o pai deseja vê-lo, sem demora, posto em boas mãos, a fim de que tal pendor [*Trieb*] não faça nascer defeitos que só tornarão difícil a sua futura formação” (*Br AA 10*: 191). Notemos aqui uma preocupação em primeiro plano para que a criança tenha uma boa condução. A preocupação aqui é que a criança não perca seu impulso natural, ou ainda, que seu pendor não se degenere em defeitos [*Unarten*]. Ademais, embora traduzido como “em boas mãos”, o termo em alemão no original é *unter gute Führung*, o que equivale numa tradução literal a *sob boa condução, direção, orientação*. Aqui, a questão chave volta-se para o *direcionamento*, de modo que é a ausência de direcionamento (orientação) aquilo que faz o pendor seguir outros caminhos que levam aos defeitos, vícios, etc. Kant tinha o zelo de que o educando tivesse uma boa orientação ao longo de sua formação, que o ser humano tivesse um guia que facilitasse o

desabrochar de suas capacidades e que não atrapalhasse suas disposições naturais. A posição de Kant em sua carta conecta-se, portanto, ao conhecimento da natureza humana, de modo que ao descrever um pouco a criança em sua carta ele diz o seguinte:

Sua educação foi, até o momento, negativa; a melhor, a meu ver, que se pudesse dar a uma criança de sua idade: deixou-se desenvolver, sem constrangimento, a natureza e a sã razão próprias à sua idade, e impediu-se o que pudesse lhe propiciar, assim como ao seu temperamento, uma má orientação [*falsche Richtung*]. Ele foi educado na liberdade, sem se tornar, por isso, insuportável. Jamais se foi áspero com ele, e sempre se conservou sua brandura por meio de observações feitas com serenidade. Conquanto não tenha sido adestrado nas boas maneiras, ele foi preservado da má educação sem tornar-se medroso e tímido por repressão (*Br*, AA 10: 192).

Kant observa os impactos na personalidade da criança ao notar que ela se desenvolveu sem constrangimento. Até aquela altura a criança não tivera recebido uma educação instrutiva, positiva, mas apenas negativa. Aqui, a palavra negativa guarda uma relação com o termo disciplina, o que seria equivocado pensar que ela representa uma total ausência de liberdade, pois como podemos notar, a criança gozava de certa liberdade, a qual não ultrapassava os limites a ponto de tornar a si mesma insuportável aos outros. A falta de aspereza e o uso da serenidade no trato com as crianças também são elementos numa boa condução, como a experiência parece respaldar. Assim, observamos que a criança pode fazer um uso natural da razão a sua maneira, próprio à sua idade, sem com isto cair numa falsa direção; porém, é necessário preservar a criança de tudo o que desvie ela para uma falsa orientação (repressão, constrangimento, aspereza, excesso de liberdade etc.). No final, ao observar o detalhe da carta, notamos que o homem acaba se tornando aquilo que ele faz de si mesmo, aquilo que uma geração faz da outra no esforço de educá-la. Como podemos perceber, na infância o ser humano pode deixar-se desenvolver, mas é preciso uma boa orientação, a qual não só está presente entre as crianças ao longo da parte negativa, mas ao longo da parte instrutiva da educação.

Ambas as partes, a negativa e a positiva, são importantes para o homem que entrou no mundo, conforme “ordenou a providência”. A questão da orientação, que na parte da educação positiva (instrutiva) é reconhecida pelo que chamamos de *aplicação*, tem sua face também presente na educação negativa. Assim, toda a questão consiste em saber o que melhor orienta o homem. Quando ele tem conhecimento e conta com sua experiência a questão se torna: *como posso me orientar na aplicação de minha habilidade no mundo?* Mas quando ele está na infância e sua educação depende de outrem, a pergunta consiste em: *como posso orientar*, i.e.,

disciplinar (dirigir) as tendência naturais da criança? para que ela desenvolva bem suas disposições naturais no mundo. Ou ainda, como a criança pode aplicar suas forças e seus pendores corretamente no mundo? Numa questão ou noutra só podemos ter uma *resposta* segura se bebermos na fonte de uma antropologia, se conhecermos a natureza humana, ou seja, suas possibilidade e seus limites. É preciso dar uma forma (uma orientação) aos nossos pendores [Triben] já desde a infância para conformar bem suas inclinações; assim como, por outro lado, é preciso também dar uma forma (uma aplicação adequada) às nossas habilidades e aos nossos conhecimentos de acordo com as circunstâncias. Ambas as coisas são importantes quando se trata de educar o ser humano. Do mesmo modo acontece quando precisamos agir moralmente. Fazer a coisa certa (moralmente correta) exige algum tipo de orientação, alguma forma de direcionamento. Para nos direcionarmos moralmente em nossas ações Kant entendia que a razão é capaz de fornecer uma fórmula capaz de orientar no julgamento se elas são universais e necessárias: qualidades de um dever (e ação) moral. A esta fórmula Kant chamou de *Imperativo Categórico*.

Embora este Imperativo não seja propriamente nosso assunto, o ponto central aqui é que o homem busca constantemente por orientação, por um direcionamento para suas ações. Este aspecto característico do homem não pode ser esquecido quando o assunto é ensinar qualquer matéria, mesmo que esta seja ensinar conteúdos de caráter filosófico. Quando se trata de dar uma formação ao homem, essa formação [*Bildung*] dependerá de um direcionamento [*Anführung*], de uma condução ou guiança [*Führung*] e é por essa razão, que Kant se refere a criança na carta, dizendo que: “Ele é, desse modo, a *tábula rasa* sobre a qual nada foi ainda escrito, e que convém, agora, ser confiado a uma mão de mestre, para que aí sejam gravados os caracteres indeléveis da razão, da ciência e da probidade” (Br, AA 10: 192). Assim, chegamos no mundo, de um ponto de vista fenomênico, como uma *tábula rasa*, completamente baldo de representações e de princípios que nos orientem pela vida. O que precisamos inicialmente é de uma mão de mestre [*Meisterhand*] capaz de fomentar o uso, fazer exercitar e direcionar nossas faculdades. Esta noção de uma *Meisterhand* deve se fazer presente não apenas no seio da própria família, mas também em todos os espaços onde possa acontecer a relação ensino-aprendizagem, especialmente aqui no que toca ao professor em suas atividades junto aos alunos. O professor não deve ser definido em sua prática como alguém que somente instrui e transmite conteúdos, mas sobretudo como a mão que auxilia o aluno na orientação de suas forças e capacidades naturais, que direciona o aluno não apenas na aquisição, mas também no uso e na adequada aplicação de seus recursos intelectuais e materiais no mundo.

Na realidade, a busca pelo direcionamento está presente na própria natureza humana. Ao definir uma resposta para a pergunta “Que é o Iluminismo?” Kant diz que: *Iluminismo é a saída do homem da sua menoridade de que ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de se servir do entendimento sem orientação de outrem*” (WA, AA 08: 035). Notemos que na definição de menoridade encontramos o termo orientação [*Leitung*], de modo que sair da menoridade implica saber se orientar de forma independente. O próprio termo menoridade [*Unmündigkeit*] é composto de *mündig*, que quer dizer responsável, capaz, maior. Menor é aquele que ainda não sabe se conduzir (se orientar), aquele que ainda é incapaz de se valer do próprio entendimento, por ainda não ter desenvolvido plenamente o seu. Contudo, tão logo o homem desenvolva as suas capacidades e adquira a coragem necessária, ele poderá se valer de seu próprio entendimento. *Sapere aude!* A palavra orientação é importante aqui, pois para o homem participar do mundo ele deve ser guiado por ele mesmo e de forma alguma depender de outrem permanentemente, sem desenvolver suas capacidades e assumir suas responsabilidades. Numa passagem da *Antropologia Pragmática*, Kant escreve o seguinte:

A mais importante revolução no interior do ser humano é “a saída deste do estado de menoridade em que se encontra por sua própria culpa”. Enquanto até aqui outros pensam por ele, e ele simplesmente imitou ou precisou de andadeiras, agora, vacilante ainda, ele ousa avançar com os próprios pés no chão da experiência (*Anth*, AA 07: 228).

Não é uma tarefa inicialmente simples andar com os próprios pés, demanda coragem para arriscar e, além disso, para depois deixar as andadeiras e usar as próprias aptidões, sob o risco de cometer erros e de se responsabilizar por eles. Daí ser necessário o papel da educação, na tentativa de alavancar o homem para elevá-lo a condição de capaz de se servir de sua razão, para ensinar a como aplicar seus meios e assim conquistar seu espaço na sociedade e sua autonomia no mundo. Portanto, a questão da saída da menoridade também guarda relação com o *direcionamento* que o homem dá si mesmo mediante o uso de suas faculdades. Saber servir-se de seu entendimento é importante para se orientar no mundo. Essa orientação não pode se confundir também com o mero gesto de imitar o outro (embora a imitação jogue um importante papel em alguns casos), mas sim com a capacidade de se valer de sua imaginação e de suas capacidades superiores de forma autêntica. Kant compreende que ao usar suas capacidades o homem não deve usar as mesmas se apoiando em cópias, não deve exercer suas capacidades por mera imitação. Em uma passagem de sua *Lógica*, editada por Gottlob Benjamin Jäsche, observamos que Kant critica o uso da razão que meramente segue as pegadas dos outros, de modo que assim ele afirma:

A razão, é verdade, é um princípio ativo que não deve tomar nada de empréstimo à simples autoridade de outrem, nem sequer à experiência, quando se trata de seu uso *puro*. Mas a preguiça [*Trägheit*] de inúmeras pessoas faz com que elas prefiram seguir as pegadas dos outros [*in Anderer Fußtapfen treten*] a mobilizar as forças de seu próprio entendimento. Semelhantes pessoas só podem se tornar cópias de outras, e se todos fossem dessa espécie o mundo permaneceria sempre em um único e o mesmo lugar. Por isso é de suma importância e necessidade: não exortar a juventude, como de hábito acontece, à mera imitação [*Nachahmen*] (Log, AA 09: 76).

O hábito e a imitação não são amigos de um uso livre e autêntico da razão. Ao ensinar filosofia, o professor deve ter em mente esta prescrição negativa, a saber: *não permitir que os alunos pensem por hábito ou por imitação*. Em ambos os casos não há um exercício legítimo da razão. É comum que o ser humano sempre possa se apoiar ao longo de sua aprendizagem em modelos e exemplos. Mas há uma diferença importante aqui. Até mesmo Kant compreende que a faculdade de julgar, a qual é tida como um dom do qual muitos carecem, pode ser aguçada através de exemplos. Estes servem para manter a faculdade em exercício, para mantê-la ativa, ao invés de simplesmente passiva. Neste caso, o uso de exemplos para exercitar o juízo é diferente de seguir regras prontas, modelos acabados e que se tornam inadequados para diferentes situações e no trato de diferentes objetos. Na imitação o ser humano não está preocupado em exercer seu entendimento, ele segue regras e princípios definidos pelo entendimento alheio. Por esta razão, pensamos que é papel do professor estimular o entendimento do aluno sem impor o seu entendimento ao deste, mas sim possibilitar, que os alunos revisem constantemente os frutos de seu próprio entendimento.

A fim de poder usar suas faculdades e aplicar as mesmas aos diferentes contextos e situações do mundo, o aluno deverá prescindir de cópias e de imitações e buscar suas próprias regras que se vincularão aos fins e aos meios que dirigirão suas ações no mundo. A autoridade advinda do entendimento alheio não é a última palavra quando se trata de cada indivíduo lidar com os propósitos elegidos por ele para atuar sobre o mundo, mas sim sua razão. É tendo em vista isso, que Kant diz: *Sapere Aude!* Vale lembrar, que o uso da própria razão não a torna um ponto privilegiado e afastado do diálogo com as demais razões (dos demais indivíduos). Não se trata de manter-se afastado do entendimento dos outros (sem debates e discussões), mas também não se trata de seguir às cegas as pegadas dos outros [*in Anderer Fußtapfen treten*]. Um dos grandes desafios da educação é exatamente garantir que o aluno possa lançar mão de sua aprendizagem de forma autônoma e realizar as possibilidades que lhe são próprias. Como

Kant afirma, o mundo permaneceria no mesmo lugar se as pessoas copiassem simplesmente umas as outras.

Quando Kant afirma que o pedante é “a imitação malograda ou a *caricatura* do espírito *metódico*” (*Log*, AA 09: 46), ele está dizendo que não basta imitar um método, seguir princípios e regras admitidos por outrem, sem avaliar e submeter ao escrutínio das próprias faculdades o entendimento alheio. Comete-se o erro de reproduzir os erros e o prejuízo alheio, comete-se a falta de não ser inventivo e autêntico para consigo mesmo. Quando se trata de educar um estudante, é preciso lembrar que erudição não é tudo, mas sim o que fazemos com esta. Neste sentido, a coisa mais importante não é ter conteúdo, mas sim o que fazemos com o conteúdo que adquirimos. É tão interessante esta questão, a saber, o que fazemos a partir do que já temos, que devemos observar, a partir de uma breve observação antropológica pragmática, que não é um grave problema ignorar informações elementares, mas sim ser incapaz de formular corretamente uma pergunta. Na realidade, nunca saberemos sobre todas as coisas que se passam no mundo, nunca estaremos absolutamente atualizados de tudo o que acontece, sempre seremos leigos acerca de praticamente todos os assuntos. Importante é darmos um bom destino as poucas coisas que sabemos sobre o mundo, mas também saber fazer as perguntas certas, a fim de sermos corretamente instruídos. Em sua *Antropologia Pragmática*, Kant faz as seguintes observações:

Uma inteligência de compreensão *lenta* não é por isso uma inteligência fraca, assim como a de conceitos *rápidos* nem sempre é uma inteligência profunda, porém, freqüentemente muito superficial. [...] *Ignorância* não é estupidez, como supôs certa dama que, à pergunta de um acadêmico “Os cavalos comem também a noite”?, retrucou: “Como pode um homem sábio ser tão estúpido?”. Aliás, é prova de bom entendimento se o ser humano sabe ao menos como deve fazer bem uma pergunta (para ser instruído pela natureza, ou por outro ser humano) (*Anth*, AA 07: 102).

Estas linhas mostram que o conteúdo não é a única coisa com que o aluno ou o professor deve se preocupar. Quando investigamos de perto a natureza humana, percebemos, por exemplo, que a inteligência tem suas qualidades, como por exemplo, sua agilidade. Em algumas pessoas ela pode ser *rápida* em outras ela pode ser *lenta*. Numa investigação pragmática da inteligência, o que importa não é investigar a matéria com que se ocupa a inteligência, mas sim tratar dos aspectos de sua forma ao lidar com seus objetos, e isto, a fim de poder melhorá-la. Ao mesmo tempo, quando apreciamos a forma, notamos também que a inteligência em algumas pessoas pode ser *profunda*, bem como em outras pode ser *superficial*. A importância de levar o aluno a conhecer de perto o que é a natureza humana no curso de sua

educação, é para que ele possa desenvolver a si mesmo, não apenas para lhe instruir sobre o que ele pode fazer com o que lhe ensinam, mas como ele pode usar aquilo que lhe é ensinado para promover o desenvolvimento de suas capacidades. Assim, questões como: *O que posso fazer para ter uma inteligência profunda? para sair da superficialidade de uma inteligência estreita?* deveriam fazer parte da rotina dos estudantes. Essas são, por exemplo, perguntas que o professor e os alunos devem fazer a si mesmos. Perguntas que devem orientar também o ensino da filosofia.

Lembremos que conhecer os objetos no mundo é importante, porém mais do que isso é a *forma* como lidamos com os objetos no mundo. Um exemplo muito prático dessa forma com a qual lidamos com eles encontramos no exemplo dado por Kant, onde saber formular uma pergunta já é usar muito bem o entendimento no modo como lidamos com as coisas. Isso pode parecer estranho, mas ressaltamos que conforme elaboramos a pergunta podemos estar induzindo nosso raciocínio ao erro e criando assim falsas asserções sobre as coisas. Fazer bem uma pergunta, como diz a citação, já é começar a fazer um bom uso do entendimento, a fim de obter uma correta instrução. Na realidade, isso é de um valor metodológico fundamental para a filosofia, que lida constantemente com perguntas em suas investigações. Devemos neste sentido, explorar os aspectos formais que configuram nossa natureza pragmática, pois o afastamento dela poderá resultar numa mera impressão de que podemos estar fazendo um uso adequado das coisas nos afazeres do mundo, quando na verdade não estamos.

Também não queremos dizer com isso, que aquele que não conhece a natureza humana de um ponto de vista pragmático e de uma forma sistemática encontra-se, como resultado, desorientado no mundo. Pelo contrário, todo e qualquer ser humano ao adquirir experiências conhecerá em alguma medida a natureza humana. A posição de Kant, principalmente presente nas *Lições de Antropologia*, é que quanto mais conhecermos a nós mesmos como humanos (em um sentido pragmático) tanto melhor usaremos nossas habilidades e capacidades, tanto melhor desenvolveremos nossas aptidões naturais e, conseqüentemente, lidaremos melhor com o que facilita e dificulta nosso agir no mundo.³⁰ Esse *lidar* com o mundo não está apartado da *destinação* do próprio ser humano. Antes, a destinação do gênero humano trata-se de um imperativo da razão, pois esta destina o homem a ser digno do que ele é. Mesmo que ele não tenha uma representação clara de sua dignidade, sua razão lhe arrastará *ativamente*

³⁰ Em alguma medida todas as pessoas conhecem pragmaticamente quem são elas, embora não façam isso de uma forma sistemática, metódica e plenamente consciente. Para conhecer o homem de um ponto de vista pragmático, para extrair informações de sua natureza não é preciso imaginar que seja algo tão difícil. Kant afirma que ler peças e romances, conhecer a história de outras culturas, ser um observador de si mesmo e do comportamento alheio já constitui um bom começo, sem que alguém seja formalmente um antropólogo.

a ser digno dela. Pensamos que aquela posição antropológica tida por Kant não pode ser ignorada, mas sim deve andar lado a lado com qualquer concepção sobre educação, uma vez que o homem está destinado a se *cultivar, civilizar e moralizar*.³¹ Nada pode deter o movimento dessas três “rodas” constantemente a girar e a mover o homem, propelindo-o a sua dignidade, ainda que muitos nos apontem contraexemplos de que homem marche para destino algum. Na realidade, estes contraexemplos apenas significam forças antagônicas colocadas pela própria natureza, a fim de provocar no homem uma reação de suas disposições e um desenvolvimento destas ainda maior.

Para se cultivar, civilizar e moralizar o homem deverá contar com uma forma de saber sobre o mundo [*Weltkenntniß*], o qual é importante que esteja presente na sua vida desde muito cedo. Este saber lhe servirá como uma forma de *direcionamento* no curso de suas ocupações e conquistas ao longo de sua existência. Quando se trata de cultivar as potências do ser humano e sair da menoridade, Kant entende que este trabalho deve se voltar sobretudo sobre as capacidades superiores. O foco na memória, na imaginação e na atenção (cujo defeito é a distração), potências estas inferiores, deve ser dado tendo em vista o que elas podem servir ao entendimento, à faculdade de julgar e à razão. Antes, não se trata de desprezar as demais capacidades, mas como ele mesmo explica, “A principal regra é essa: não desenvolver separadamente uma potência por si mesma, mas desenvolver cada uma, levando em conta as outras, como a imaginação a serviço da inteligência” (*Päd*, AA 09: 472). Ainda em *Sobre a Pedagogia*, observamos que a educação deve cuidar não apenas do conteúdo em si que é aprendido, mas entender melhor a constituição humana, as *potências do entendimento* [*Verstandeskräfte*] do ser humano. Ao ressaltar o desenvolvimento daquelas três potências superiores, Kant nos chama a atenção em particular para o desenvolvimento das mesmas, através do uso de exemplos, como ele afirma na seguinte passagem:

“Entre as *potências do entendimento*, figuram o entendimento, a faculdade de julgar e a razão. Pode-se começar formando, ainda que passivamente, o entendimento citando exemplos que se apliquem a uma regra ou, ao contrário, a regra que se aplique a exemplos particulares. A faculdade de julgar mostra o uso que se deve fazer do entendimento. É necessária para se compreender bem o que se aprende ou se diz, e para não repetir dos outros o que se não

³¹ Lembremos aqui, que a destinação do ser humano acontece em três esferas distintas e interrelacionadas, as quais o homem deve trabalhar para o desenvolvimento de cada uma delas e a consequente dignidade de sua humanidade, tal como esta observação antropológica nos mostra: “O ser humano está destinado, por sua razão, a estar numa sociedade com seres humanos e a se *cultivar, civilizar e moralizar* nela por meio das artes e das ciências, e por maior que possa ser sua propensão animal a se abandonar *passivamente* aos atrativos da comodidade e do bem-estar, que ele denomina felicidade, ele está destinado a se tornar *ativamente* digno da humanidade na luta com os obstáculos que a rudeza de sua natureza coloca para ele” (*Anth*, AA 07: 325).

entendeu. Quantas pessoas lêem e escutam certas coisas, as quais admitem sem entender? Essa educação precisa de imagens e objetos” (*Päd*, AA 09: 476).

Esta passagem revela a preocupação que Kant tinha primeiramente em ensinar a como desenvolver suas faculdades. Poder-se-ia dizer que antes de se preocupar com a aquisição de algum conteúdo, a criança deveria primeiro aprender a como fazer um bom uso de suas próprias potências cognitivas. Como ele mesmo escreve, a formação de um bom entendimento pode ser estimulada na criança citando exemplos através dos quais ela saberá usar regras já dadas ou formar regras a partir de sua experiência e de seu próprio entendimento. Ao ensinar por meio de exemplos, as crianças podem encontrar regras para aqueles casos particulares, os quais tais regras se aplicam. A faculdade de julgar, a qual trata de discernir os casos, revela a importância de seu uso, tendo em vista o exercício conjunto com o do entendimento. A criança percebe assim a importância do juízo à medida que vai aprendendo através dos exemplos a existência de diferentes regras, as quais guardam relação com os exemplos discernidos pelo juízo. Além disso, como podemos perceber, a criança desenvolve suas potências através do exercício e, poderíamos dizer, do jogo [*Spiel*] de suas próprias faculdades [*Vermögen*]. Aqui, o verbo *jogar*, que em alemão é *spielen*, é muitas vezes usado por Kant e, não por acaso, parece se alinhar com três fatos interconectados: o jogar das diferentes faculdades presentes no ânimo do homem, onde algum efeito a partir desse jogo é então produzido; o jogar das crianças, que enquanto atividade lúdica desperta suas capacidades e interesse pelos objetos do mundo³²; e, por fim, o jogar ou o atuar do homem sobre o palco do mundo, onde ele não é apenas um simples espectador do mundo, mas atua sobre ele como protagonista de seu próprios fins.

Assim, podemos depreender da citação, que não basta ter apenas uma ou outra capacidade desenvolvida. Alguém que tenha aprendido regras, mas que não tenha desenvolvido seu juízo não saberá fazer um bom uso das mesmas. Percebemos neste sentido uma preocupação com a aplicação do que se aprende, e esta é a razão pela qual Kant escreve que a faculdade de julgar mostra *o que se deve fazer* com o entendimento. Portanto, sem o desenvolvimento da faculdade de julgar, pode-se incorrer na grave falta de não compreender bem o que se aprende ou se diz, ou ainda, de cometer o erro de repetir dos outros o que não se entendeu. Notamos

³² Em *Sobre a Pedagogia*, por exemplo, Kant diz o seguinte sobre o jogo de bola: “O jogo de bola é um dos melhores para as crianças, pois requer a corrida benfazeja. Em geral, os melhores jogos são aqueles que, além de desenvolver a habilidade, provocam exercício dos sentidos; por exemplo, o exercício da visão, ao julgar com exatidão a distância, a grandeza e a proporção, ao descobrir posições dos lugares conforme as regiões do céu com a ajuda do sol, e assim por diante: todos esses exercícios são muito bons” (*Päd*, AA 09: 467). Notemos que mesmo aqui, no simples ato de jogar bola, Kant considera o jogo importante para o exercício da faculdade julgar, para julgar corretamente sobre os objetos no espaço.

assim, uma preocupação em primeiro lugar em fazer um bom uso das faculdades para dessa forma melhor aplicar o conteúdo aprendido, mas também para evitar o erro presente neste. Precisamos primeiro entender o que é lido e escutado, para então fazer um uso aproveitável de qualquer conhecimento. Por sua vez, sabemos que a razão fornece ao homem princípios; contudo, é importante lembrar que na formação da razão na criança, a razão deve ser inicialmente dirigida, para que não ocorra um uso especulativo desnecessário e inadequado a sua idade, de modo que Kant assim afirma:

A razão faz conhecer os princípios. Mas é preciso ter em conta que aqui se trata de uma razão ainda dirigida. Esta não deve pretender sempre discorrer, mas ter o cuidado de não se exercer sobre aquilo que é superior aos conceitos. Aqui não se trata da razão especulativa, mas da reflexão a respeito do que acontece segundo as suas causas e seus efeitos. Trata-se de uma razão prática em sua economia e em sua disposição (*Päd*, AA 09: 476).

Como podemos perceber, a criança tem inicialmente um contato com a razão prática, conhecendo a natureza dela (em sua economia e em sua disposição), evitando inicialmente o uso de uma razão especulativa. Neste caso, é necessário que a criança compreenda aquilo que é causa oriunda da razão e aquilo que é um efeito dela, e isto, especificamente tendo em vista o seu uso prático. Tal faculdade deve ser dirigida, mas sem que essa condução signifique introduzir a criança num exercício que escape a sua compreensão, sem que discorra sobre o que está acima dos conceitos com os quais ela pode efetivamente lidar. Mesmo aquilo que Kant denomina, em seu texto *Sobre a Pedagogia*, de potências da índole [*Gemüthskräfte*], como é o caso da memória [*Gedächtnisses*], da atenção [*der Stärke der Aufmerksamkeit*], da imaginação [*Einbildungskraft*] etc, precisa ser cultivado por si mesmo, i.e., deixando que a criança exercite livremente, o que confere à sua formação um aspecto de autonomia. Sobre isso, observemos o que Kant afirma na seguinte passagem, a qual diz que:

A melhor maneira de cultivar as potências da índole consiste no fazer por si mesmo o que se quer fazer; por exemplo, pôr em prática a regra gramatical que se acabou de aprender. Compreendemos melhor um mapa geográfico quando o fazemos. O melhor modo de compreender é fazendo. Aprende-se mais solidamente e se grava de modo mais estável o que se aprende por si mesmo. Poucas pessoas se encontram nesta situação. Tais são chamados autodidatas [*grego- αὐτοδιδασκτοὶ*] (*Päd* AA 09: 477).

Sob a luz dessa passagem, observamos desse modo a importância que a prática, a aplicação e o exercício têm, segundo Kant, para uma efetiva aprendizagem. Ou seja, como ele mesmo afirma, é preciso colocar em prática a regra que se aprende, tal quando aprendemos

gramática falando. Só compreendemos melhor um mapa geográfico depois que nós mesmos desenhamos algum, daí a frase simples e assertiva de Kant: “O melhor modo de compreender é fazendo”.³³ Isso revela algo de sua forma de pensar o homem sob um ponto de vista pragmático, a qual é também um traço peculiar de sua forma de conceber o homem enquanto um ser que age sobre o mundo, compreendendo o mundo também à medida que ele atua sobre o mesmo. Neste sentido, a melhor forma de compreender o mundo e seus objetos é realmente buscando dar a eles algum fim ou sentido através do uso deles. Além disso, é analisando a natureza pragmática do homem, mais especificamente do autodidata, que Kant busca este como sendo em alguma medida o exemplo do homem que faz, que age, que tem autonomia, que “aprende por si mesmo” [*aus sich selbst lernt*], uma referência do que é ser autônomo no uso de suas capacidades. É importante ressaltar, que para cultivar a razão (uma das potências superiores) de forma ativa, Kant sugere que possamos aprender isso seguindo o método de Sócrates, afirmando entre outras coisas que:

No cultivo da razão é preciso praticar o método de Sócrates. Este, que se nomeava parteiro dos conhecimentos dos seus ouvintes, nos seus diálogos, que Platão de algum modo nos conservou, nos dá exemplos de como se pode guiar até mesmo pessoas idosas para retirar muita coisa de sua própria razão. Em muitos pontos não é necessário que as crianças exercitem a razão. Não devem subtilizar sobre todas as coisas. Não necessitam conhecer os fundamentos de tudo que pode aperfeiçoá-las; mas, quando se trata do dever, é necessário fazê-las conhecer os princípios. Contudo, devemos proceder de tal maneira que busquem por si mesmas estes conhecimentos, em vez de inculcar-lhos. (*Päd*, AA 09: 477).

Algumas coisas podemos abstrair dessa passagem para nossas reflexões. Podemos inicialmente perceber, que Kant toma de empréstimo algo da tradição filosófica antiga, como importante para o cultivo da razão [*Vernunft*] tanto para as crianças quanto para os adultos, a saber: a forma do diálogo socrático, o método maieutico. Segundo Kant, os diálogos platônicos nos forcem exemplos de como cultivar o uso da razão, a fim de conhecer os princípios causados por ela. Além disso, percebemos que direta ou indiretamente ele está não apenas mostrando uma forma de exercitar a razão, mas também uma forma de transmitir assuntos filosóficos: o diálogo. Em outras palavras, não é de agora e nem desde Kant que o uso de exemplos e do

³³ No original encontramos a seguinte sentença: “Das Verstehen hat zum größten Hülfsmittel das Hervorbringen”, a qual podemos alternativamente traduzir assim: “A compreensão tem como seu maior meio (auxiliar) o fazer”, querendo dizer que para compreender precisamos realizar, produzir, criar ou fazer (variações do verbo *hervorbringen*) aquilo que intencionamos compreender. Aqui é importante colocar em evidência o termo *Hülfsmittel*, que significa meio auxiliar, recurso. A sentença tem um teor pragmático não apenas quando ressalta o envolvimento com a prática, com o fazer, com o atuar sobre o mundo e sobre as coisas, mas também quando ressalta o meio [*Mittel*] para se chegar a algo, a algum efeito, a algum fim.

diálogo é tomado como um recurso importante para a transmissão de assuntos filosóficos. Ambos os meios refletem a tentativa de levar para o campo prático e cotidiano aquilo que tem origem na própria razão. Assim como Sócrates e Platão, Kant ressalta o uso da razão para alcançar o conhecimento puro, para extrair princípios práticos que nos fornecem um *direcionamento* de como agir no mundo. Devemos lembrar também, que a razão não é apenas uma fonte de princípios, mas é ela também o que possibilita fazer a inferência de novos conhecimentos, a partir daqueles extraídos do entendimento e da faculdade de julgar.

De acordo com Kant, é importante que o conhecimento não seja inculcado na criança, como vimos na citação, mas que ela participe ativamente no processo de aprendizagem do conhecimento através do uso ativo de suas faculdades. O professor deve proceder de forma favorável para que isso aconteça, uma vez que o propósito da educação é também o de fazer a criança usar corretamente e por si mesma suas capacidades, que ela aplique as mesmas aos objetos com os quais ela interage no mundo. Assim, percebemos que a preocupação, seja com a aplicação das aquisições escolásticas ou com o uso das próprias capacidades é uma constante no pensamento de Kant, presente tanto em sua antropologia quanto em sua pedagogia. O ensino de filosofia deve considerar que o professor estimule o aluno pelos caminhos da investigação. Numa notícia de suas preleções do semestre de inverno de 1765-1766, Kant escreve o seguinte:

O método peculiar de ensino na Filosofia é *zetético*, como lhe chamavam os Antigos (de *ζητειν*), isto é, *investigante*, e só se torna *dogmático*, isto é, *decidido*, no caso de uma razão mais exercitada em diferentes questões. Também o autor filosófico em que nos baseamos no ensino deve ser considerado, não como o modelo do juízo, mas apenas como o ensejo de julgarmos nós próprios sobre ele e até mesmo contra ele [...] (NEV AA 02: 307).³⁴

Com essa passagem, Kant sinaliza que ao ensinar filosofia o professor deve introduzir o aluno numa atmosfera investigativa, pois é no espaço da investigação onde o aluno melhor pode exercer a ação de seu juízo, de seu entendimento e de sua razão. O método investigativo é aquele onde o aluno experimentará, arriscará e exercitará as primeiras linhas do esboço de suas reflexões filosóficas. Não se trata de conduzir as aulas através de um método dogmático (decidido), o que só é permitido quando os sujeitos têm exercitado sua razão em diferentes assuntos e tem certo grau de domínio sobre suas capacidades. Além disso, o autor do manual que o professor se baseia não deve ser considerado o modelo do juízo, mas ele e seu

³⁴ Título original do texto: *Nachricht von der Einrichtung seiner Vorlesungen in dem Winterhalbjahre von 1765-1766*.

livro fornecem “o ensejo” [*Veranlassung*] onde o aluno e o professor podem julgar sobre eles e contra eles. Neste sentido, observamos, mais uma vez, que o que importa para o aluno não é tanto o conteúdo e nem mesmo a postura reverencial ao saber do manual, *mas sim como vamos aplicar nosso julgamento (nossas capacidades) e que tipo de efeitos a aplicação e o conteúdo sobre o qual aplicamos provoca ou desperta em nós (em termos de desenvolvimento do uso de nossas capacidades)*. Para Kant, no que diz respeito ao ensino de filosofia, o que importa não é o conteúdo em si, mas este é apenas um meio, um ensejo para um fim especial, a saber, o filosofar. Por essa razão, o método de ensinar filosofia deve ser um com qual o estudante aplique suas capacidades, pois como Kant assevera:

[...] o método de refletir e concluir *por conta própria* é aquilo cujo domínio o aprendiz está a rigor buscando, o qual também é o único que lhe pode ser útil, de tal sorte que os discernimentos decididos que por ventura se tenham obtido ao mesmo tempo têm que ser considerados como conseqüências contingentes dele, conseqüências estas para cuja plena abundância ele só tem de plantar em si mesmo a raiz fecunda (*NEV, AA 02: 307*).

Como podemos observar nessa citação, *refletir e concluir por conta própria* são formas de habilidade ou proficiência que o aluno deve atingir. Os frutos dos primeiros exercícios, os *discernimentos decididos*, são conseqüências contingentes das ações feitas por conta própria no início, mas que tende ao longo do tempo a aprofundar e desenvolver suas capacidades. Essas conseqüências são vistas como frutos cuja a abundância deles depende do cultivo de uma raiz fecunda no jovem aprendiz. Segundo Kant, o exercício deve compor este método investigativo de refletir e concluir, algo que implica exercitar as faculdades de conhecer, de modo que em sua notícia ele sugere que:

A regra do comportamento é, pois, a seguinte: antes de mais nada amadurecer o entendimento e acelerar seu crescimento, exercitando-o nos juízos da experiência e despertando sua atenção para aquilo que as sensações comparadas de seus sentidos possam ensinar [...] tudo, porém, em conformidade com aquela aptidão do entendimento que o exercício precedente houver necessariamente produzido nele e não em conformidade com aquela que o professor percebe, ou crê perceber, em si mesmo e que ele erroneamente também pressupõe em seu ouvinte (*NEV, AA 02: 306*).³⁵

De acordo com a citação, o papel do juízo da experiência [*Erfahrungsurtheilen*] (para o amadurecimento do entendimento) bem como o despertar da atenção para as sensações

³⁵ Embora estas sejam observações feitas na década de 60, Kant mantém seu pensamento mesmo ao longo do período crítico, manifestando em muitas partes, sobretudo na *Antropologia Pragmática* a importância de desenvolver o entendimento, mas ressaltando ainda o desenvolvimento conjunto do juízo e da razão.

comparadas são alguns dos meios de como as capacidades cognitivas do aluno podem ser exercitadas. Percebemos o tempo todo que Kant confere especial atenção a iniciativa do próprio aluno, pois importa que ele mesmo saiba se orientar, no lugar de apenas ser orientado, que ele mesmo busque aplicar seu entendimento as coisas do mundo, no lugar de apenas imitar o uso que os outros fazem. Ele considerava que a filosofia tinha uma didática especial, e essa didática se concentra fundamentalmente em levar o aluno a usar bem as próprias capacidades cognitivas. Mesmo que nos deparemos através dos textos de Kant com a distinção entre *aprender Filosofia* e *aprender a filosofar*, distinção na qual a primeira é marcada por uma impossibilidade, podemos pensar que a leitura dessa impossibilidade é, de algum modo, influenciada pela primazia do *aprender a filosofar* dada por Kant, e isto, devido as seguintes razões: (1) o uso *autônomo* do entendimento (algo que representa a saída da menoridade), (2) o uso do *conhecimento do mundo* na orientação e na aplicação do *conhecimento escolástico*, (3) o *desenvolvimento ativo das disposições naturais* (e aqui mais especificamente das faculdades do conhecimento) pela via do exercício, (4) a rejeição de toda forma de *imitação ou cópia* por parte do aluno em relação ao professor (em contraposição a valorização da autenticidade e da originalidade do aluno mediante o uso de suas próprias capacidades)³⁶, (5) a destituição do autor filosófico como modelo do juízo, sendo este autor na realidade um *ensejo para se exercer o próprio julgamento* sobre ele e até mesmo contra ele, (6) a inexistência de uma *Filosofia estável em todas as suas partes*, a qual *ainda não está dada*. Todas essas razões enumeradas e ainda outras, presentes em textos de diferentes épocas, conferem ao *aprender a filosofar* uma importância maior para Kant do que o *aprender a Filosofia*.

A primazia do *aprender a filosofar* pode ser percebida em seus textos não apenas porque Kant argumenta (até mesmo com boas razões) que não há uma *Filosofia* acabada a qual pudesse ser aprendida, tal como ele afirma na *Lógica Jäsche*, mas também porque “a filosofia é uma simples ideia de uma ciência possível, que em parte alguma é dada *in concreto*, mas de que procuramos aproximar-se por diferentes caminhos” (A 838/ B 866), como ele afirma na *Crítica da Razão Pura*.³⁷ De fato, não existe uma filosofia acabada (completa) e isenta de erros

³⁶ O verdadeiro filósofo e o verdadeiro exercício de *aprender a filosofar* deve considerar o pensar por si mesmo. Isso significa evitar fazer um uso imitativo da razão, como Kant nos diz: “O verdadeiro filósofo, portanto, na qualidade de quem pensa por si mesmo, tem que fazer um uso livre e pessoal de sua razão, não um uso servilmente imitativo. Mas tampouco deve fazer um uso *dialético*, isto é, visando dar aos conhecimentos uma *aparência de verdade e sabedoria* (Log, AA 09:26).

³⁷ Lembremos aqui as palavras de Kant sobre a impossibilidade de aprender Filosofia e o que esta palavra aqui quer designar, ou seja, uma Filosofia estável em todas as suas partes: “Como é que se poderia, a rigor, aprender a Filosofia? Todo pensador filosófico constrói, por assim dizer, sua obra própria sobre os destroços de uma obra alheia; mas jamais se erigiu uma que tenha sido estável em todas as suas partes. Não se pode aprender Filosofia já pela simples razão que *ela ainda não está dada*” (Log, AA 09:025).

(pelo menos aqui quem ousaria dizer que exista alguma?), mas isto não significa que daí não possamos aprender as “Filosofias” já escritas e todas as que estão sendo no momento discutidas, ainda que incompletas e cheias de lacunas e até mesmo carregadas de equívocos. Mesmo o próprio Kant já estava inteiramente consciente disso em sua prática de ensino. Por exemplo, ele diz o seguinte em sua notícia sobre o curso que pretendia ministrar no semestre de inverno de 1765-1766:

Os ensaios de *Shaftesbury*, *Hutcheson* e *Hume*, que, embora incompletos e falhos, são os que no entanto mais longe chegaram na busca dos fundamentos primeiros de toda moralidade, receberão aquela precisão e complementação que lhes faz falta e, considerando sempre de uma maneira histórica e filosófica na Doutrina da Virtude aquilo que *acontece*, antes de indicar o que deve *acontecer* [...] (NEV AA 02: 311).

Este trecho revela que Kant, muito antes de escrever a *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, parecia de alguma forma insatisfeito com as filosofias morais de sua época, pois o mesmo estava consciente dos limites e das deficiências de tais filosofias.³⁸ Embora incompletos e com falhas, os referidos ensaios foram os que em alguma medida mais longe alcançaram os fundamentos de toda moralidade. Portanto, Kant reconhecia não apenas a importância dos passos que foram dados através deles, mas também os limites e as falhas. Contudo, não é por apresentar erros, como podemos ler na citação, que aquelas filosofias, mesmo com todas as suas limitações, não devam ser estudadas em seus cursos. Além disso, é possível pensar que este ponto de vista kantiano sobre *aprender a Filosofia*, ou melhor, sobre a impossibilidade de *aprender a Filosofia*, seja algo de sua forma de pensar oriundo dos anos iniciais de seu pensamento, portanto, do período de sua notícia, fase esta pré-crítica, datada de 1765 e 1766.³⁹ Contudo, o que percebemos é que Kant não muda sua visão sobre isso ao longo do tempo, de modo que mesmo na *Crítica da Razão Pura*, datada de 1781, ele escreve o seguinte: “Entre todas as ciências racionais (*a priori*) só é possível, por conseguinte, aprender a matemática, mas nunca a filosofia (a não ser historicamente): quanto ao que respeita à razão, apenas se pode, no máximo, aprender a *filosofar*” (A 837/ B 865). O fato de não existir uma

³⁸ Não apenas este trecho, mas também muitos outros, em diferentes lugares de sua obra, revelam que Kant se debruçou sobre vários filósofos, obras e pensamentos concebidos ao longo da história da filosofia. Suas lições [*Vorlesungen*] constituem um exemplo forte do conhecimento que herdou da tradição, mas também daquilo que ensinou e utilizou na elaboração de sua própria obra.

³⁹ Já no período pré-crítico e, como exemplo, na mensagem de suas preleções do semestre de inverno de 1765-1766, observamos a primazia do *aprender a filosofar* defendida por Kant: “O adolescente que acabou sua formação escolar estava acostumado a *aprender*. Ele pensa que, de agora em diante, vai *aprender Filosofia*, o que porém é impossível, pois agora ele deve aprender a *filosofar*. [...] Para aprender, pois, a Filosofia, seria preciso que realmente já houvesse uma [...] (NEV AA 02: 306).

Filosofia acabada e definitiva não significa, na visão do próprio Kant, que não podemos fazer uma apreciação filosófica e histórica dos fundamentos estudados por outras filosofias. Pelo contrário, é até mesmo fundamental que assim procedamos, pois para *aprender a filosofar* precisamos inicialmente exercer nossas capacidades sobre os pensamentos filosóficos que foram até aqui legados.⁴⁰

Devemos lembrar, que quando se trata de ensinar filosofia todas as filosofias são um “ensejo” [*Veranlassung*] para que o aluno possa aplicar e assim exercer as suas faculdades superiores de conhecimento. Portanto, as filosofias são um ensejo para exercitar a razão e *aprender a filosofar*. Esta é a razão porque observamos Kant afirmar que ao homem cabe *aprender a filosofar* e ser impossível *aprender a Filosofia*, pois se por um lado o homem *pode aprender a fazer um bom uso de suas faculdades*, por outro ele não pode aprender propriamente a *Filosofia* (completa e isenta de erros) estável e inabalável em suas partes (tal como por exemplo é possível aprender a geometria euclidiana).⁴¹ O homem (e aqui o aluno) poderá sim, *de uma forma geral*, exercitar seu entendimento, seu juízo e sua razão *sobre os erros, os avanços e a incompletude das demais filosofias* e, dessa forma, saberá se orientar ao longo de sua existência através deste exercício feito por este caminho filosoficamente irregular e através de tudo que lhe for possível extrair daí; e, *de forma particular*, o homem enquanto filósofo (no que diz respeito aos problemas e questões filosóficas) poderá perceber e reparar as deficiências para assim avançar sobre as mesmas filosofias incompletas.

Neste sentido, é este exercitar que confere uma primazia ao *aprender a filosofar*, pois importa para Kant que o homem tenha um direcionamento [*Anführung*] nas suas ações a partir do uso (do exercício) autônomo de suas potências. Se apenas aprendermos todas as filosofias (incompletas e constituídas de erro), então estaremos diante apenas do conhecimento escolástico. Estaremos assim apenas colecionando informações e detalhes, de modo que isso pouco nos interessa para nos guiar através do mundo (i.e., para lidar com os desafios e as vicissitudes), caso não soubermos *como aplicar* este conhecimento filosófico de forma adequada. Essa aplicação só é possível se soubermos nos valer primeiro de nossas capacidades, do conhecimento da natureza humana e da livre iniciativa (coragem).

⁴⁰ Kant considera que para *aprender a filosofar* alguém precisa exercer tal aprendizagem sobre as filosofias até aqui legadas, de modo que ele equipara todas as filosofias até então feitas a uma história, a saber, a *história do uso da razão*, assim ele diz: “Ao contrário, quem quer aprender a filosofar tem o direito de considerar todos os sistemas da Filosofia tão-somente como uma *história do uso da razão* e como objetos do exercício de seu talento filosófico” (*Log*, AA 09:026).

⁴¹ Kant considera que a geometria euclidiana é um exemplo de um conhecimento correto e completo em suas partes, por esta razão, é possível aprender geometria euclidiana.

É por essa razão que Kant faz uma das sugestões mais assertivas quando se trata de ensinar filosofia, ao escrever o seguinte: “Em suma, ele [o professor] não deve ensinar *pensamentos*, mas a *pensar*; não se deve *carregá-lo* [o aluno], mas *guiá-lo*, se se quer que ele seja apto no futuro a *caminhar* por si próprio [*sich selbst zu gehen*] (NEV, AA 02:306). Assim, a orientação é mais importante do que a mera instrução. Ainda que Kant tenha dito isso no período pré-crítico, podemos entender que ele conserva essa posição mesmo durante o período crítico, como podemos perceber em seu texto *O que é o Iluminismo*, pois como ele escreve: “Se eu tiver um livro que tem entendimento por mim, um diretor espiritual que em vez de mim tem consciência moral, um médico que por mim decide da dieta, etc., então não preciso de eu próprio me esforçar (WA, AA 08: 035). Assim, se o aluno tiver um manual ou um professor que pense por ele, que carregue o aluno e não oportunize e possibilite este fazer sempre um uso mais correto de sua razão a ponto de caminhar por si mesmo, então o aluno nunca obterá orientação para se guiar nas situações da vida. Este aluno correrá o sério risco de ser vítima de suas próprias paixões e das paixões alheias, ele correrá o sério risco de ser refém de seus falsos julgamentos e dos julgamentos alheios, e isto, por não exercer os meios com os quais poderia evitar tudo isso.

Deste modo, mais importante que ensinar *pensamentos* é ensinar o aluno a *pensar*, a *caminhar* por si próprio, e Kant ainda acrescenta no início do parágrafo seguinte, exatamente isso: “Semelhante didática, exige-a a própria natureza da Filosofia [*Weltweisheit*]” (NEV, AA 02: 306). Assim, observamos que o termo *Weltweisheit* (o qual foi traduzido por Filosofia) faz uma remissão ao termo *mundo*, de modo que a didática apontada por Kant é a que se adequa a natureza de um *saber do mundo* ou de uma *sabedoria mundana*, saber que não apenas se volta teoricamente para o mundo, que não apenas pensa o quê é este, mas que sobretudo também orienta o homem em sua ação no mundo. Portanto, ensinar filosofia é uma prática que não deve perder de vista este ponto referencial maior para o aluno, o mundo, pois sua formação deve contribuir para que ele possa agir e desenvolver suas disposições técnicas, pragmáticas e morais sobre aquele.

A questão da aplicação do conhecimento para a realização dos fins humanos é uma questão tão essencial, que ela mesma atravessa a compreensão de Kant sobre o significado do conceito de Filosofia. Embora não seja nosso objetivo aqui discutir o conceito de Filosofia na obra de Kant, devemos ter mente que ele faz uma distinção importante entre o *conceito escolástico* e a Filosofia segundo o *conceito do mundo*, distinção esta importante para nossa discussão. Nessa divisão, o conceito de Filosofia segundo o *conceito do mundo* não se trata propriamente de uma Filosofia, mas sim de uma *ideia*, pois como Kant diz: “Pois a Filosofia é

a ideia de uma sabedoria perfeita que nos mostra os fins últimos da razão humana” (*Log*, AA 09: 024). Este conceito de Filosofia enquanto ideia é propriamente aquele de *filosofia do mundo*, o qual para melhor entendermos devemos observar a seguinte distinção:

A Filosofia é, pois, o sistema dos conhecimentos filosóficos ou dos conhecimentos racionais a partir de conceitos. Eis aí o conceito escolástico dessa ciência. Segundo o conceito do mundo, ela é a ciência dos fins últimos da razão humana. Este conceito ativo confere dignidade, isto é, um valor absoluto, à Filosofia. E, realmente, ela também é o único conhecimento que só tem valor intrínseco e aquilo que vem primeiro conferir valor a todos os demais conhecimentos (*Log*, AA 09: 023).

O conceito de filosofia enquanto um conjunto de conhecimentos sistemáticos é chamado de escolástico. A filosofia como escolástica instrui o homem teoricamente sobre os diferentes objetos do mundo. Mas enquanto a filosofia lida com os fins últimos do homem, ela então é vista sob a perspectiva de seu conceito do mundo, conceito este que se refere a ideia de uma sabedoria que mostra os fins (últimos) da razão. Neste sentido, não basta apenas aprender ou ensinar a filosofia que lida com os conhecimentos dos objetos, se aquela outra filosofia, a do mundo, não se fizer presente. Esta última filosofia tem um papel na orientação do homem, naquilo que ele faz de um ponto de vista prático em sua existência. Somente o conhecimento desta segunda filosofia (a do mundo) confere dignidade a todos os demais conhecimentos, dado o seu valor intrínseco.⁴² Além disso, Kant ressalta que todos os conhecimentos precisam estar relacionados e subordinados ao fim supremo, constituindo, portanto, uma unidade. Nenhum conhecimento deveria estar isolado de todo o conjunto restante, mas sim encontrar a unidade sob a qual devesse sistematicamente se articular com os demais. Assim, para a Filosofia, todo conhecimento tem seu lugar sob a unidade da razão e necessariamente se submete a ela, como observamos nesta passagem:

Pois a Filosofia no último sentido [enquanto filosofia do mundo] é, de fato, a ciência da relação de todo conhecimento e de todo uso da razão com o fim último da razão humana, ao qual, enquanto fim supremo, todos os outros fins estão subordinados, e no qual estes têm que se reunir de modo a constituir uma unidade” (*Log*, AA 09: 024).

⁴² O domínio desta filosofia é também conhecido como cosmopolita, a qual como afirma Kant pode ser reduzida a quatro questões, sendo a última de suma importância, pois engloba todas as outras: “1) O que posso saber? 2) O que devo fazer? 3) O que me é lícito esperar? 4) O que é o homem? À primeira questão responde a *Metafísica*; à segunda, a *Moral*; à terceira, a *Religião*; e à quarta, a *Antropologia*. Mas, no fundo, poderíamos atribuir todas essas à Antropologia, porque as três primeiras questões remetem à última” (*Log*, AA 09:025).

O conceito de filosofia do mundo confere a cada conhecimento e habilidade humana um lugar na unidade do todo das habilidades e dos conhecimentos que o homem pode aprender, dado ser este o conceito de filosofia que lida com a noção de fins racionais aos quais todo conhecimento e talento humano devem se submeter. Neste sentido, ao ensinar filosofia, o professor deveria ressaltar este papel da filosofia em discutir a *unidade* dos conhecimentos conferida pela própria razão, a qual é o fundamento da orientação do agir prático dos homens, na medida que a mesma determina os fins de acordo com os quais se deve agir. A oposição que ressaltamos entre os termos *escolástico* e *mundo*, também presente no conceito de filosofia segundo Kant, é apenas para indicar a *existência de uma necessidade de orientação sobre o aprendizado escolástico, de conferir fins às ações do homem e unidade a tudo que se aprende sobre o mundo*. A questão da *aplicação* e da *orientação* é tão relevante, que ela mesma atravessa também a compreensão do que é ser um filósofo para Kant, pois tendo em vista isso, não basta apenas obter habilidade e conhecimento a fim de se tornar um filósofo, é preciso mais do que isso para ser um, pois:

A um filósofo incumbem sobretudo duas coisas: 1) a cultura do talento e da habilidade, para empregá-los em vista de toda espécie de fins. 2) A destreza no emprego de todos os meios para quaisquer fins. As duas coisas têm que estar reunidas; pois, sem conhecimentos, jamais alguém há de se tornar filósofo, mas jamais tampouco os conhecimentos hão de fazer o filósofo, enquanto a isso não vier se juntar de modo a constituir uma unidade uma ligação funcional de todos os conhecimentos e habilidades e um discernimento da concordância dos mesmos com os fins mais elevados da razão humana (*Log*, AA 09: 025).

Por si só os conhecimentos e as habilidades não hão de fazer o filósofo, mas é preciso saber *como empregá-los*. É preciso saber como fazer estes conhecimentos terem uma orientação, ou seja, uma concordância com os fins. Da mesma forma, porém aplicando agora à sala de aula, não basta que o aluno apenas adquira conhecimentos, mas é preciso que ele veja sentido naquilo que está aprendendo, que enxergue uma finalidade, que ele saiba como aplicá-los, sem o que sua aprendizagem carecerá de sentido para sua existência no mundo. Compete a qualquer forma de ensino que o mesmo possa orientar o aluno a adquirir a destreza necessária para empregar seu conhecimento como meio para alcançar seus fins. Ao mesmo tempo, o aluno precisa conectar os saberes aprendidos, a fim de estabelecer uma relação entre os diferentes conteúdos e, além disso, submetê-los aos fins orientados pela razão. Tendo em vista isso, pensamos que se por um lado é papel da filosofia ocupar-se com aquela ligação funcional de todos os conhecimentos e habilidades numa unidade [*Einheit*], bem como com aquele

discernimento da concordância [*Einsicht in die Übereinstimmung*] com os fins; por outro lado, é papel do ensino de filosofia transmitir o conteúdo filosófico para o aluno, mas transmitir o mesmo indicando como este seu conhecimento filosófico pode se articular numa unidade com todos os outros conhecimentos, de modo a apoiar o aluno no uso e na aplicação, mas também na orientação de suas aprendizagens aos fins racionais que dirigem sua vida. É importante ressaltar, que uma tal divisão do conceito de Filosofia encontra-se presente não apenas na *Lógica Jäsche*, mas Kant fez também algumas considerações importantes na *Crítica da Razão Pura*, onde ele apresenta por um lado um conceito escolástico e por outro um conceito cósmico da Filosofia, como podemos observar na seguinte passagem:

Mas até aqui o conceito de filosofia é apenas um *conceito escolástico*, ou seja, o conceito de um sistema de conhecimento, que apenas é procurado como ciência, sem ter por fim outra coisa que não seja a unidade sistemática desse saber, por consequência, a perfeição *lógica* do conhecimento. Há, porém, ainda um *conceito cósmico* (*conceptus cosmicus*) que sempre serviu de fundamento a esta designação, especialmente quando, por assim dizer, era personificado e representado no ideal do *filósofo*, como um arquétipo. Deste ponto de vista a filosofia é a ciência da relação de todo o conhecimento aos fins essenciais da razão humana (*teleologia rationis humane*) e o filósofo não é um artista da razão, mas o legislador da razão humana (A 839/ B 867).

Neste sentido, é importante assinalar, que a Filosofia neste último conceito lida com a relação entre conhecimento e os fins essenciais da razão humana. O filósofo desta segunda concepção da filosofia, o qual segundo Kant apenas existe como um arquétipo, deveria, pois, encontrar sua devida aplicabilidade e utilizar os conhecimentos para as finalidades mais essenciais da razão humana, pois como ele afirma:

Neste sentido, seria demasiado orgulhoso chamar-se a si próprio um filósofo e pretender ter igualado o arquétipo, que não existe a não ser em idéia. O matemático, o físico, o lógico, por mais que possam ser brilhantes os progressos que os primeiros em geral façam no conhecimento racional e os segundos especialmente no conhecimento filosófico, são contudo artistas da razão. Há ainda um mestre no ideal que os reúne a todos, os utiliza como instrumentos, para promover os fins essenciais da razão humana (A 839/ 867).

Na realidade, pensamos que se não há uma Filosofia completa e segura em todas as suas partes, como diz Kant, então certamente não há um filósofo para a mesma, mas apenas um arquétipo para o qual deve existir filósofos que se aproximam do mesmo. Filósofos que, no segundo conceito dado por Kant (*conceito cósmico*), deveriam se aproximar o máximo possível da aplicação dos conhecimentos aos fins essenciais da razão. Assim, seguindo uma certa

analogia com a ideia arquetípica do filósofo do conceito cósmico de filosofia, podemos pensar que ao ensinar filosofia o professor deveria, o quanto lhe fosse possível, conduzir o seu ensino seguindo a ideia diretriz de que seu aluno pudesse aprender a aplicar todo seu conhecimento, no sentido filosoficamente escolástico, aos fins essenciais e racionais de sua vida. A fim de atingir este objetivo, o aluno deveria se orientar seguindo a ideia de que o homem é o *fim terminal* de tudo, e que a aplicação de todo conhecimento ao próprio ser humano precisa seguir necessariamente a orientação dada pela investigação da natureza deste mesmo ser que é concebido como *fim terminal*, ou seja, por uma investigação antropológica. Assim, a aplicação do conhecimento filosófico deve ser aprendida e exercida pelo aluno tendo em vista sua posição enquanto um fim terminal no próprio mundo, o que para isso, como já falamos, o *conhecimento do mundo* é essencial. Como já falamos inicialmente e mais uma vez reforçamos, porém agora citando a *Geografia Física*, Kant observa que o homem carece de uma instrução especial, com a qual ele pudesse aplicar seus conhecimentos e habilidades então conquistados. Além disso, ele ainda adverte em sua obra, que para melhor aplicar o que o homem já tem adquirido é preciso voltar-se para o conhecimento da natureza do sujeito [*Beschaffenheit des Subjectes*], de modo que ele escreve o seguinte:

Carece-se ainda de bastante instrução, como alguém pode levar seus conhecimentos já adquiridos à aplicação [*Anwendung*] e fazer um uso útil deles conforme seu entendimento, bem como conforme às circunstâncias em que se encontra, ou ter de dar ao nosso conhecimento um uso **prático**. E isso é o **conhecimento do mundo**. O mundo é o substrato e o palco [*Schauplatz*] onde o jogo [*Spiel*] de nossa habilidade acontece. É o chão sobre o qual nosso conhecimento é adquirido e aplicado [*angewendet*]. Mas para que isso possa ser levado a prática [*Ausübung*], ao que o entendimento diz que **deve** acontecer: é preciso então conhecer a natureza do sujeito, sem a qual o primeiro se torna impossível (PG, AA 09:158) [tradução nossa].⁴³

Assim, o mundo é o palco onde jogamos nosso jogo, encenamos nossa peça, vivemos nossas vidas. Por esta razão, nenhum método de ensino ou forma de educar deve perder de vista o que fazemos no mundo, ou seja, que fins adotamos e com que meios pretendemos alcançá-los. Tudo isso constitui uma preocupação a qual deve fazer parte de quem lida com o

⁴³ Original: “Es mangelt noch sehr an einer Unterweisung, wie man seine bereits erworbenen Erkenntnisse in Anwendung zu bringen und einen seinem Verstande, so wie den Verhältnissen, in denen man steht, gemäßen, nützlichen Gebrauch von ihnen zu machen, oder unsern Erkenntnissen das **Praktische** zu geben habe. Und dieses ist **die Kenntniß der Welt**. Die Welt ist das Substrat und der Schauplatz, auf dem das Spiel unserer Geschicklichkeit vor sich geht. Sie ist der Boden, auf dem unsere Erkenntnisse erworben und angewendet werden. Damit aber das in Ausübung könne gebracht werden, wovon der **Verstand** sagt, daß es geschehen **soll**: so muß man die Beschaffenheit des Subjectes kennen, ohne welches das erstere unmöglich wird“ (PG, AA 09:158).

conhecimento filosófico e com quem pretende ensinar este conhecimento. Kant nos deixa indicações de que para fazer isso precisamos estimular a originalidade do aluno; conduzir o mesmo pelo caminho do *conhecimento do mundo*, i.e., de uma *antropologia pragmática*, a fim de fazê-lo conhecer sua própria natureza; bem como possibilitar que o aluno caminhe por si mesmo, a fim de que possa sentir a força de suas próprias capacidades. A própria filosofia (com suas diferentes filosofias) é o campo onde o aluno exercitará sua razão, através do diálogo (no sentido socrático), mas onde se valerá também dos exemplos, através dos quais poderá exercer seu juízo sobre os objetos e as situações envolvidas.

Para Kant, importa que o aluno encontre as condições necessárias para dar um direcionamento [*Anführung*] a si mesmo, que o ensino não seja simplesmente marcado apenas pela mera aquisição, mas principalmente pela adequada aplicação [*Anwendung*] do aprendizado, pelo sentido deste e pela consciência sobre quais fins da razão o aprendizado deverá servir. Para finalizar, hoje muito se discute sobre uma educação que promova o protagonismo dos estudantes e sobre o papel da escola para que o sujeito conquiste seu lugar no mundo, mas o que queremos também destacar é que desde o século XVIII, estes temas já estão presentes com contornos diferentes, porém de forma não menos entusiasmada e bem fundamentada no pensamento e nas preleções dadas por Immanuel Kant. Seus textos, no que toca aos temas aqui discutidos, trazem contribuições originais e resgatam a importância de se conhecer profundamente a natureza humana, para que o homem em formação conquiste o seu lugar e realize seus propósitos no mundo.

5 CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho refletimos inicialmente sobre a distinção entre dois tipos de conhecimento: o escolástico e o conhecimento do mundo. Discutimos a importância de saber essa distinção para entendermos qual o papel que cada espécie de conhecimento joga na vida do ser humano. Ressaltamos que não basta apenas a mera aquisição de conhecimento, se não soubermos como aplicar as habilidades e tudo que aprendemos. Notamos aí, que entre uma espécie e outra de conhecimento a *aplicação* se interpõe como um tema que atravessa a posição de Kant na atuação do homem no mundo. A fim de perseguir seus fins e não meramente contemplar o mundo, vimos que compete o homem saber aplicar as aquisições de suas experiências. Para ressaltarmos aquela distinção, lançamos mão de algumas das *Lições de Antropologia*, anotações feitas pelos alunos ao longo dos cursos dados por Kant, que entre outras coisas registraram a preocupação que ele tinha em possibilitar que o conhecimento fosse de fato aplicado e tivesse um valor pragmático na vida dos sujeitos. Ao mesmo tempo, discutimos que o termo pragmático em Kant tem diferentes sentidos e que se articula com aspectos teleológicos e morais que atravessam a sua obra e fundamentam sua filosofia prática, fazendo-se presente também em sua antropologia. Em síntese, assinalamos no primeiro capítulo, que o ensino dos conteúdos ministrados nas aulas de antropologia dadas por Kant (as quais não deixam de ser aulas de filosofia) era atravessado pelo aspecto formal de que o conteúdo (ou matéria) do conhecimento escolástico deveria se guiar em sua aplicação seguindo as balizas do conhecimento da natureza humana.

Além dessa distinção, vimos na segunda parte deste trabalho, que a aplicação dos conhecimentos se vincula a uma educação que oriente ou guie o homem no curso do mundo, que cuide de uma formação que possa conferir-lhe um *direcionamento* no uso de suas capacidades. Neste sentido, vimos, a partir de observações extraídas do texto *Sobre a Pedagogia*, que a educação do homem deve auxiliá-lo no desenvolvimento de suas disposições naturais e no uso que ele pode fazer das mesmas para alcançar os fins que ele dá a si mesmo. Observamos que a educação deve ter uma parte negativa e positiva, mas que ambas devem auxiliar o homem no que diz respeito ao modo como ele deverá lidar com seus afazeres no mundo. Ao homem está dado, conforme determinou a natureza (Providência), cuidar de sua própria felicidade e extrair tudo aquilo que for necessário de si mesmo para ser feliz (desde que em consonância com a moralidade). Mas essa conquista depende do bom uso e da orientação de suas disposições, de seus conhecimentos e habilidades, o que acontecerá, conforme defende Kant, se sua educação lançar mão do conhecimento sobre sua natureza. Sobre este ponto,

avancamos com um exemplo extraído de sua *Antropológico Pragmático* sobre o conhecimento das capacidades cognitivas superiores, a fim de mostrar que é conhecendo, por exemplo, as faculdades de conhecimento, que o homem pode fazer um melhor uso de seu entendimento, de seu juízo e de sua razão, na aplicação de suas habilidades e conhecimentos no mundo.

Na terceira parte do trabalho, observamos a importância de se refletir a escolha não apenas dos meios, mas também dos fins que representam os propósitos de nossas ações no mundo. A educação deve cuidar em fornecer um *direcionamento* na vida dos homens, mas ao mesmo tempo dar uma orientação para os fins a serem perseguidos, pois os fins se articulam com as aquisições escolásticas que o ser humano faz na vida, aquisições cujo o uso deve se orientar e se submeter aos fins essenciais da razão. Todo o esforço de aprender habilidades e obter algum grau de instrução encontra seu sentido exatamente no fim ao qual pretendemos dar à aquelas habilidades. Observamos que para Kant o conteúdo filosófico é de grande importância para o desenvolvimento de um pensar autônomo, daí sua preocupação em fazer um bom uso da razão, em de fato *aprender a filosofar*. O estudante deve conhecer a natureza humana não apenas para desenvolver melhor suas faculdades, mas também porque são suas faculdades que possibilitam o homem fazer uma aplicação correta de seu conhecimento e, dentre estes, o próprio conhecimento filosófico. Para Kant, a transmissão da filosofia não se dá por uma imitação e nem mesmo sem o livre exercício das faculdades de conhecimento. A filosofia torna-se importante aos estudantes por se tornar um *ensejo* para desenvolver as faculdades com as quais aplicarão suas aprendizagens na realização de seus objetivos no mundo. Por fim, temos visto que o conteúdo filosófico por sua vez tanto pode auxiliar o homem no uso de suas faculdades, assim como o professor deveria considerar e discutir as nuances da natureza humana junto aos seus alunos, a fim de que os mesmos possam melhor aplicar aquilo que filosoficamente lhes é transmitido.⁴⁴

⁴⁴ Podemos dizer, dentro de um esquema geral, que tratamos em cada capítulo deste trabalho os seguintes assuntos: No capítulo 1, discutimos a diferença entre os dois tipos de conhecimento (*o do mundo e o escolástico*) e vimos porque o *conhecimento escolástico* depende para a sua aplicação do conhecimento antropológico pragmático. No capítulo 2, discutimos porque a antropologia é importante para a *formação* do homem e o desenvolvimento de suas disposições, bem como vimos, a título de exemplo, porque conhecer as capacidades de conhecimento superiores (entendimento, juízo e razão) é fundamental na aplicação do conhecimento escolástico e para o direcionamento do homem no mundo. Por fim, no capítulo 3, discutimos porquê de acordo com Kant o *conhecimento antropológico pragmático* daquelas capacidades superiores vem a ser essencial não apenas para o uso e o desenvolvimento delas, mas para o próprio desenvolvimento do exercício filosófico (aprender a filosofar), para a transmissão ou o ensino da filosofia. Acrescido a isso, vimos ainda no capítulo 3, que o *conhecimento antropológico pragmático* também é essencial para conhecer o papel dessas capacidades superiores na unidade dos fins essenciais do homem e na *orientação* de todo uso de seus conhecimentos e habilidades *aplicados* no decurso de suas ações no mundo daqueles fins.

REFERÊNCIAS

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Trad. Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Introdução de notas de Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste, 2001.

_____. **Antropologia de um ponto de vista pragmático**. Trad. de Clélia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006.

_____. **Crítica da Faculdade de Julgar**. Trad. Valério Rohden e Antônio Marques. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

_____. **Sobre a pedagogia**. Trad. de Francisco Cock Fontanella. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2002.

_____. **À Paz Perpétua**. In: *À Paz Perpétua e outros opúsculos*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1995.

_____. **Sobre a expressão corrente: Isto pode ser correto na teoria, mas nada vale na prática**. In: *A paz perpétua e outros opúsculos*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1995.

_____. **Fundamentação da Metafísica dos Costumes**. Trad. Guido Antônio de Almeida. Discurso Editorial, Barcarola. 2010.

_____. **Resposta à pergunta: “O que é o Iluminismo?”**. In: *A paz perpétua e outros opúsculos*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1995.

_____. **Notícia do Prof. Immanuel Kant sobre a organização de suas preleções no Semestre de Inverno de 1765-1766**. In: *Lógica*. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 2011. p. 140 - 148.

_____. **Lógica**. Tradução de Guido Antônio de Almeida. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2011.

KANT, I.; MENEZES, E. Cartas sobre educação e ensino (cartas 109, 122 e 136). **Cadernos de Filosofia Alemã: Crítica e Modernidade**, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 163-171, 2016. DOI: 10.11606/issn.2318-9800.v21i1p163-171. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/filosofiaalema/article/view/115993>. Acesso em: 29 set. 2022.

_____. **Physische Geographie**. Akademie Ausgabe of the Gesammelten Schriften, (AK.9), Berlin und Leipzig: Walter de Gruyter, 1923.

_____. **A metafísica dos costumes**. Trad. de José Lamego. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

_____. **Vorlesungen über Anthropologie (Vorlesungen Wintersemester 1775/1776 Friedländer** [Gesammelte Schriften] Kants gesammelte Schriften Bd. 25. Berlin: Walter de Gruyter, 1997.

_____. **Vorlesungen über Antropologie (Vorlesungen Wintersemester 1788/89 [?] Busolt).** [Gesammelte Schriften] Kants gesammelte Schriften. Bd. 25. Berlin: Walter de Gruyter, 1997.

_____. **Vorlesungen über Anthropologie (Vorlesungen Wintersemester 1772/1773 Collins).** [Gesammelte Schriften] Kants gesammelte Schriften. Bd. 25. Berlin: Walter de Gruyter, 1997.

_____. **Vorlesungen über Anthropologie (Vorlesungen Wintersemester 1781/1782 Menschenkunde).** [Gesammelte Schriften] Kants gesammelte Schriften. Bd. 25. Berlin: Walter de Gruyter, 1997.

_____. **Vorlesungen über Anthropologie (Vorlesungen Wintersemester 1784/1785 Mrongovius).** [Gesammelte Schriften] Kants gesammelte Schriften. Bd. 25. Berlin: Walter de Gruyter, 1997.

_____. **Vorlesungen über Anthropologie (Vorlesungen Wintersemester 1777/1778 Pillau).** [Gesammelte Schriften] Kants gesammelte Schriften. Bd. 25. Berlin: Walter de Gruyter, 1997.

SHAKESPEARE, William. **Hamlet.** Trad. Lawrence Flores Pereira. São Paulo: Penguin Companhia, 2015.